

12
anos

revista

Barbante

VOL. XII - Nº 64 - 30 DE JUNHO DE 2024
ISSN 2238-1414

O ensino da arte na contemporaneidade
Página 10



Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Barbante está feliz com a publicação deste número 64! A cada dia, crescemos mais um pouquinho com as colaborações de vocês, as quais chegam de cá e de lá! No mês junino, a Barbante, ainda que tímida, é uma menina que gosta de brincar no arraial; pula fogueira e faz uma quadrilha com seus bonecos, tudo embalado com deliciosas comidas típicas.

Esta nova edição contém textos de artigos científicos, resumos, ensaios, cartas, contos, crônicas e poemas. Na vastidão do arraial da Barbante, compartilhamos produções riquíssimas de autores/as, pesquisadores/as, poetas e escritores/as proficientes, compromissados/as com a ciência e a arte!

Estamos muito satisfeitos/as pela confirmação de que vocês acreditam em nosso trabalho. No ritmo do xote, do xaxado e do baião, contribuímos, em conjunto, para transformar vidas e remodelar realidades, identidades, ao valorizar e refletir parte do imaginário sociocultural, educacional, histórico e político brasileiro.

A Barbante está ainda mais rica e potente com os trabalhos de vocês, que nos leem e nos escrevem, incansavelmente! A nossa gratidão a todos/as que, junto a nós, criam laços afetivos de amor e de cuidado entre autores/as que buscam fazer da ciência e da literatura dois meios de aproximar pessoas, ideologias e saberes.

Esperamos que possamos contar com vocês, também, nos próximos arraiais espalhados por esse mundão!

Ótima leitura! Viva o arraial da Barbante!

Os editores.



Artigos

Crítica à publicidade em ‘O Império do Efêmero’ de Lipovetsky¹

André de Castro²

RESUMO

À primeira análise, a publicidade pode ser encarada como apenas extensão do mundo mercadológico, isto é, com o simples intuito de venda de produto. Mas será apenas essa sua propriedade? O que há por detrás deste ‘muro público’ bem apresentável distribuído em toda parte? Em vista de uma investigação mais profunda do fenômeno *publicidade* valer-se-á nesta comunicação da estatura filosófica de Gilles Lipovetsky a fim de enxergarmos este ‘por detrás’, ou seja, além do que nos é apresentado. Mais precisamente, exporemos sua crítica encontrada no capítulo intitulado ‘A publicidade mostra suas garras’ na obra ‘*O Império do Efêmero*’.

Palavras-chave: Publicidade. Lipovetsky. O Império do Efêmero.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação tem por objetivo colocar à mostra, ainda que modestamente e de modo preciso, a exposição de Lipovetsky acerca do fenômeno *publicidade* encontrado nos capítulos que compõem a parte II de sua obra ‘*O império do Efêmero*’.

A fim de cumprir este propósito bem como tornar a comunicação mais compreensível seguirei a seguinte rota: 1) Justificarei a escolha do tema em questão; 2) Exporei a posição de Lipovetsky sobre a temática e 3) Farei uma saudável provocação.

Com efeito, o primeiro passo da rota embora introdutivo, não é irrelevante já que diz respeito à compreensão da comunicação mesma. Por que numa série quase que infinitesimal de abordagem se escolheu logo esta? De um horizonte filosófico vastíssimo qual a razão de optar por este atômico objeto? Deixar de fazê-lo seria descuidar o próprio espírito filosófico o qual sempre busca as bases do que quer que seja, bem como ‘descuido pedagógico’ com os envolvidos em minha explanação.

No segundo momento, é o núcleo, a matéria bruta de meu trabalho. É de se sublinhar que o objetivo consiste em expor o pensamento do autor e não problematizá-lo, criticá-lo o que exigiria mais tempo(e também competência!); o que não nos é permitido aqui. Podemos dizer que é um esforço preliminar sobre o objeto em análise.

Por fim, chegaremos não em um termo, mas um convite a explorar mais seriamente a temática, tão visível sob nossos olhos mas sobremaneira recôndito à reflexão.

ATUALIDADE E INSUFICIÊNCIA

Aquilo que Zygmunt Bauman em ‘*Capitalismo parasitário*’ diz sobre a sustentabilidade da nossa sociedade alimentada pelo consumo e pelo crédito, isto é, que ‘ainda não começamos a pensar seriamente’³

1 Comunicação conta com a orientação da Profa. Raphaela Cândido.

2 Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza.

3 BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**, 2010, tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Zahar.

podemos afirmá-lo, ainda que por prudência não totalmente, quanto à publicidade.

Mesmo sendo um fenômeno que invade nossas retinas(tal qual uma *tsunami* de sugestão e símbolo), no entanto ainda não o levamos em consideração criticamente. Portanto, propus fazê-lo aqui. Faço-o me valendo do aporte filosófico do francês Lipovetsky, não por ‘moda’ ou por ser ‘pop’ e sim por sua visível competência no campo.

Passando pelo primeiro momento da rota, agora refletimos o que interessa: a exposição de Lipovetsky.

O MURO DA PUBLICIDADE IMEDIATA

De fato, Lipovetsky não pensa apenas *seriamente* a publicidade, mas também o faz ironicamente e até de modo bem-humorado. Em sua obra *‘O Império do Efêmero - A moda e seu destino nas sociedades modernas’* o filósofo francês dedica três momentos⁴ específicos à publicidade. A exposição do pensamento do autor a qual me dedico aqui se restringiu a dois destes momentos.

Lipovetsky inicia a parte *‘A publicidade mostra suas garras’* mostrando a razão pela qual a publicidade ver seu futuro promissor(‘cor-de-rosa’); a partir disso podemos destacar sua propriedade mais geral: a *oniabrangência*(‘televisões estatais, colóquios, manifestações artísticas e esportivas, filmes, artigos de todos os gêneros’). É evidente, pois nos cerca onde vamos, desde outdoor aos nossos aparelhos de telefone móvel em nossos bolsos.

Contudo, esta oniabrangência da publicidade não diz respeito apenas a sua localidade, isto é, a ampla variação de lugares em que ela se expande. Mas sim sua multiplicidade em áreas de influências. Em outras palavras, sua atuação em vários campos da sociedade e da cultura: arte, esporte, política etc. É, como define Lipovetsky mesmo, a ‘publicidade sem fronteiras’. Ela estende seus tentáculos tanto à arte como ao cinema, não só, em frenesi busca abranger até mesmo a história:

“(…)a publicidade entra no museu, organizam-se exposições retrospectivas de cartazes, distribuem-se prêmios de qualidade, é vendida em cartões-postais. Fim da era do reclame, viva a comunicação criativa, a publicidade cobiça a arte e o cinema, põe-se a sonhar em abarcar a história”⁵.

A publicidade não poupa nem mesmo o Estado a ponto de torná-lo até em ‘primeiro anunciante’. É tão expressivo a atuação neste campo que a título de exemplo podemos destacar o quanto se é gasto no Brasil com publicidade de utilidade pública: em 2018 foi R\$ 229,49 milhões de R\$ 430,27 milhões orçado, em 2019 já se gastou R\$ 76,55 milhões de um total esperado de R\$ 418,18 milhões⁶.

Outra propriedade que podemos destacar da publicidade é o processo evolutivo pela qual esta passou. Lipovetsky assinala que a publicidade empenhava-se há algum tempo em convencer, em mostrar os atributos do produto fazendo-o mais verossímil com a coisa mesma. Em outras palavras, a publicidade ocupava-se em fazer o objeto crível.

Segundo Lipovetsky esta tendência está em recuo, agora o imperativo da publicidade é mais descontraído: ‘fazer sorrir, surpreender, divertir’. O slogan da publicidade joga com a imaginação e a irreabilidade. A publicidade chegou ao estágio da criatividade em que a marca é personalizada:

“É a era da publicidade criativa, da festa espetacular: os produtos devem tornar-se estrelas, é

4 ‘Publicidade chique e choque’ e ‘Uma força tranquila’.

5 p.156

6 “PUBLICIDADE DE UTILIDADE PÚBLICA - Portal da ...” <http://transparencia.gov.br/programas-e-aco-es/acao/4641-publicidade-de-utilidade-publica>. Acessado em 15 out. 2019.

*preciso transformar os produtos em “seres vivos”, criar “marcas pessoa” com um estilo e um caráter. Não mais enumerar performances anônimas e qualidades insipidamente objetivas, mas comunicar uma “personalidade de marca”*⁷.

Em síntese, a partir do que fora exposto por Lipovetsky acerca da evolução da publicidade, ainda que brevemente, podemos destacar um primeiro momento da publicidade; com matizes mais *informativa*, voltada para o convencimento do produto e um segundo momento mais expansivo, *criativo*.

Embora com uma abordagem diferente acerca da publicidade, Baudrillard pensa a evolução da publicidade como a passagem da informação à persuasão e desta ao consumo dirigido⁸.

POR DETRÁS DO MURO

Vemos acima duas propriedades da publicidade: sua onibragência enquanto expansividade e influência bem como seu processo evolutivo: da publicidade informativa à criativa. Até aqui podemos pensar não ter nada de novidade ou então se nos demorasse um pouco na reflexão da publicidade chegaríamos às mesmas conclusões.

Contudo, as propriedades que se seguem não se nos manifestam tão evidentes como as referidas acima, falo das relações em que Lipovetsky faz-nos ver da publicidade com a *moda*, com a *sedução* e a *estética*.

PUBLICIDADE E MODA

Em Lipovetsky a relação entre publicidade e moda é de imbricação: uma e outra se encontram tão ligadas que não podemos separá-las sem deformar a compreensão de ambas. Uma e outra trabalham com o mesmo princípio: ‘a originalidade a qualquer preço, a mudança permanente, o efêmero’. Para Lipovetsky assim como a moda não pode ser separada da estetização da pessoa assim a publicidade ‘funciona como cosmético da comunicação’. Como a moda, a publicidade é feita para ser imediatamente esquecida⁹.

Ademais, em Lipovetsky publicidade e moda não são apenas recursos mercadológicos, de embelezamento ou informação, ambos envolvem diretamente os sujeitos e a sociedade. Ambos, a seu modo, decoram os espaços sociais e assim nossa própria cotidianidade, diz ele:

*“Da mesma maneira que a moda, a publicidade se dirige principalmente ao olho, é promessa de beleza, sedução das aparências, ambiência idealizada antes de ser informação. Toma lugar no processo de estetização e de decoração generalizada da vida cotidiana, paralelamente ao design industrial, à renovação dos bairros antigos, à camuflagem de antenas, à decoração das vitrines, ao paisagismo”*¹⁰.

Dito isso, vê-se que um e outra não apenas se inserem na realidade social, ao nosso cotidiano como um componente aleatório e alheio destes, mas os *estetiza, decora-os*. Um e outro também lançam ‘moda’ a nível social.

Por fim, é tão expressivo a relação publicidade e moda que Lipovetsky afirma ser aquela ‘a própria moda na

7 Op. cit. p.158

8 In LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de Massa**. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.p.273

9 Op.cit.p.161

10 Op.cit.p.160

ordem da comunicação'¹¹, como também um 'discurso de moda'.

PUBLICIDADE E SEDUÇÃO

Num primeiro momento da publicidade, como dissemos acima, esta ornavase-se mais modestamente, isto é, estava preocupada apenas em propagar a virtude da coisa. Desse modo, a sedução imitava esse mesmo look. Boiando hoje a publicidade na fantasia e no espetáculo de igual modo a sedução vê-se livre a fim de 'expandir-se a si mesma'.

Mas como funciona a sedução? Em que consiste este: está livre? Expandir-se a si mesma? Lipovetsky diz que a sedução funciona pelo lúdico, pelo teatral e pelo superlativo¹². Isso quer dizer que a publicidade faz apelo à sedução não para se tornar mais convincente, chamar atenção para si ou ganhar gratificação. Podemos dizer que a sedução são os fogos de artifícios da publicidade, ela brinca com o real e o racional, ela sorri quase como em protesto contra a seriedade da vida. A sedução faz companhia a publicidade no imperativo do fantástico e do surreal.

Aqui deixo uma reflexão: será que este joguete com a realidade por meio do qual a publicidade faz-se divertida e diverte, em suma, seduz, não vem omitir, de algum modo, a 'sociedade real e suas contradições'¹³?

PUBLICIDADE E ESTÉTICA

Para Lipovetsky a estética é o eixo primordial para a publicidade, isto é, o trabalho publicitário não pode passar sem ela. Isso não diz respeito apenas ao aspecto atrativo dos materiais por meios dos quais a publicidade circula, mas sim a tudo quanto possa ser explorado: rostos, cenários, fotos de alta qualidade. Segundo Lipovetsky a publicidade '*poetiza o produto e a marca, idealiza o trivial da mercadoria*'. Com isso se realça ainda mais o aspecto evolutivo da publicidade em que os produtos mesmo perdem espaço para a sua própria espetacularização.

Dois campos explorados pelo fator estético na publicidade são os produtos cosméticos e as marcas de perfumaria. Vê-se costumeiramente aí o refinamento e a sofisticação. O 'efeito chique' de tais marcas não é só valorizado, mas tem suas gratificações. A título de exemplo, um levantamento da consultoria *Brand Finance* em 2013 mostrou as 20 maiores marcas de beleza, dentre estas a primeira, que é norte-americana (Olay), vale US\$ 11,7 bilhões e enquanto a marca francesa (Nivea) custa US\$ 8,7 bilhões¹⁴.

Contudo, este efeito chique não é só da ossada do ramo de cosméticos e de perfumaria, mas também as de vestuário, álcool, cigarro etc. O jogo de charme da publicidade cada vez irradia e toma espaço na realidade social.

Podemos concluir que tanto a relação *publicidade-moda* e *publicidade-sedução* como a relação *publicidade-estética* são responsáveis pela 'maquiagem do real' a que se refere Lipovetsky.

Se '*o cotidiano é o incógnito do mistério*'¹⁵, como diz Mário Quintana com a expansão da

11 Idem

12 "A sedução funciona cada vez menos pela solicitude, pela atenção calorosa, pela gratificação, e cada vez mais pelo lúdico, pela teatralidade hollywoodiana, pela gratuidade superlativa (AX: "Revolucionário!"). Acreditou-se demasiadamente que a essência da publicidade residia em seu poder de destilar calor comunicativo, que conseguia conquistar-nos por sua instância maternal cheia de pequenos cuidados por nós".

13 Ver a crítica de Baudrillard à publicidade que faz silenciar os processos objetivos de produção e de mercado in LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de Massa**. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.p.279

14 "As 20 marcas de beleza mais valiosas do mundo | EXAME." 10 abr. 2013, <https://exame.abril.com.br/marketing/as-20-marcas-de-beleza-mais-valiosas-do-mundo/>. Acessado em 18 out. 2019.

15 QUINTANA, Mario. 80 anos de poesia, seleção e organização de Tania Franco Carvalho. São Paulo: Globo, 2008.

publicidade e seus tentáculos(modas, sedução e estética) a todos os lados do cotidiano este, cada vez mais parece-nos sobremaneira ‘incógnito’ e ‘misterioso’.

CONCLUSÃO

Refazendo a trajetória percorrida em torno do fenômeno publicidade enxergamos o que havia por trás dele: algo mais do que sua habitual aparência. Deparamo-nos e nos espantamos com sua onibragência, seu domínio expansivo em múltiplos campos da sociedade e da cultura. Nem mesmo o mundo político, com suas peculiaridades, pode-lhe escapar.

Observamos, ainda que brevemente, o processo evolutivo da publicidade; em dois momentos com características bem acentuadas. O primeiro, mais informativo, voltada para a persuasão sobre o produto. O segundo, mais criativo, extrapolando e jogando com a realidade, o humor e a fantasia.

Em seguida, lançamos nosso olhar para adiante. Fitamos a publicidade em relação com categorias que a primeira vista incomuns, mas que Lipovetsky apresentou-nos bem atreladas e com matizes surpreendentes: a *moda*, a *sedução* e a *estética*.

A bem da verdade, outros caminhos poderiam ser tomados, outras descobertas poderiam surgir. Porém, o intento a que me dediquei fora alcançado: apresentar a crítica da publicidade de Lipovetsky em “*O Império do Efêmero*”. Mais especificamente nos capítulos ‘*Publicidade chique e choque*’ e ‘*Uma força tranquila*’.

Chego ao término do trajeto concluindo que muitos outros passos podem ainda serem dados e muito mais coisas podem ser descobertas na abordagem do fenômeno publicidade. Embora, ainda que medianos em nossa estatura filosófica em comparação com Lipovetsky ou Baudrillard, por exemplo, nada nos impede de fazê-lo. Do contrário, sempre seremos assaltados por sua expansão, conscientes por nós ou não, e talvez nem sequer reflitamos um pouco suas propriedades e manifestações. Além do mais, não tomar a publicidade como objeto de reflexão filosófica séria é de certo modo sermos passíveis diante da hodierna evolução da sociedade e do indivíduo, bem como deixar passar uma temática que está em toda parte e influi diretamente nos sujeitos. E como algo que tange profundamente a sociedade e seus membros não ser seriamente pensando?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**,2010,tradução Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Zahar.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A moda e seus destinos na sociedade moderna**, tradução Maria Lúcia Machado, Companhia de bolso.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de Massa**. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000

QUINTANA, Mario. **80 anos de poesia**, seleção e organização de Tania Franco Carvalho. São Paulo: Globo, 2008

RESUMO

Este trabalho aborda os fundamentos teóricos do ensino da arte na educação brasileira, explorando suas origens históricas e evolução ao longo do tempo. Destaca-se a contribuição de estudiosos como Ana Mae Barbosa, com sua Proposta Triangular, e Arno Stern, que influenciaram a prática pedagógica no Brasil, enfatizando a importância do fazer artístico, apreciação e reflexão crítica. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a relevância do ensino da arte, reconhecendo-o como essencial para o desenvolvimento de competências gerais, como pensamento crítico e criatividade. A interdisciplinaridade é apresentada como uma abordagem promissora, integrando arte com outras áreas do conhecimento. As novas tecnologias também oferecem novas possibilidades para o ensino da arte, promovendo experiências mais interativas e inclusivas. O trabalho enfatiza que a arte-educação é fundamental para a formação integral dos indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos alunos, e destaca a necessidade de um ensino de arte comprometido com a transformação social.

Palavras-chave: Ensino da Arte, Educação, Proposta Triangular.

INTRODUÇÃO

O ensino da arte desempenha um papel essencial na formação integral de indivíduos, promovendo não somente habilidades técnicas e estéticas, como também o desenvolvimento crítico e sensível dos estudantes. Inserido no contexto escolar brasileiro, o ensino da arte carrega consigo uma rica trajetória histórica e uma multiplicidade de abordagens teóricas que enriquecem sua prática pedagógica. Este trabalho busca explorar os fundamentos teóricos que sustentam o ensino da arte, proporcionando uma visão abrangente das contribuições de diversos estudiosos e das diretrizes educacionais vigentes.

Desde suas origens, a arte-educação no Brasil percorreu um caminho de constante evolução. Inicialmente, a arte era vista principalmente como uma atividade manual e decorativa, sem grande consideração para sua dimensão crítica e transformadora. Todavia, com o surgimento de novas teorias e práticas pedagógicas, a concepção de ensino da arte ampliou-se significativamente. Pioneiras como Ana Mae Barbosa, com sua Proposta Triangular, e influências internacionais como Arno Stern, trouxeram perspectivas inovadoras que enfatizam a importância do fazer artístico, da apreciação e da reflexão crítica.

Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a relevância do ensino da arte ao destacá-la como componente curricular indispensável para a formação integral dos alunos. A BNCC não somente reconhece a arte como campo de conhecimento, mas também como instrumento para o desenvolvimento de competências gerais como o pensamento crítico, a criatividade e a empatia. Assim, para que o ensino da arte seja eficaz, é fundamental que os educadores conheçam e apliquem metodologias diversificadas e adaptadas aos variados contextos escolares, promovendo a integração entre diferentes saberes culturais e artísticos.

A interdisciplinaridade emerge como uma abordagem promissora nesse cenário, permitindo que o ensino da arte dialogue com outras áreas do conhecimento e contribua para a construção de significados mais amplos e profundos. Projetos interdisciplinares, que entrelaçam temática e metodologicamente a arte

com disciplinas como história, sociologia e ciências, revelam-se práticas pedagógicas enriquecedoras e significativas. Deste modo, a arte transcende seu papel tradicional, tornando-se um agente transformador da realidade escolar e social.

A definição de arte e a sua compreensão enquanto fenômeno cultural e social sempre foram temas de intenso debate. Ao longo da história, desde as concepções miméticas de Aristóteles até as vanguardas modernistas e as pluralidades da arte contemporânea brasileira, diferentes contextos históricos e culturais influenciaram e remodelaram a produção artística e seu ensino. A arte no Brasil, refletindo sua diversidade cultural e histórica, apresenta-se como um campo dinâmico e fértil para investigação e prática educativa.

Enfatizando a relevância da arte-educação na formação integral do ser humano, este trabalho busca não apenas traçar um panorama do ensino da arte no Brasil, mas também proporcionar uma análise crítica das abordagens teóricas e metodológicas que fundamentam essa área do saber. Destaca-se, assim, a importância de um ensino de arte comprometido com o desenvolvimento sensível, crítico e criativo dos alunos, capaz de fomentar não só a fruição estética, mas também a transformação social.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ENSINO DA ARTE

O ensino da arte desempenha um papel fundamental na formação integral dos indivíduos, promovendo não apenas habilidades técnicas e estéticas, mas também contribuindo para o desenvolvimento crítico e sensível dos alunos. Neste capítulo, serão apresentados os principais fundamentos teóricos que norteiam o ensino da arte no contexto escolar brasileiro, a partir das contribuições de diversos estudiosos e das diretrizes educacionais vigentes.

A compreensão do ensino da arte na educação brasileira passa inevitavelmente pelo reconhecimento de sua trajetória histórica e das transformações pelas quais a área passou. Nos primórdios, a arte era frequentemente vista apenas como atividade manual e decorativa. No entanto, com o tempo, diferentes teóricos trouxeram novas perspectivas que enriqueceram o campo.

Ana Mae Barbosa (1991), uma das pioneiras no estudo da arte-educação no Brasil, desenvolveu a Proposta Triangular, que se baseia em três eixos principais: fazer artístico, apreciação e reflexão. Segundo Barbosa, “ensinar arte é, acima de tudo, um desafio de educar para a sensibilidade, a criatividade e o pensamento crítico” (BARBOSA, 1991, p. 32).

Arno Stern (2005), embora estrangeiro, influenciou significativamente a prática pedagógica no Brasil com sua abordagem centrada na expressão espontânea e no respeito às manifestações individuais dos alunos. Stern defende que a educação artística deve proporcionar um ambiente livre de julgamentos, permitindo ao aluno se expressar de maneira autêntica e pessoal (STERN, 2005).

A arte, como componente curricular, é essencial para a formação integral do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos alunos. Segundo Duarte Júnior (2003), “a arte na educação não é apenas um espaço de fruição estética ou um campo reservado ao ‘talento’. É, sobretudo, uma área de conhecimento que estimula a curiosidade, a imaginação e a capacidade crítica” (DUARTE JÚNIOR,

2003, p. 55).

Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância do ensino da arte nas escolas, destacando sua contribuição para o desenvolvimento das competências gerais, como o pensamento crítico, a criatividade e a empatia (BRASIL, 2018).

Para que o ensino da arte seja efetivo, é fundamental que os educadores estejam familiarizados com metodologias variadas e adaptadas às diferentes realidades e contextos escolares. Segundo Hernandez (2000), é crucial que os professores de arte desenvolvam práticas pedagógicas que promovam a interlocução entre os diferentes saberes culturais e artísticos, possibilitando aos alunos a construção de conhecimentos significativos e contextualizados (HERNANDEZ, 2000).

Nesse sentido, a interdisciplinaridade surge como uma abordagem promissora para o ensino da arte, permitindo a integração com outras áreas do conhecimento. Este diálogo interdisciplinar facilita a compreensão de temas complexos e a construção de significados mais amplos e profundos. Conforme defendido por Costa (2008), “a arte, ao dialogar com outras disciplinas, enriquece o currículo escolar e amplia as possibilidades de aprendizagem dos alunos” (COSTA, 2008, p. 89).

A definição de arte é um tema amplamente debatido por filósofos, educadores e artistas ao longo da história. Desde os tempos antigos, a arte tem sido uma forma de expressão humana essencial, evoluindo paralelamente ao desenvolvimento das sociedades. No Brasil, essa evolução é marcada por diferentes contextos culturais e históricos que influenciaram a produção artística e seu ensino.

Aristóteles, na Grécia Antiga, já considerava a arte como imitação da realidade (mimesis), uma ideia que atravessou séculos. Durante o Renascimento, essa noção foi revisitada e ampliada, considerando a arte como um veículo de representação idealizada do mundo. Romero (2001) salienta que “a arte renascentista se baseou na busca pelo ideal de beleza, harmonia e proporção” (ROMERO, 2001, p. 78).

Com o advento da modernidade, conceitos de arte passaram a incluir uma maior subjetividade e experimentação. Movimentos como o Modernismo, que ganhou força no Brasil com a Semana de Arte Moderna de 1922, buscaram romper com as tradições acadêmicas e promover uma linguagem artística mais nacional e autêntica. Ferraz e Fusari (2009) destacam que “a busca por uma identidade nacional foi um dos motores das vanguardas artísticas brasileiras do início do século XX” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 112).

Nos anos mais recentes, a arte contemporânea no Brasil passou a ser caracterizada por uma maior diversidade de linhas e o diálogo com outras culturas globais, refletindo a complexidade e a riqueza da sociedade brasileira atual. Nogueira (2015) resume essa fase como “um período de pluralidade estética e de questionamento das fronteiras tradicionais entre as diferentes artes” (NOGUEIRA, 2015, p. 99).

A relação entre arte e educação é marcada por diferentes teorias que buscam explicar e sistematizar o papel da arte no desenvolvimento humano. Ana Mae Barbosa (2001), com sua Proposta Triangular, é uma das figuras centrais neste debate. Para Barbosa, o ensino da arte deve contemplar três aspectos: fazer artístico, leitura de obras de arte e contextualização histórica (BARBOSA, 2001).

Outro teórico importante no Brasil é Herbert Read, que defende a educação pela arte como fundamental para a formação integral dos indivíduos. Read (2001) argumenta que “a educação artística desenvolve no aluno habilidades não só criativas, mas também críticas e reflexivas” (READ, 2001, p. 45).

A perspectiva construtivista de Vygotsky também influencia a educação artística no Brasil. Segundo Ferraz e Fusari (2009), “o aprendizado artístico deve ser entendido como um processo mediado, onde o professor atua como um facilitador que ajuda o aluno a construir significados” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 152).

A arte sempre esteve profundamente conectada à cultura e à sociedade em que é produzida. No Brasil, esse intercâmbio é evidente na maneira como diferentes períodos históricos e sociais moldaram a produção artística. Piovesan (2010) destaca que “a arte é um reflexo e, ao mesmo tempo, um agente transformador da sociedade” (PIOVESAN, 2010, p. 66).

A arte popular brasileira, por exemplo, reflete a diversidade cultural do país, incorporando elementos indígenas, africanos e europeus. Estudos sobre o folclore, como os de Câmara Cascudo, mostram como manifestações culturais podem ser compreendidas como formas de resistência e afirmação de identidade (CASCUDO, 2008).

O papel da arte na formação integral do indivíduo é amplamente reconhecido tanto por educadores quanto por investigadores. Na visão de Barbosa (1991), a arte não é apenas uma disciplina entre outras, mas uma área vital que promove a sensibilidade, a criatividade e o pensamento crítico. O autor ressalta que “a educação artística é um processo imprescindível ao desenvolvimento pleno do ser humano” (BARBOSA, 1991, p. 85).

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a educação artística contribui significativamente para o desenvolvimento das competências gerais, como o autoconhecimento, a empatia e a capacidade de lidar com adversidades (BRASIL, 2018).

O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A arte sempre desempenhou um papel fundamental na formação humana, sendo uma forma de expressão, comunicação e reflexão sobre o mundo. Na educação básica, a inserção da arte nos currículos escolares busca não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também a promoção do pensamento crítico, da sensibilidade estética e da valorização da diversidade cultural. Segundo Barbosa (2012), “a educação estética é uma prática social necessária à formação integral do ser humano, proporcionando meios para que ele compreenda a realidade e a transforme”.

As abordagens tradicionais no ensino de arte se caracterizam pela ênfase na cópia, na repetição e na aquisição de técnicas específicas. Esses métodos, embora tenham seu valor, podem limitar a criatividade dos alunos, restringindo-se muitas vezes à reprodução de obras consagradas sem um entendimento crítico ou pessoal. Segundo Martins (2007), “a prática educativa centrada na reprodução de modelos limita a capacidade criativa dos alunos, não considerando suas vivências e contextos culturais”.

Por outro lado, as abordagens inovadoras propõem uma educação artística mais aberta e integrada às experiências dos alunos. Tais metodologias valorizam processos criativos, projetos interdisciplinares e reflexões críticas sobre a arte e a sociedade. Uma dessas metodologias é o ensino por projetos, onde os alunos

são incentivados a explorar temas de interesse pessoal e social. Para Andrade (2015), “a abordagem inovadora no ensino de arte promove o engajamento dos alunos, permitindo-lhes descobrir e valorizar suas próprias expressões artísticas”.

Um dos principais desafios no ensino da arte é a formação inicial e continuada dos professores. Muitos docentes não possuem uma formação específica em artes, o que limita sua capacidade de ministrar aulas que realmente despertem o interesse e o envolvimento dos alunos. Outro desafio é a valorização da disciplina no currículo escolar. Conforme Silva e Santos (2018), “a arte ainda é muitas vezes vista como uma disciplina secundária, o que dificulta a alocação de recursos e o desenvolvimento de projetos mais robustos”.

Apesar dos desafios, o ensino de arte na educação básica apresenta diversas potencialidades. A arte pode ser uma ferramenta poderosa para incluir e valorizar a diversidade cultural na sala de aula, estimulando o respeito e a empatia entre os alunos. Além disso, o ensino de arte pode auxiliar na resolução de problemas, desenvolvimento do pensamento crítico e na melhoria das habilidades de comunicação dos estudantes. Segundo Costa e Oliveira (2019), “a educação artística pode transformar a sala de aula em um espaço de construção coletiva de saberes, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos”.

A importância do ensino da arte para crianças e adolescentes vai além do desenvolvimento de habilidades técnicas. A arte contribui para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos alunos, ajudando-os a expressar e elaborar suas emoções, compreender e respeitar diferentes pontos de vista e estimular a criatividade e a inovação. Para Lima (2016), “a arte na educação básica desempenha um papel central na formação de cidadãos críticos e sensíveis, capazes de interagir de maneira mais plena com o mundo ao seu redor”.

O ENSINO DA ARTE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

O ensino da arte no Brasil tem evoluído significativamente ao longo das últimas décadas, refletindo mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Este capítulo busca analisar como essas transformações impactaram o ensino da arte, abordando tanto os desafios quanto as oportunidades no contexto contemporâneo.

Historicamente, o ensino da arte no Brasil passou por diversas fases, desde o modelo acadêmico tradicional, que priorizava técnicas de desenho e pintura, até abordagens mais contemporâneas, que valorizam a experimentação e a expressão individual. Segundo Barbosa (2012), “o ensino da arte no Brasil, especialmente após a década de 1980, tem buscado se desvencilhar de paradigmas tradicionais, incorporando práticas pedagógicas inovadoras que dialogam com o contexto sociocultural dos alunos”.

No contexto contemporâneo, a arte assume um papel essencial como veículo de transformação social. As práticas artísticas têm sido reconhecidas como instrumentos potentes para a inclusão social e a construção de cidadania. De acordo com Oiticica (2017), “a arte, ao transcender os limites da estética, permite que os indivíduos se reconheçam como agentes ativos na construção do tecido social”.

A incorporação de tecnologias digitais no ensino das artes tem proporcionado novas possibilidades de criação e difusão de práticas artísticas. Ferramentas como softwares de edição, plataformas de vídeo e até realidade aumentada têm modificado a forma como a arte é ensinada e aprendida. Bentes (2015) argumenta

que “as novas tecnologias não apenas ampliam os recursos disponíveis para os educadores, mas também estimulam formas de interação e criatividade que eram impensáveis há algumas décadas”.

Apesar dos avanços, o ensino da arte no Brasil ainda enfrenta muitos desafios. Um dos principais obstáculos é a valorização da disciplina no currículo escolar. Cunha (2014) destaca que “a arte é frequentemente marginalizada no contexto educacional, sendo vista como uma disciplina menos importante em comparação com outras áreas do conhecimento”. Outro desafio reside na formação de professores, que muitas vezes carecem de recursos e de um suporte adequado para desenvolver práticas pedagógicas eficazes.

Diversos exemplos de práticas pedagógicas inovadoras têm ganhado destaque no cenário contemporâneo. Projetos que envolvem colaboração entre diferentes disciplinas, como a arte e a tecnologia, têm mostrado resultados promissores. Segundo Dias (2016), “a interdisciplinaridade não apenas enriquece o conteúdo curricular, mas também promove um aprendizado mais significativo, onde os alunos conseguem ver a relevância prática do que estão estudando”.

A revolução tecnológica do século XXI trouxe profundas mudanças em diversas áreas do conhecimento, e a educação artística não foi exceção. Com o advento das novas tecnologias, surgiram ferramentas que transformaram o processo de ensino-aprendizagem nas artes visuais, permitindo um acesso mais amplo e interativo ao conhecimento. Segundo Martin-Barbero (2003), a tecnologia deve ser considerada uma mediadora cultural, capaz de transformar práticas educativas tradicionais.

A utilização de softwares de design gráfico, programas de edição de vídeo e plataformas de realidade aumentada e virtual tem possibilitado experiências mais imersivas e interativas para os estudantes. Ronaldo Vagheti (2016) salienta que as novas mídias digitais contribuem para uma “existência multidimensional dos espaços de aprendizado”, onde o aluno passa a ser um participante ativo no processo de sua educação.

Além disso, as redes sociais e outras plataformas digitais ampliam o horizonte da educação artística, facilitando a disseminação e troca de conhecimento entre diferentes culturas e contextos. Thonara Pereira (2019) destaca que “essas ferramentas tornam a arte mais acessível, permitindo que estudantes de diferentes localidades possam interagir com conteúdos ricos e diversificados”.

A interdisciplinaridade emerge como um conceito crucial no ensino de arte contemporâneo, promovendo uma formação mais integral e holística dos estudantes. Segundo Fazenda (1994), a interdisciplinaridade estimula a colaboração entre diferentes áreas do saber, proporcionando uma aprendizagem mais enriquecedora.

No contexto da educação artística, unir arte a outras disciplinas como história, sociologia, antropologia e ciências pode oferecer aos alunos uma compreensão mais profunda e contextualizada das expressões artísticas. Isabel Marques (1997) argumenta que a integração de conhecimentos diversos “proporciona novas formas de ver e interpretar o mundo, promovendo um pensamento mais crítico e reflexivo”.

Por exemplo, projetos que relacionem arte e história podem explorar o impacto das correntes artísticas em determinados períodos históricos e suas influências mútuas. “A arte não deve ser vista de forma isolada, mas como um diálogo constante com diversas áreas do saber” (Oliveira, 2018).

A educação artística desempenha um papel vital na promoção da inclusão social e cultural. Ela possibilita a valorização das diferentes formas de expressão e culturas, promovendo um maior respeito pela diversidade. De acordo com Barbosa (2008), a arte “é uma ferramenta poderosa para a construção de uma

sociedade mais equitativa e justa”.

Projetos educacionais que incluem alunos com necessidades especiais têm mostrado o potencial transformador da arte para promover a inclusão. Sonia Kramer (2001) destaca que “atividades artísticas podem ser adaptadas para diferentes necessidades e habilidades, criando um ambiente de aprendizado inclusivo onde todos se sentem valorizados”.

A utilização de tecnologias assistivas também tem se mostrado eficaz nesse contexto, permitindo que estudantes com deficiências possam participar e se expressar artisticamente. Segundo Franco e Sperling (2017), “as tecnologias assistivas oferecem novas possibilidades de expressão aos alunos, ampliando seu repertório criativo e comunicativo”.

No cenário contemporâneo, o papel do professor de arte vai além de ser um mero transmissor de conhecimentos técnicos. Ele se torna um mediador, facilitador e incentivador do processo criativo dos alunos. De acordo com Hernández (2000), o professor de arte deve “estimular a autonomia e a liberdade de expressão dos estudantes, promovendo um ambiente propício para a criação e a reflexão”.

Além disso, o professor de arte deve estar constantemente atualizado sobre as novas tecnologias e metodologias de ensino, incorporando-as de maneira crítica e reflexiva em sua prática pedagógica. Segundo Roldão (2007), “a formação contínua é essencial para que o docente possa acompanhar as transformações e demandas da sociedade contemporânea”.

A atenção à diversidade cultural e étnica também é fundamental no papel do professor de arte, que deve incentivar projetos que valorizem as diferentes manifestações culturais presentes no ambiente escolar, criando um espaço de respeito e diálogo intercultural.

O Brasil tem se destacado pela implementação de projetos e iniciativas inovadoras no ensino de arte, integrando novas tecnologias e metodologias que promovem uma aprendizagem mais dinâmica e inclusiva. Um exemplo notável é o Programa Mais Cultura nas Escolas, que busca integrar a experiência cultural e artística ao currículo escolar, promovendo a aproximação entre os estudantes e os artistas locais.

Outra iniciativa relevante é o projeto “ArtEducação”, desenvolvido em várias escolas do país, que utiliza metodologias participativas e colaborativas para estimular a criatividade e o pensamento crítico dos alunos. De acordo com Nunes (2015), “projetos como o ArtEducação criam um ambiente fértil para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade”.

A utilização de plataformas digitais e redes sociais também tem sido explorada em projetos educacionais, permitindo a criação de galerias virtuais, exposições online e outras formas de compartilhamento de obras artísticas. Segundo Almeida e Prado (2010), “as tecnologias digitais democratizam o acesso à arte, permitindo que alunos de diferentes contextos sociais possam interagir e trocar experiências artísticas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da arte, conforme explorado ao longo deste trabalho, é um campo crucial para a formação

integral dos indivíduos. Desde suas primeiras manifestações como atividade manual até a consolidação de teorias educacionais robustas, a arte na educação passou por transformações significativas que refletem mudanças sociais, culturais e acadêmicas. Os fundamentos teóricos apresentados, incluindo a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa e as contribuições de outros teóricos renomados, sublinham a importância de um ensino que vai além do fazer artístico, abrangendo também a apreciação e a reflexão crítica.

A arte, como componente curricular, enriquece o desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos alunos. Conforme destacado por diversos estudiosos, a educação artística não é um mero adorno no currículo escolar. Ela desempenha um papel vital ao estimular a criatividade, a sensibilidade estética e o pensamento crítico, fatores imprescindíveis para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa visão, ao integrar a arte de maneira transversal às competências gerais necessárias para a educação básica. No entanto, a implementação efetiva dessas diretrizes enfrenta desafios substanciais. A formação inicial e continuada dos professores é um dos principais entraves, bem como a valorização da disciplina no currículo escolar.

No contexto contemporâneo, a incorporação de tecnologias digitais e a interdisciplinaridade aparecem como abordagens promissoras. Essas práticas não apenas ampliam as possibilidades de criação e difusão de práticas artísticas, mas também enriquecem o aprendizado ao conectar a arte com outras áreas do conhecimento. Projetos que envolvem a colaboração entre disciplinas, como arte e tecnologia, mostram-se inovadores e eficazes.

Projetos educacionais exemplares no Brasil, como o Programa Mais Cultura nas Escolas e o projeto “ArtEducação”, demonstram que é possível promover um ensino de arte dinâmico e inclusivo que valoriza a diversidade cultural e a criatividade dos alunos. A utilização de plataformas digitais e redes sociais democratiza o acesso à arte, permitindo que estudantes de diferentes contextos sociais interajam e compartilhem suas experiências artísticas.

Portanto, as discussões apresentadas neste trabalho evidenciam que o ensino da arte é fundamental para a formação de indivíduos críticos, sensíveis e criativos. A arte na educação não é um luxo, mas uma necessidade para o desenvolvimento pleno dos alunos. Para superar os desafios e aproveitar as oportunidades, é vital investir na formação de professores, promover a interdisciplinaridade, e integrar tecnologias que potencializem as práticas pedagógicas. Com essas perspectivas em mente, o ensino da arte pode cumprir seu papel transformador, construindo uma educação mais justa, inclusiva e enriquecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. P. **Educação artística: abordagens inovadoras no ensino básico**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

BARBOSA, A. M. **A educação estética e suas influências na formação humana**. Brasília: MEC, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação**: Brasília, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2008.

- COSTA, José Joaquim Campos. **Interdisciplinaridade na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2008.
- COSTA, R. S., & OLIVEIRA, T. A. **Arte na escola: construindo saberes coletivos**. Recife: Editora da UFPE, 2019.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é arte-educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- FERRAZ, Maria Heloisa Correa Ayala; FUSARI, Maria Fidela de Lima. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 2009.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LIMA, J. R. **A importância da arte na educação básica**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- MARTINS, E. **Metodologias tradicionais e suas limitações no ensino de arte**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- NOGUEIRA, Paula. **Arte contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2015.
- PIOVESAN, Mario. **Ensaio sobre arte e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- READ, Herbert. **Educação pela arte**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 2001.
- ROMERO, Olga. **História da arte**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 2001.
- SILVA, A. H., & SANTOS, M. L. **A valorização da arte no contexto escolar**. Brasília: Editora UnB, 2018.
- STERN, Arno. **A expressão espontânea e suas formas de confiança**. São Paulo: Summus, 2005.



Cartas

CARTAS

A PRIMEIRA CARTA

Fortaleza, num dia qualquer

Resolvi te enviar uma carta. Não, não queria a enviar um e-mail. Queria escrever, ver as letras saírem da ponta da caneta, assim, meio tortas, garranchadas... Também não queria que recebesse de imediato, a um toque de *enter*. Queria dobrar a folha de papel, colocar no envelope, dirigir-me até a Agência dos Correios, (lembra que tinha uma na 13 de maio e a gente sempre se imaginou indo até lá e enviando cartas para todo mundo?), e imaginar, em uma ou duas semanas se você já recebeu, se leu ou não, se te causou alguma impressão ou só foi descartada...

Ontem, remexendo em umas caixas, à procura de nem sei mais o quê, encontrei uma foto nossa. Em Cuiabá, nem sei se lembra dessa viagem, na UFMT, em um congresso qualquer. Lembro que você me arrastou para lá, porque eu conhecia a cidade. Nada especial. Uma selfie. Mas aquela foto me lembrou de como eu me sentia na época. E como aquilo eu não senti nunca mais. Voltamos e você se foi. Doutorado em Paris. Lembra que fui te visitar? Passamos o natal juntos. O último. Depois, nem eu tive como e nem você sequer pôs os pés no Brasil.

Te escrevo porque penso que na verdade a gente nunca terminou. Nosso relacionamento foi, me permita a metáfora, uma bala de canhão que falha o alvo: começou como um disparo, estrondando o mundo, foi subindo, subindo, ao longo do tempo, chegou no ápice e foi descendo gradualmente, até se perder entre as águas ou, enterrada na areia. Deixamos de nos ver sem dizer coisa alguma um ao outro. Você nos seus projetos e eu em meio nos meus. O distanciamento me rendeu a fundação e consolidação do meu Instituto e uma gastrite, quem me castiga às vezes, por eu ainda ser teimoso e não ir ao médico. Para você, um doutorado, uma mudança da continente e uma cátedra universitária. E, claro, o casamento.

Após aquele natal, seguimos conversando, por telefone, por skype, sei lá, por mais um ano? Um dia deixamos de ligar. Anos depois recebi o convite para o seu casamento. Achei um gesto muito amável, com alguém que você não tinha contato há muito tempo. Como estava envolvido em um Edital enorme para o estado, nem cogitei ir.

Aí, encontrei essa foto. Consegui no site da universidade o teu departamento e resolvi escrever, dizer um oi. E também falar que tenho saudades. Afinal, eu ainda sou seu.

A RESPOSTA

Lisboa, num outro dia qualquer

A sua carta me surpreendeu. Li o nome do remetente e demorei a ligar o nome a pessoa. Porque para mim, você nunca foi um nome. Você era uma força da natureza. Nunca conheci ninguém como você. Envolvido em mil coisas, compondo, criando, lançando ao mundo uma miríade de coisas.... Ainda não sei como você ainda tinha tempo para um relacionamento.

Vejo, e me sinto envaidecida, que eu fui contemplada com isso. Espero que volte a ter com outra pessoa o

que tinhas comigo. Gostei da metáfora do canhão. Mas acho que tem uma metáfora melhor. Você é sol e eu, apenas uma garota que subiu ao céu com asas de cera. Por mais que a proximidade com você fosse prazerosa e me enchesse de alegria, eu acabaria tendo a cera que ligava minhas asas derretida e eu acabaria despencando das alturas.

Não me entenda mal. A vida segue. Pode ser que em um outro universo (sabia, que agora pesquiso sobre isso? Multiverso e outras coisinhas), enfim, em outro mundo, em outro universo, talvez, tenhamos feito dar certo. Mas aqui, nesta pequena rocha na periferia de uma galáxia inexpressiva, que parece ser a única que acertou, ao acaso com a vida, a gente teve que seguir separados.

Meu marido adorou seu último livro de ficção. Começou a traduzir para o italiano e quem sabe, ele publique lá na Sicília dele, um dia. Ele conheceu suas obras com aqueles dois livros que eu tinha seus. Eles os leu e, desde então, praticamente lê tudo o que encontra que é assinado por você. Seus artigos, os contos e até aquele blog secreto, que você escreve anônimo. Falando nisso, desculpe ter revelado a ele.

Enfim sou muito feliz. Espero que sejas também, afinal, daqui, as informações que me chegam de você é que tens obtido êxito e realizado teus projetos.

Adorei o carinho, a carta manuscrita. Respondo da mesma forma. Não posso dizer que sou sua, como você me diz ser meu, pois nunca aceitei ser posse de ninguém, mas creia que tenho por você o maior amor do mundo.

Acabei de ler a carta. Ela me ama. Com aquele amor que os amigos tem um pelo outro e que por vezes acaba sendo maior do que qualquer outro, pois surge assim, de almas que tendo se encontrado pelos cantos do mundo, acabaram por se ligar uma a outra de forma irreversível.

Wagner Pires

Doutorando em Educação (UFPel)

Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior



Contos

TODA FORMA DE AMOR

Escrito por Adriana Franzen

Quando se é criança basta dividir um lanche, ou trocar algumas poucas palavras, e segurar a mão da menina que se gosta, para dizer a todo mundo estou namorando.

Os pais acham uma graça ver os filhos sentarem juntos nas festinhas, seguir aonde o outro vai, e quando o filho dá um beijo na bochecha, suspira a dizer, Ah! olha com eles são fofos, como é lindo e o amor ide infância, acreditando que essa fase logo acaba quando ficarem maiores.

Aí vem a adolescência os hormônios a flor da pele, o que antes era só uma brincadeira de criança fica sério, tudo é motivo para estresse, ida a casa do namorado tem que ter hora de ir e voltar, dormir lá nem pensar, e as brigas em casa são constantes

Ah adolescência,! no mesmo modo que amam demais, odeiam na mesma intensidade, briguinhas de casal, vira um problemão, aí vem a primeira decepção,

O mundo não tem mais sentido, se sente a pior pessoa do mundo, coloca músicas de sofrência no último volume, e isso dura por duas semanas apenas, porque na próxima balada que vai, conhece um carinha e se apaixona mais uma vez, e começa todo o processo de novo, e os pais nisso tudo? Assistem de camarote, e até se divertem, ao lembrar que um dia eles também já foram jovens e passaram pelas mesmas questões

Nesta mesma onda, vem o vestibular, tem que decidir quais caminhos seguir, seu namoradinho quer fazer economia fora do país e a menina, que está se tornando mulher, quer fazer moda no Brasil, e como fica o relacionamento? Será que a distância dá certo? E se ele encontrar outra menina lá fora, lhe dá aquilo que eu não posso?

A insegurança bate, e num ato de desespero era resolve ceder e a primeira vez dela não foi exatamente como ela sonhou, as perguntas vem na mente, será que eu estava pronta, será que eu tinha que esperar mais um pouco? Não adianta, ele a abandona mais uma vez, ela sofre uma de várias decepções que viram pelo caminho e se fecha de vez para o mundo.

Chega a fase adulta e com ela grandes responsabilidades, cuidar da casa, trabalhar, cuidar da saúde, pagar as contas, e ela pensa que seria tão bom, voltar a ser criança, onde a única responsabilidade era brincar, se sujar e comer o que se quisesse sem engodar. Agora não tem a mamãe para arrumar a louça do café ou lavar suas roupas, se não fizer, elas ficaram ali no mesmo lugar, não há mágica.

As mulheres antigamente eram educadas para serem donas de casa, mães, esposas, e que tinham que esperar um príncipe em um cavalo Branco, que as leva-se ao altar e que as salva-se dos perigos que tivessem pelo caminho Era um mundo Machista onde o homem era o provedor, o que trabalhava, o que abria a porta do carro e pagava as contas.

Com a chegada do Feminismo nos 60 nos Estados Unidos, colocou as mulheres em primeiro plano, agora ela se torna dona de si, capaz de trabalhar , apesar do salário não ser equiparado com o salário de um homem, mas começa ter o direito a voto, até então permitido apenas para os homens, começaram a não depender de um príncipe encantado para conseguir se defender, pois agora ela era capaz de agir por conta própria para manter-se em segurança, casar não era mais uma questão, tão importante assim, ela poderia se sentir bem sozinha.

Tá tem algumas mulheres que ainda esperam seu príncipe encantado, e as vezes pegam um sapo, mas está cada vez menos, porque as mulheres perceberam que elas têm poder de decisão e podem sim, decidir o que for melhor para elas, sem depender que um Homem diga o que fazer.

Você me pergunta o mundo deixou de ser machista? A resposta ainda é não, porém as mulheres agora estão cada vez mais ocupando seu espaço no mundo, entendendo que elas podem ser o que elas quiserem, independentemente que a sociedade ainda demonstra.

É bom falar sobre isso, ainda mais neste mês dos namorados, que deve ser celebrado todos os dias, o amor entre duas pessoas que se amam, tem de ser valorizado, independentemente da sua condição sexual, o Brasil ainda é homofóbico para caramba, mas como diz meu cantor, poeta, e compositor favorito Lulu santos, “justa do toda a forma de amor “

E como esse tema está tão em vidências, parece que as coisas estão começando a mudar, as pessoas estão começando a respeitar, e entender que eles são como todos nós pessoas, e que tem os mesmos direitos de se casar, ter filhos

Deus disse :Amai uns aos outros como a ti mesmo, o que isso quer dizer, que fazemos para o outro que queremos que fazem por nós, respeitando suas diferenças, pois todos somos irmãos

Não falo aqui de religião porque cada um tem a sua, cada um acredita em um deus, mas falo de amor, um sentimento puro, simples que pode mudar a vida de alguém.

Faça um teste, quando você sair na rua, e vê uma pessoa amargurada e reclamando de tudo, chegue perto dela, com todo cuidado, e lhe diga, eu te amo meu irmão, você vai ver a mudança logo de cara, primeiro será de desconfiança, depois abrirá um sorriso discreto e de repente era isso que ela precisava ouvir no momento, ouvir uma palavra de carinho e de afeto.

A palavra tem o poder de trazer a vida uma alma que já desistiu de viver, mas também de levar ao fundo do poço aquele que precisava de uma palavra de conforto e só ouviu palavras de ódio.

O Amor é mágico, ele pode curar as piores doenças do mundo, trazendo amparo, acalento, esperança, que dias melhores virão mais adiante.

Quem se fecha para o amor, se fecha para a vida, as duas andam de mão dadas, então neste mês dos namorados, diga para quem você ama, o quanto essa pessoa lhe faz bem, que traz alegria, para os seus dias tristes de solidão.

Ah! eu não tenho namorado, ou marido, ou companheiro, namorada ou companheira

Ah! tem sim,

você me pergunta como assim eu tenho? Eu te digo com toda certeza, e é uma das melhores pessoas que já conheceu e te digo mais sem ela meu bem! nada disso estaria acontecendo.

Ok vou parar de mistério e dizer logo de uma vez, é você minha querida, ninguém mais te conhece como você

Desde que você se entende por gente ela estava lá adormecida, esperando a hora de florescer, seu eu mais maduro, mais forte, mais seguro, que sempre segurou sua mão nos momentos mais difíceis, que te colocou em cada situação

Mas também soube te puxar na hora certa, você é sua melhor companhia, se permita se amar, olhe no espelho diga para você mesmo, eu sou gata, eu sou poderosa, eu me amo e eu me basto, pronto, você está preparada para se lançar ao mundo e deixar as janelas do coração abertas, para permitir grande

possibilidades, se der certa beleza, ano que vem você estará começando os Dia dos Namorados com a pessoa dos seus sonhos, mas se não tudo bem, você está ao lado da sua melhor versão, mas forte, mas confiante, mais preparada.

Mas ficar em casa, sentada vendo TV, comendo pipoca, nem você, nem ninguém fará milagre, tem que sair, ver gente, coloca sua melhor roupa arruma belíssima, repita para você mesmo como você é linda, gata, gostosa, por que se você não se amar quem vai Gata “

Vai para as festas, baladas , com o coração aberto, pense sempre você não está indo para arranjar marido, você está indo pra se divertir, conhecer pessoas, experimentar , e se der match ai , você chama para um papo, mais reservado, conversam mais sobre o que tem em comum, tomam uma bebida, marca um encontro de verdade, vai ver ele era sua alma gêmea, que estava perdida, por descuido do culpado, ou só era um cara legal, para uma noite fria de verão .

Paciência, calma, são virtude, que uma mulher ou um homem que está solteiro há muito tempo não tem, querem tudo para ontem, se bobear marcam o casamento para o fim de semana, e filhos para depois da lua de mel.

Hoje em dia vão para a cama primeiro e pergunta o nome depois, cadê os homens românticos? Os cavalheiros? entram em extinção? Só pode.

Porque tudo tem que ser na velocidade da luz, pois o tempo é dinheiro, para acelerar o processo procura a pessoa nas redes sociais, fica sabendo por alto o que ela gosta e o que não gosta, dali sabe se vale ou não investir, nem conversam mais, ficam o tempo todo no telefone, bebem alguma coisa, e já vão para a cama, as vezes nem se veem mais, e partem para outro.

Ou quando acham que é uma coisa, chega na hora é outra, e o encanto superficial acaba, e o encontro não segue adiante, mas há aqueles que tentam ser um pouquinho romântico, mas a mulher não está mais acostumada a receber flores, bilhetes, acaba acham aquilo brega demais e nunca mais o procura.

Se o homem não liga no dia seguinte é um covarde e sem vergonha, se ele liga acha fofo mais grudento, e acha que não vai dar certo.

Pelo amor de Deus! vamos ser mais práticos por favor, decidam de uma vez, é melhor se fofo e grudento, que mal caráter e sem vergonha e não ligar no dia seguinte né.

Não sei o porquê que se complica tanto, o amor é um sentimento simples, não é uma coisa exata como $2 + 2$ são 4, é subjetivo, é tranquilo, é fácil de se identificar, tem gente que sente uma borboleta no estômago, ou um sininho bate com se beijam pela primeira vez, igual filme de Romance.

Tem gente que a mão sua, a fala não sai, que o coração acelera mais que um motor de carro, e tem gente que nada sente, apenas curte o momento ao lado da pessoa que ela está.

Então pare de racionalizar e materializar algo que é impossível de materializará, mas sim de sentir, existe amor entre irmãos, entre pais e filhos entre crianças e seus pets, mas existe amor entre homem e mulher, mulher com mulher, homem com homem, tudo bem, o amor é universal vem para todos na hora certa, quando menos se espera, em momentos esquisitos e está tudo bem, faz

parte
do processo evolutivo da humanidade.

O filósofo Platão dizia que : **“Ao toque do amor**

Todo homem se

Torna poeta “

Isso significa que quando amamos alguém, queremos colocar em palavras, versos, rimas tudo que está acontecendo nas profundezas de nossa alma, o amor transformado em brosas, para que possa inspirar outros corações apaixonados.

As vezes nem estamos sentindo aquilo que escrevemos, mas poderíamos ter ouvido de um amigo, de um desconhecido uma história, que nós inspiramos, que faz a gente traduzir todo aquele sentimento em música por exemplo grandes compositores como Tom Jobim, Vinicius de morais, Erasmo Caros, Roberto Carlos, Lulu Santos, entre outros e há na literatura o amor traduzindo na obra Missa do Galo de Machado de Assis, com também o grande escritor Carlos Drumont de Andrade, que diz:

“Se você sabe explicar o que

Sente, não ama, pois o amor

Foge de todas as explicações

Possíveis “

Na mitologia grega o amor era muito comum, como podemos observar aqui

Dois casais míticos se consagram, de modo muito especial, a margem do amor que deve ficar fora do mundo visível, isto é, fora da vida e do alcance da mente lucida. Esses dois pares são formados por Eros e Psiquê, Orfeu e Eurídice.

Personificação da alma, a figura do Psiquê surge no livro Metamorfose de Apuleio, como uma mulher mortal cuja formosura rivaliza com a beleza da deusa Afrodite, Irada, a deusa ordena ao filho Eros deus do Amor que mate Psiquê.

No entanto o deus se apaixona pelo jovem, e casa-se com ela, que deve ignorar a natureza imortal do esposo. Como o oráculo previra que ela desposaria um monstro horrendo, Psiquê é proibida de ver a face do amado. Enquanto decide iluminar com uma lâmpada de azeite, o rosto de Eros, enquanto ele dormia, encantada a moça deixa cair na bela face do esposo uma gota de azeite. Sua rebeldia é então, descoberta, Abandonada, Psiquê percorre os caminhos do mundo, em busca do amor perdido, o casal se reúne-se novamente e Afrodite acaba por se reconciliar com Psiquê e lhe concede a imortalidade, libertando o jovem dos limites que impostos aos mortais a se separavam de Eros.

Orfeu era músico e poeta, e seu canto radioso, dominava todos os elementos da natureza. Às vésperas de seu casamento, contudo sua noiva Euríce é morta, picada por uma serpente.

Inconformado com a perda, Orfeu desce os infernos, o reino dos mortos para resgatar a amada. Tocado pela música de Orfeu, o deus Hades, senhor do lugar, permite que ele conduza Euríce de volta a vida, mas impõe uma condição, até alcançarem o mundo dos vivos, Orfeu não deve olhar para mulher amada.

Quando já se aproxima da luz, o jovem apaixonado não resiste e volta-se para trás, imediatamente, Euríce desaparece, tragada pela morte definitiva.

O que podemos entender aqui é que o amor não se pode entender, mas sim sentir, ele com toda a sua plenitude, que não importa para onde ele nos leve, nem quais caminhos tortuosos temos que seguir, para que conseguir senti-lo plenamente, as vezes iremos bater com a cabeça, mesmo que as pessoas mais próximas digam que esse relacionamento não é bom para você, mas você não dá ouvidos, por que como vai saber se não tentar? Aí vem todos eles te dizer eu avisei, mas tudo bem, pelo menos você tentou e nunca ficou com aquela frase martelando na sua cabeça se eu tivesse ido para este caminho? Se eu tivesse insistido mais aqui? Tem um trecho de uma música do Tony Garrido que eu gosto muito que é “Amor não se mede, não se repete, amor “é isso, você não pode medir o quanto você ama alguém, por que não tem como, medir sentimento, sua mãe não ama mais seu irmão, do que você, ela ama seus filhos igualmente.

Assim é o amor ele também não se repete, cada fase da vida é um amor diferente, com pessoas diferente, momentos diferentes, onde você já saiu da infância, passou pela adolescência, chegou na fase adulta, e se você ainda estiver com a mesma pessoa, vai experimentar também o amor na terceira idade, mais maduro, mais consciente, menos egoísta.

Porque vocês já passaram por tanta coisa, que as pequenas brigas, serão esquecidas rapidamente, os interesses serão os mesmos, porque no final da vida, o que vocês querem mesmo, é aproveitar os últimos momentos juntos, felizes e se amando.

Amor não tem preconceito, não tem idade, não tem tempo e nem espaço, ele é livre, ele é magico, e quando ele bater você sabe, que ele chegou, falta ar, suas mãos tremem, você fica sem graça, sem jeito, a boca seca, coração acelera, o tempo para naquele momento.

Então se permita amar, uma única vez, e não vai querer nunca mais deixar de amar, porque o amor é belo, o mundo fica mais

colorido, nada mais importa a não ser você e a pessoa que está ao seu lado.

Liberta-se de todas as amarras que te prendem de amar, se jogue de cabeça, permita errar, porque vai errar muitas vezes, mas tudo bem tudo faz parte do processo, permita sentir o vento bater seus cabelos, ouvir os sons dos pássaros, cante, dance, grite para todo mundo ouvir, sem vergonha de alguém te criticar, pois quem critica, nunca sentiu o verdadeiro amor.

O amor é espelho da alma, as pessoas só dão aquilo que trazem no coração, então espalhe este sentimento por aí, diga a seus pais, irmãos, marido, namorados, ficantes como você os ama, por que isso liberta, nos deixa mais leves, mais soltos, mas abertos para novas aventuras e possibilidades.

Nunca se feche para vida, pois seu amor pode estar te esperando na esquina, no trabalho, na escola, no mercado, no seu curso, até no ônibus que você pega todos os dias de manhã para ir ao trabalho ou para faculdade fique de olho, e com coração bem abertos, pois a pessoa certa, só está esperando um sinal seu, para se aproximar.

Tem casais que se conhecem hoje, depois de um mês ficam noivos e menos de um ano se casam, tem filhos e ficam juntos para o resto da vida, será destino? não meu caro isso se chama outras vidas

Eles já se conheciam antes mesmo de viverem nesta terra, já viveram juntos em outra vida, e quando chegaram aqui suas almas se reconheceram, e isso foi suficiente para viverem mais esta vida juntos., conhecido como Alma Gêmeas.

Alexandra Solnado diz que o encontro das almas é quando as Almas se reconhecem. Quando duas pessoas sentem uma grande atração, uma atração fatal uma pela outra, isso é memória. A grande química, é memória. Às vezes pode acontecer de uma alma reconhecer e a outra não, porque uma está com o canal mais aberto e a outra está mais bloqueada.

É aí que se dão os grandes desgostos de amor. A pessoa sente a ligação, só que o outro não reconhece e nessa hora a dor é muito grande, é uma dor cósmica.

Para o espiritismo a Alma gêmea é vista como uma outra metade da nossa própria alma, um ser que compartilha a mesma essência espiritual. Essa conexão é baseada a finalidades e aprendizados mútuos, sendo uma oportunidade de crescimento e evolução espiritual para ambos os indivíduos

Voltando ao assunto Amor puro e simples foi muito dito a frase : virou moda a saída ‘do armário’, mas na verdade as pessoas antigamente não tinham a liberdade para serem o que eram, com medo de perder seus empregos, de sofrerem algum tipo de preconceito, de apanhar nas ruas, por amarem outras pessoas dos mesmos sexos, pois foram educadas, que isso era pecado e Deus não gostava.

Anos atrás uma grande Emissora tentou abordar o tema na novela Mulheres apaixonadas onde Aline Moraes interpretou uma jovem que se apaixonava pela melhor amiga da sala dela na escola, em 2003, ali só se insinuava a relação que as duas moças tinham e no final da novela, apenas rolou um selinho entre as duas personagens, que estavam fazendo a peça Romeu e Julieta.

Em 2005 três anos depois a mesma emissora tentou mais uma vez abordar o tema, desta vez Bruno Gagliasso interpretava Junior, na novela América um personagem homossexual, que no final da trama assume para a mãe e teria finalmente um beijo “gay” no horário nobre, a cena foi gravada, criou-se uma expectativa, mas na hora “H”, a emissora resolveu tirar a cena, e manter só mesmo a insinuação.

A sociedade na época não estava preparada para esse momento ainda, as pessoas que assistiam a novela, eram conservadoras demais, achavam que se a cena do beijo fosse pro ar, poderia incentivar os jovens, dizendo que aquilo era algo normal e tornando gays, a igreja pregava e prega , quer dizer algumas delas, que ser gay é uma doença, e que nas escolas era preciso dar um kit de “cura Gay”.

Mas indo na contramão disso tudo, a emissora resolveu tentar outra vez, desta vez na novela Amor a vida quando Mateus Solano interpretou o personagem Felix, que se separou da esposa e se assumiu homossexual, tendo o apoio do filho, se apaixonou por Nikos (carneirinho) do ator Thiago Fragoso, os dois caíram na graça do público, que as pessoas que param tudo para ver a novela exigiram que a cena final dos dois tivessem finalmente o beijo entre eles

Indo ao ar finalmente o primeiro beijo gay da história da televisão brasileira, num horário nobre dia 31 de janeiro de 2014, 9 anos depois da primeira tentativa e desta vez, ela foi ao ar completa, e foi a melhor escolha que a emissora poderia ter feito.

Abriu caminho para diálogos entre filhos e pais, pois se sentiram representados em uma novela das nove, os pais, podem entender melhor seus filhos se aproximando cada vez mais deles .

A novela trouxe questões que deveriam estar em pauta, principalmente a relação entre um pai machista que não aceitava o filho como ele era, fazendo que ele se casa-se com uma mulher e com ela tendo um filho, que na verdade, não era dele, mas se libertando desta amarras , pois se sentiu livre para amar , ser quem ele era sem ter que se esconder em um personagem, e moldado pelas expectativas do pai , para que ele fosse aceito por ele, e amado e respeitado , e assim anulando sua real identidade.

Ao lado de Niko ele pode ser ele mesmo, sem máscaras, sem medo de decepcionar, se tornou uma pessoa melhor, criou raízes e até sua relação com a irmã e a sobrinha melhoraram, e no fim, cuidou do pai e ouviu dele pela primeira vez eu te amo meu filho.

Parecer bobagem, mas para quem vive essa realidade, de se assumir ser homossexual e não ter o apoio dentro de casa, muitas das vezes, sendo mandado embora, jogado na rua, porque o pai não consegue entender a realidade do filho, tendo sofrido o primeiro preconceito dentro da própria casa, onde deveria ser acolhido, amado e respeitado, não é fácil.

Por isso muitos se escondem, se trancam, tentam viver uma vida que não é a deles, se sufocam e chegam no seu limite, não suportando mais, o próprio sofrimento e acabam muitas vezes tirando a própria vida.

Na vida “real” quem se destacou levantando a bandeira das mães que tem seus filhos homossexuais, mas que nunca deixariam de segurar a sua mão, dando apoio, carinho, amor e tentando entender esse universo é dona Deia, mãe do saudoso Paulo Gustavo, que muito cedo assumiu para mãe sua sexualidade, e teve todo amparo que poderia ter, ele também levantou a questão do casamento gay no Brasil, que era algo proibido.

Como assim proibir uma união entre duas pessoas que se amam? Pois é a sociedade mais uma vez preconceituosa não conseguia ver isso com algo natural e questionava, mas Paulo Gustavo veio para mudar tudo isso assumiu seu relacionamento com então namorado, se casou, e muitas pessoas começaram a segui-lo em redes sociais, não só pelo artista brilhante que ele era e é, mas também pelo jeito leve que ele levantava a questão homoafetiva, e viram como foi complicado, quando decidiram ter filhos.

Alguns evangélicos fervorosos acharam um absurdo, abominável, que uma relação homoafetiva era algo do demônio, que os jovens tinham que ir pra igreja, que Deus não ia gostar, porque o homem foi feito para mulher.

Vamos ser sinceros aqui, em nenhum momento na bíblia diz qualquer coisa sobre os homossexuais

Então vamos ser mais tolerantes, mais amorosos uns com os outros, se eles não cometem crimes, se eles não interferem na sua vida pessoal, vamos deixá-los em paz, cada um tem o seu jeito de amar, toda forma de amor é válida, seja qual você decidir seguir, viva sua vida de forma leve e deixe que os outros também possam viver as delas também;

Além disso só por que seu conhecido é homossexual, é sinal que você ou seu filho, serão, por que isso não é uma doença, não é uma condição, a pessoa não escolheu sofrer preconceito da família, dos amigos, da sociedade, e um dia acordou e disse. Ah! hoje vou gostar de uma mulher ou de um homem, não, eles nasceram assim, como tem mulheres que sentem que nasceram em corpo diferentes da sua real identidade, que se identificam como homem, os trans, eles também são pessoas, eles também merecem respeito.

Parem de apontar o dedo, porque quando você aponta três voltam para você, sejam mais tolerantes, com as outras pessoas, não é porque ela discorda de você, que ela é uma má pessoa.

Viver a vida mais leve é tão bom, não deixe que o preconceito, o ódio coloque você num lugar onde a areia movediça te prenda de tal modo que você não consiga evoluir.

Arranque as amarras do preconceito, se libere para poder evoluir, aprender, entender o próximo, revise seus conceitos, deixe o amor reinar por completo sua alma sinta que é capaz, de perdoar o seu semelhante, que não pense igual a você e que por algum motivo te agrediu.

A culpa não é sua, se ele resolveu ficar preso no passado, não quis seguir evoluindo, aprendendo, crescendo a cada passo, a cada obstáculo e preferiu pegar o caminho mais curto, onde os que tem mente pequena preferem estar, por que é mais fácil esperar o sol descer, do que subir a montanha com sol escaldantes em suas cabeças, fazendo que eles tenham que fazer mais esforço para subir. Siga com seu cajado na mão, os olhos bem abertos para cada aprendizado novo, saia do marasmo que a alma e a sociedade em põe. Crie uma meta para si, aprenda, ensine, evolua a cada passo do caminho, para quando for a hora, você se tornar um ser de luz, e com muita bagagem evolutiva na sua vida.

Não coloque escuridão nos seus olhos, se cegando com o ódio, o pre conceito, com desamor no coração, lá na frente você será cobrado, se não for pelas leis dos homens, será pelas leis divinas.

Todos temos o livre arbítrio, temos a liberdade de sermos o que a gente quiser, desde que não fira ninguém, ou ultrapasse o limite do outro.

Saber até quando você pode ir, é bem complicado, até mesmo numa relação de amizade, uma relação de trabalho, até que ponto, aquela pessoa, gosta que eu faça determinada coisa, para não virar assédio ou até ferir seus sentimentos? É uma linha tênue, e tão fina que a qualquer momento pode arrebentar.

A relação amorosa também é assim, lá vou eu falar de amor universal outra vez, mas é isso amor vem para todo mundo, não importada sua idade, sexo, cor ou raça, ele vem do nada e transforma nossa vida de cabeça para baixo.

Nos inspira a sermos pessoas melhores, e ele não pede licença, apenas entra na nossa alma e faz mordida em nosso coração, transformando tudo que nós pensamos sobre o amor, eles nos pega peças, quando achamos que estamos apaixonados por uma determinada pessoa, e ficamos com ela, percebemos que na verdade, aquela pessoa, não é exatamente aquilo que desejamos e acabamos por deixa-la ir para ela se tornar nosso melhor amigo, que nos ajuda, a encontrar a pessoa certa, se é que ela existe na real.

Amor não é para entender, não é uma matéria exata, mas um sentimento que devemos deixar fluir, deixar que ele te mostre o caminho mais rápido para felicidade

As vezes o caminho mais rápido para alcançarmos a felicidade, está no caminho mais longe, onde existe grandes obstáculos para gente ultrapassar, que vai nos ajudar a aprender, a crescer, a nos fortalecer, para criar uma relação mais madura, duradoura, onde os riscos passados, será de grande ajuda no futuro.

Mas as vezes te levará pelo caminho mais curto, para que você possa apreciar a vista de uma felicidade plena e feliz.

Muito na Antiguidade as meninas eram criadas a cuidar dos irmãos, pois seriam mães melhores, não podiam estar junto brincando com meninos, de bola, carrinho, pique –pega porque iam sujar seus vestidos e por outro lado, estavam ocupadas aprendendo a cozinhar, a bordar., e aprendendo a cuidar da casa, ajudando suas mães.

Quando cresciam não viam a hora de arranjar um marido para sair da redia curta do pai, mas caía nas mãos do marido, que recebia um dote pelo casamento, e ele era pior que o pai, não deixava sair sozinha, estudar nem pensar, tinha uma expressão que se dizia ‘Mulher só pode contar até seis, por que o fogão só tem seis bocas

Quando queria ir à missa, tinha que ser acompanhada do marido, nada podia falar, se tivesse alguma dúvida, tinha que esperar chegar em casa, para tirá-la com seu esposo.

Graças a Deus! O mundo evoluiu, e para vocês homens deixo aqui um recado, quando se apaixonar por uma mulher, deixa –as serem livres para fazerem o que elas quiserem, apõem, dê afeto, carinho, incentive-as, porque se elas quisessem viver num Mundo Machista e Opressor, elas teriam ficado lá na casa dos seus pais.

Meninas, jovens mulheres, libertam-se, deixe que o amor lhe mostre a direção, sinta o que a vida tem para lhe oferecer, se impõem no mundo, colocando seus desejos e seus objetivos em primeiro plano.

Não deixe que nenhum homem lhe diga o que você pode ou não pode fazer, a vida é sua, e você faz dela o que você quiser, se ele te amar vai te respeitar e estará ao seu lado, em todos os momentos, se não tudo bem, deixa ele partir, outro melhor vai aparecer para lhe completar completamente como mulher.

O amor é algo sublime, aproveitem essa dádiva de Deus, não matem o seu amor-próprio por homem nenhum, não sejam submissa a pessoa que diz que te ama.

Nenhum homem pode tocá-la sem o seu consentimento, seu corpo suas regras, nenhum deles podem te bater, nem que seja com uma flor.

Isso é totalmente improprio, imoral, e criminoso, a tortura psicológica ela marca mais do que a tortura física, e a mais difícil de se curar.

Não tenham medo de trazer à tona e denunciar, vocês não estão sozinhas e sempre busque ajuda.

Ter ciúmes de um parceiro e de uma parceira é natural, faz parte do relacionamento sadio, mas se começar com obsessão, é caso de doença, procure um grupo de ajuda, ou um profissional gabaritado para lhe ajudar.

Toda forma de amor é válida, independentemente de qual ela seja. Ela é a inspiração do poeta, que a transforma em versos, é a fonte de encantamento de um compositor que as transforma em letra e melodias.

É a energia que impulsiona a alma, transformando tudo a sua volta, é a magia do primeiro olhar, dos primeiros beijos, do primeiro acordar ao amanhecer.

É a luz que ilumina o céu, estrelado quando não tem luar e a noite é só escuridão.

É o sorriso de uma criança ganhando seu primeiro pet, ou ganhando seu primeiro vídeo game na vida, cheio de entusiasmo para poder brincar, e chamar seus amigos para ver como seu cãozinho é fofo, como seu vídeo game é especial e incrível.

O amor não se controla, não se vê, não se toca, só se sabe que ele está ali, só esperando uma oportunidade para jogar sua flecha e atingir em cheio a alma do seu coração, se é que ele tem alguma alma.

O amor é único, na sua simplicidade se divide em vários pedacinhos quando jamais poderíamos imaginar possível, são pequenos gestos, pequenas atitudes que faz com que ele aumente cada dia mais, quando o parceiro ouve as reclamações da parceira com atenção, quando lhe dá carinho ou presente sem motivo algum, ou até mesmo quando não esquece das datas especiais, isso para um relacionamento a dois, muito importante, se uma dessas se quebra dançou, lá vem DR para durar a noite toda, você não me ama, você não presta atenção em mim, porque estamos juntos, se você nem sabe que dia é o meu aniversário, e se chega do nada com uma lembrancinha do trabalho, quem é ela, me fala, você deve estar me traindo só pode, é meus caros homens as vezes é difícil decifrar o que querem as mulheres, boa sorte para vocês.

Quando a lua toca no mar, quando a onda bate na areia, ali está o amor sim o Amor de Deus pela natureza.

Quando um bebê se aconchega no colo e sua mãe, ali está o amor incondicional, o maior do mundo, aquele que tem o poder de curar todas as feridas, que é capaz de virar noites e noites selando por aquele pequeno ser, que seria capaz de morrer para salvar um filho seu, este se chama amor de mãe e é o mais poderoso de todos.

Quando os avós brincam com o netinho no parque neste momento aquele amor é suficiente para suprir a falta que os pais fazem, é o poder de comer tudo que quiser, na hora que quiser, sem ter que ouvir, só depois do almoço, lá você pode fazer tudo, que na sua casa seus pais não deixam fazer e se bobear eles participam junto da farra.

Quando seu time do coração vence uma partida, ou quando a seleção vence um jogo e você comemora, também é um tipo de amor, exatamente, é chamado de amor ao futebol, e a seu time, que seja qual situação for, você sempre estará lá para torcer.

Quando percebemos que uma pessoa está feliz na rua, pode ter certeza de duas coisas ou ela conseguiu um emprego dos sonhos, ou está amando, eu aposto na segunda opção, o amor transborda, é transparente se percebe no rosto de alguém quando ela está amando ou sofrendo de amor.

Quando você não se preocupa que seu restaurante favorito não tem mais reserva, quando a série que você maratonava acabou sem sentido e de forma totalmente oposta que você imaginou,

Quando o sinal demorou mais do que o normal para abrir, e mesmo assim você se sente leve e feliz, 'por que você está amando, você está apaixonado e tudo que ela fizer a partir de agora será incrível, você vai rir das piadas ruins, do jeito dela de te chamar, se ela te pedir para usar camisas iguais você vai usar, mesmo achando brega, por que o amor é isso, ele te deixa bobo, te deixa de "quatro pneus arriado pela pessoa" que você está se relacionando agora.

Quando a pessoa fica longe por uma semana, duas ou até um mês e depois ela volta para te encontrar e você descobre que nada mudou, que nem parece que ela viajou e voltou.

Advinha só, você está amando, mesmo que você negue para você mesmo, o amor te pegou de jeito, não tem como você escapar, apenas sinta, não tenha vergonha, coloque tudo pra fora, grite, fale, demonstre com pequenos gestos.

O amor é simples, é fácil, tranquilo, e sereno, é o remédio para o corpo e para a alma, ele te tira do fundo do poço chamado solidão, e lhe traz para a luz, chamado de esperança, de dias melhores, sem altos e baixos, quem te ama de verdade estará contigo em todas as situações, e é nesta hora que vemos quem está com a gente por que gosta ou está com a gente por que quer algo em troca, e nesta hora que se separa o Homem do Menino.

Seja como for o amor está em todos os lugares, em todos os momentos da nossa vida, permita-se sentir uma única vez.

O amor alegre a sua alma, liberte tudo que possa estar te impedindo de amar, caia de cabeça no relacionamento atual se estiver namorando, à vezes, quebramos a cara, sofremos, aprendemos, superamos e partimos pra outra, com mais bagagem, pra evitar os mesmos erros do passado.

É melhor pegar por tentar, do que se martirizar para o resto da vida por não ter tentado e ficando sempre na sua mente a fórmula do "Se".

AH O AMOR!

Como ele é incrível, transforma a dor que antes era um tormento, em algo do passado, que não existe mais, pois como diz

o ditado só com outro amor , se esquece o outro amor, é isso, um novo amor cheio de respeito, carinho, afeto, compaixão , compreensão pode suprir aquele outro, que não ligava mais se você chegava cedo ou não do trabalho, nem perguntava mais do seu dia, quando você ia ler alguma coisa na cama, reclamava da luz, por que dizia que tinha que acordar cedo pro trabalho.

Não te elogiava mais, mas o novinho em folha este não, quer saber como foi o seu dia, que horas você sai do trabalho, que ele passa para te buscar, te ajuda nas tarefas de casa, assistem serie juntos e ele te espera para ver o episódio com você, ao invés de ser sem você, relacionamento novo, amor novo só pode lhe trazer coisas boas , aproveite este momento, que a empolgação está lá em cima, porque quando entra a rotina , ai o buraco é mais em baixo, tem que ter jogo de cintura para os dois não pirarem , e colocarem o relacionamento a prova a primeira vez .

Neste relacionamento que começa, as saídas a restaurantes ficam frequentes, idas para andar na beira da praia, ficam constantes, e vocês parecem ser um só.

E você percebe como você cresceu, amadureceu, criou meios de se preservar, ao mesmo tempo que se jogou neste relacionamento e sabe que a qualquer momento pode puxar a “cordinha” e diminuir a velocidade, que as coisas estão indo.

Como eu disse anteriormente o amor é o remédio mais poderoso que existe, ele acalenta quem está em sofrimento, liberta aqueles, que por algum motivo que a própria razão desconhece se sentiam aprisionados.

Dá força para que possamos seguir em frente, tirando de nós algo que jamais saberíamos existir, se não tivéssemos passado por alguma desilusão amorosa na vida.

Ilumina os olhos daqueles que viviam na escuridão, trazendo luz onde havia trevas, trazendo conforto onde existia dor, trazendo esperança, onde só tinha desespero.

O amor é alma de quem sofre, é a alegria de quem vê alguém que ama voltar de longe, é a risada de uma criança brincando no parquinho, o amor surge para deixar os dias cinzentos mais coloridos.

Quem o sente, fica mais forte, mais preparado para viver novas aventuras, novos relacionamentos, deixando aberto caminhos que antes chegavam a uma rua sem saída, mas que depois que provaram o amor, hoje estas ruas desembocam na estrada da vida, e se dividem em duas, a da do amor incondicional, maduro e capaz de vencer tudo e todos e a estrada que dá direto para estrada da felicidade, com toda sua plenitude infinita.

Criando momentos únicos e felizes, pois quem ama, sabe o verdadeiro sentido da vida O amor é capaz de fazer o mais ogro dos homens em cavalheiro mais gentil do mundo, se despindo de toda sua vaidade, dos seus pre conceitos estabelecidos pela sociedade, se permitindo sentir algo tão complexo, mas ao mesmo tempo tão fácil de sentir que é o amor puro e verdadeiro. Nem os contos de fadas poderiam demonstrar mais o que o amor é capaz de fazer na vida de alguém, ele tem que ser vivenciado, sentido, construído com o tempo.

Os casamentos arrançados são exemplos disso, a família escolhe o marido da filha, eles só se conhecem no dia do casamento, e no início, onde não existia amor, na maioria das vezes, vai criando raízes, e essa relação vai crescendo e quando se dão conta, estão completamente apaixonados. Este tipo de casamento é muito comum no povo da Índia, onde existe kastas e devem ser religiosamente respeitadas.

Quando o amor é construído em forte camadas de verdade, respeito, compreensão, ele fica tão forte e tão bem raziado que nenhum vento de desconfiança, pode derrubá-lo.

Mas se é construído em mentiras, desrespeito, ele fica tão frágil, que qualquer vento da desconfiança, pode destruí-lo e jamais poderá ser reerguido outra vez, fazendo com aqueles ali estiverem saírem machucados para vida toda.

Então uma dica que dou crie um castelo forte de amor verdadeiro, com camadas de respeito, companheirismo, entendimento mútuo, para que ele dure para uma vida toda.

É muito bom chegar na terceira idade, com pensamentos mais maduros, com ideias mais fortalecidas, e recomeçar uma vida do zero, sem pensar nos problemas como algo importante no relacionamento, mas como algo passageiro, que pode ser resolvido juntos através de conversas, diálogos ,e muita paciência para entender , que os dias estão passando, que a vida é muito curta, para ficar discutindo, por ele ter deixado a toalha molhada sobre a cama ou por ela ter deixado a calcinha pendurada no banheiro e o ralo todo sujo de cabelo .

E começa a colocar todas as suas energias, como podem juntos solucionar determinado problema, seja grande ou pequeno, assim viverem mais juntos e felizes.

Quando se é jovem tudo é motivo para brigar, não tem paciência com as atitudes do outro, acha sempre que ele está cuidando mais

do relacionamento que a outra parte, as inseguranças são mais frequentes, por que o ciúmes também é bem maior, e se troca mais de parceiros do que se troca de roupa

Criam regras que normalmente favorecem uma das partes do relacionamento, e tem casais que chegam ao extremo, criam um contrato de namoro para deixar essas regras bem claras e que descumpridas haverá sanção, seja financeira ou não e deixam bem claro, o que é meu é meu e o que é seu é seu.

Para que tudo isso? Se existe amor, não tem que haver cobrança, o amor ele não precisa que o outro faça aquilo que não quer para agradar o outro, ele apenas quer que você viva intensamente cada momento a dois e se dali der casamento ótimo, se durar o resto da vida que bom, mas se não durar foi uma ótima experiência e nos relacionamentos futuros, serão melhores ainda.

Que seja eterno enquanto dure!

Quando se ama o tempo para os olhos brilham, o sorriso fica evidente, o dia pode estar todo errado, mas você não liga porque o que mais importa está ali do seu lado.

O amor está no ar, ele está em todo o lugar, experimente, sinta, deixe ele te tocar.

Viva toda a forma de amar!

Sejamos felizes !

Quando a casa dos avós se fecha

A casa dos avós é um lugar de aconchego, de memórias e de afeto. É o lugar onde nos sentimos em casa, onde somos sempre bem-vindos e onde podemos ser nós mesmos. Mas às vezes, a casa dos avós se fecha.

Pode ser por causa da morte, da doença ou simplesmente porque os avós estão ficando velhos demais para cuidar da casa. Seja qual for o motivo, o fechamento da casa dos avós é sempre uma perda.

Perdemos um lugar onde podemos ir para nos sentir amados e aceitos. Perdemos um lugar onde podemos compartilhar histórias e rir juntos. Perdemos um lugar onde podemos simplesmente ser nós mesmos.

O fechamento da casa dos avós é um lembrete de que a vida é passageira. Que as pessoas que amamos não estarão sempre conosco. E que devemos aproveitar cada momento que temos com elas.

Portanto, se você ainda tem a sorte de ter a casa dos seus avós aberta, aproveite. Vá visitá-los com frequência. Passe tempo com eles. Ria com eles. Compartilhe histórias com eles. E mostre a eles o quanto você os ama.

Porque um dia, a casa dos avós pode se fechar. E você sentirá muita falta dela.

Daniel Bezerra

A repartição igualitária da miséria

Fernando Barreto

Era um dia de folga e não havia nenhum compromisso para a banda Crop Circles, formada por Mila Cox e Zími.

Estavam de folga também de suas atividades como copywriters, que os sustentavam.

Não viviam da música, mas viviam para ela.

Mila Cox bateu à porta de Silvano, e lá estavam ele e Zími fumando maconha, tomando rum e ouvindo Circle Jerks.

Silvano estava olhando pela janela quando ela entrou. Virou-se da vista que tinha para a rua e comentou:

“É preciso que haja uma nova civilização. Esse imenso contingente que vaga aí fora é como um rebanho de ovelhas zumbis, que destroem umas às outras por nada, além da necessidade de canalizar a frustração que sentem por serem tão infelizes com suas vidas mortas. Suas vidas são vagas existências frias, quase ocultas em meio ao gado. Muitos tem e carregam um único livro, que nunca leram, mas que consideram sagrado. Se o povo lesse mesmo a bíblia, não haveria pastores milionários sugando dinheiro dos pobres.”

Ele usava uma regata amarela dos Bad Brains e segurava um copo grande de rum com limão e hortelã.

O que ele disse era algo que Cox sabia, e que servia de tema para as músicas que compunha em parceria com Zími, para a banda Crop Circles.

Ela falou: “É tanto dinheiro gasto com pagamento de pensão pra filha adulta de militar, e dali não sai uma banda que preste.”

O universo masculino ainda a chocava em alguns aspectos.

A casa de Silvano Angulo (nascido em Canelones, Uruguay, mas que vivia em São Paulo desde os dois anos de idade, trazido pelos pais, e que por isso falava português quase sem sotaque) era o que ela chamava de “barraco mal assombrado de um gringo louco”.

Silvano atribuía essa condição ao fato de ser solteiro, dizendo que é uma das poucas desvantagens de nunca ter se casado. Tinha quarenta e nove anos, sem filhos nem responsabilidades paternas.

Ele também estava de folga de sua atividade de fazer carretos com sua Kombi, e também de sua ocupação como músico, em uma banda de um homem só, em que tocava uma guitarra sentado, tocando a bateria com os pés.

Até aquele momento de sua vida, Cox, de vinte e um anos, não conhecia muitos tipos de homens.

Haviam alguns que tinham uma casa organizada e limpa, mas que eram chatos, reacionários e com gosto musical ruim.

Um outro tipo de homem era como Zími e Silvano, que de tanto desapego pela organização de suas moradias, precisavam fazer a compensação com a doação de seu tempo e energia em prol da arte.

Ela sabia que nem todos os homens se restringiam a essas duas condições, mas a aparição de alguém que fosse um meio termo poderia ser chata, e alguém que fosse ordeiro e talentoso artisticamente seria provavelmente um tipo inacessível a ela.

Ian MacKaye era quem ela considerava um exemplo que deveria ser seguido por mais homens.

Seu círculo de amizades verdadeiras era restrito. Por conta de suas atividades musicais, tinha muitos contatos mundo afora, porém, aqueles dois sujeitos eram as pessoas com quem ela mais convivia cotidianamente.

Quando ela passou a dividir um apartamento com Zími, ele foi obrigado a se adaptar a certas condições sob as quais não costumava viver antes, quando morava sozinho em quartos de pensões, que para Cox seriam deprimentes, mas que para ele eram normais para um cara de meia idade e solteiro, completamente alheio a uma vida em família.

Ela dizia estar ainda desaprendendo informações falsas sob as quais fora programada, inclusive na escola, e sempre ouvia de Zimi que não havia perdido nada por não ter vivido no século vinte, período em que, segundo ele, houve a ascensão fulminante da figura do idiota.

Zimi repudiava as convenções familiares da classe média. Isso começou na infância, em sua própria casa, e era outro tema que usava em suas músicas.

Eles eram vizinhos de porta no mesmo prédio em que Silvano já vivia há vários anos.

Os dois apartamentos eram, na prática, a extensão um do outro.

Mila Cox dizia que as divisórias eram apenas para que ela tivesse controle para manter certo isolamento de bizarrices do universo masculino, caso isso fosse necessário em algum momento.

Ela foi para a janela. Estava no sexto andar, olhando de cima a Rua da Glória, no centro de São Paulo. Chovia e a cidade passaria pelos mesmos problemas, de novo. Era confortante não estarem presos no trânsito daquele horário.

Viu um catador de latas tirar uma lata do lixo e beber seu conteúdo, antes de jogá-la dentro de uma sacola.

Então virou-se para dentro do apartamento e ficou com vontade de repetir algumas coisas que Silvano já havia falado no começo da conversa, mas deixou quieto.

Zimi estava sentado numa poltrona com um curativo sujo pendurado no polegar, pois horas antes havia cortado o dedo quando cortava limão para misturar na bebida.

Ele apenas resmungava para si mesmo que o rebanho humano persegue loucamente o superficial, e que como indivíduos, apenas existiam, mas não viviam, além de serem facilmente manipulados por charlatões.

Mencionava também as péssimas condições das grandes cidades brasileiras, abandonadas e com suas infraestruturas loteadas pelo empresariado parasitário que enriquece cada vez mais, enquanto o povo vive no lixo.

Ele vestia uma camiseta branca com a cara do Damo Suzuki e tinha na mão um caderno em que esboçava a letra para uma música nova, tentando não se repetir demais na temática.

Por costumar dizer o que pensa, já não tinha nem parentes mais.

Eles não tinham religião, então não tinham motivos para não falarem a verdade através de suas músicas.

Sabiam que havia sempre um limite além do qual, a tolerância deixaria de ser uma virtude.

Diante de situações sociais bizarras que se repetiam, tentavam se consolar com a abundância contínua de temas a serem abordados.

É claro que além de tudo haviam guerras também. E havia, nos portais de notícias da internet um imenso espaço desperdiçado com subcelebridades momentâneas das quais eles nunca haviam ouvido falar, e que eram levados à fama pelos motivos mais torpes.

A fama que essa gente tinha era a serem idiotas expostos ao grande público, que em parte se identificava, por também se tratar de um grupo de idiotas.

Nem mesmo o dinheiro poderia compensar tamanha desgraça, onde a integridade e a dignidade são apenas palavras esquecidas no dicionário.

O vendedor de discos

(O Cartógrafo)

Todos os domingos estava ele, no mesmo lugar, em meio a feira da cidade a vender sua mercadoria. Porém não eram frutas ou legumes que negociava, e sim algo que não fazia parte das refeições, ou talvez sim...

Vendia discos, algo tão antigo para o tempo em que vivia quanto o próprio vendedor, no auto dos seus setenta e tantos anos já vividos, que começara a pensar que não valia mais a pena o trabalho que fazia, já que cada vez menos clientes apareciam em sua barraca.

Com o advento da modernidade e das novas formas de se ouvir música, o vinil já não interessava a quem não era de mais idade, como ele, que vendia sua própria coleção, pois sentia que não tinha quem gostaria de ficar com tal herança quando ele próprio se fosse, já que os filhos e netos sequer conheciam tais objetos ou sabiam o que era uma agulha de vitrola. Fazia tal trabalho somente para passar o tempo e distrair-se da velhice, porém com a falta de interessados já estava a ponto de desistir, quando em um domingo de total desânimo, aparece em sua barraca um rapaz ainda muito jovem, com os olhos brilhando ao olhar sua mercadoria.

Com um pouco de estranhamento, ele foi o atendendo:

-Posso ajudá-lo rapaz?

-Sim, estou dando uma olhada, gostaria de saber os preços destes aqui.

Enquanto o rapaz folheava as capas, cada vez mais entusiasmado, o senhor ia lhe indicando os preços e surpreendendo com o conhecimento daquele jovem a cada disco que reconhecia, até ao final de meia hora de consultas, comprar cinco deles.

O vendedor ainda surpreso, ficara contente com a venda, embora imaginasse consigo que o rapaz nem soubera o que era aquilo e havia comprado apenas para presentear alguém de mais idade, ou senão algum familiar idoso que talvez tenha pedido, e assim ficou em sua mente.

Porém se surpreendera com o rapaz novamente no próximo domingo, e no próximo, e no próximo, isso ao longo de dois meses seguidos, até que um dia, não segurando mais sua curiosidade, perguntou ao jovem:

-Rapaz, se me permite perguntar, você assim tão jovem, tão de aparência atual com esse tempo, porquê se interessa tanto por algo tão antigo como os discos, algo já tão ultrapassado?

O moço então lhe explicara que por mais que fosse jovem, sempre ouvira histórias do pai sobre os tantos discos que tinha em sua mocidade, e das tantas aventuras e conquistas que as canções desses discos lhe inspiraram, que já na falta do pai, resolveu ele também colecionar os vinis em sua memória, já que desde criança sempre havia escutado junto do pai, e foi dizendo ao vendedor:

-Não me interessa apenas pelos discos, e sim por toda história que carregam, a música poderia ouvir em qualquer lugar e em qualquer aparelho, porém as capas, os desenhos, os encartes, isso sim é o que procuro, para fazer que essa memória em mim não se apague.

O vendedor comoveu-se lembrando que também herdara do pai a paixão pelas músicas, e também parte da coleção que tinha, e surpreendeu-se ainda mais quando o rapaz o despediu ao ir embora:

-Tenho que agradecer muito ao senhor, é o único vendedor de discos nessa cidade, sem o senhor, eu não acharia tudo

isso...Muito obrigado e até semana que vem!

Naquele momento o vendedor, já um senhor de idade e desistindo de sua aposentadoria do ramo, descobriu que vendia aquilo a tanto tempo, porém não sabia o que era. Acreditava ser um vendedor de discos, porém um rapaz muito mais novo o ensinou, e não o contrário, que era sim um vendedor de lembranças, boas lembranças.

Gabriel Henrique Vilaverde

Mogi Guaçu-SP

25 anos

O invento de dentro

Estava um dia um menino a perguntar a sua mãe quem eram os inventores das coisas.

Dada sua curiosidade infantil e inocente, começou primeiro com as coisas materiais, já que eram as primeiras coisas que via em sua frente, tais como móveis e aparelhos de sua casa, e sua mãe, com o pouco conhecimento que lhe cabia, ia criando os nomes dos inventores para satisfazer a curiosidade do filho.

Conforme as respostas vinham, surgiam ainda mais perguntas, tais como coisas da natureza, como quem criou as nuvens, ou quem inventou as montanhas onde as nuvens ficavam em cima, e assim seguidamente, até que chegou numa pergunta que todos os pais temem, e certamente um dia terão de responder:

-Mamãe, quem me inventou?

Usando toda a delicadeza de uma mãe, e com todo o cuidado da palavra, a mãe carinhosamente o respondeu:

-Quem te inventou foram seu pai e eu, com a ajuda do nosso amor, meu filho- disse-lhe dando um grande sorriso

O menino pensou muito por alguns instantes, e dada sua inocência de criança, perguntou novamente a mãe:

-Mas mamãe, quem inventou o amor?

Dada a surpresa da pergunta, ficaram os dois em dúvida e pensativos, e a mãe sem uma resposta a dar a criança.

Passado algum tempo, o menino se distraiu com outras coisas de sua rotina pura e inocente da infância, esquecendo da pergunta, ao contrário de sua mãe, que percebeu que em seus tantos anos de vida já vividos, e com todo conhecimento de uma mulher já feita, nunca havia se deparado com uma questão tão profunda como aquela, vinda de uma criança ainda tão imune as questões do mundo, a fazendo refletir sobre o assunto.

Passados bons anos, o menino já crescido, formado e adulto, e já sabendo as verdadeiras respostas para suas perguntas de criança, que obviamente não eram as mesmas que a mãe inventava para satisfazer sua curiosidade no passado, um dia disse a ela, já bem no avanço da idade:

-Mãe, hoje eu sei quem são os verdadeiros inventores de quase todas as coisas que eu lhe perguntava na infância, e que você inventava os nomes por não saber. Mas somente aquela última, que você nunca me respondeu, sobre quem inventou o amor é que ainda não sei.

A mãe lhe diz com um brilho nos olhos:

-pois hoje eu sei, e não é invenção, quem inventou o amor, foram os mesmos que inventaram você.

Gabriel Henrique Vilaverde

Mogi Guaçu-SP

25 anos

Autora: MELO, Gilvanete de.
Título: Um tiquinho de crônicas.
Aracaju 2024.

Agurde...

Claro que o que você, leitor, sentirá ao ler essas poucas linhas, talvez eu nunca saiba, pois logo que escrever essa pequena vivência vou-me retirar de fininho; buscarei outras coisas para lhe contar mais adiante. Não irei tão longe, nem tão depressa que não possa voltar em breve, pois na leitura, nenhuma vastidão é distante.

XX

Será?

Naquele dia, sem marcação prévia, eles se encontraram, como sempre. Trocaram algumas palavras, saíram juntos rumo ao lugar de costume. Lá, no espaço de sempre, na mesa de sempre, e à garçonete de sempre, pediram sua primeira garrafa – a abre caminhos do dia - ouvindo a música de sempre. Pedido atendido, papo vai, papo vem, ele fazia elogios para ela, a olhava de maneira diferente do encontro de sempre, e ela com sorriso largo e gentil, sempre. Lá pelas tantas da madrugada, algo acalorado, intenso, os deixou embriagados... não, não era a bebida, mas não era somente amizade, de sempre! Começaram um romance ali mesmo, diante do cenário de sempre, corriqueiro aos olhos deles, mas desta vez com uma diferença: foram tomados por uma emoção, um arrepio de pele que antes não se fazia presente... lá, no espaço de sempre, na mesa de sempre, beberam e se embriagaram com a bebida de sempre, com o sentimento de sempre, amigos de sempre agora amantes...para sempre?

XX

Eita, ela!

Quando criança ouvia dizer que algumas pessoas “se pareciam com o sol e a lua”: nunca poderiam se encontrar. Diziam também, que quando o Sol nascia, bem cedinho, a Lua precisava se esconder para que o Astro Rei pudesse majestosamente ocupar o seu lugar. Foi-se o tempo! Tenho observado a Lua em plena luz do dia, ao

sol escaldante, dividindo o espaço, sem temer! A Lua alta, cheia, crescente e linda, não se preocupa mais com horários, ou posição social que ditaram para ela. Brilhante, nunca mais se esconderá, andará livre, a qualquer horário, de norte a sul, quando quiser, pois, a Lua não é nem será mais a mesma de outrora, emancipou-se, ela está empoderada.

XX

Valei-me!

Como de costume, durante todo o mês, exceto fins de semana, lá se ia aquela pessoa em direção ao transporte alternativo. Era usuária assídua. Precisava dele em dois momentos durante o dia: quando ia ao trabalho pela manhã, e ao retornar à tardinha. Certa vez, despreocupadamente, ela passa ao motorista da condução uma cédula para pagar a viagem dela. O homem examina o papel, olha-o contra a luz, observa a frente, os elementos que o compõe ...

- Esta nota é falsa, amiguinha! - Grita ele.

-Como assim? - Responde ela, gelada e cheia de vergonha.

- Pegue aqui e veja...sinta a diferença do papel... nem a “fita” preta do meio existe. Não posso recebê-la!

- Sinto muito, não tenho culpa nem a intenção - disse ela- Tenho outro dinheiro. Pegue!

Pagou a viagem. Chegando em casa, com um aperto no coração, rasgou a nota, a qual tinha um valor significativo, mas não poderia repassá-la, tampouco o erro cometido por outrem.

LIBERDADE APAGADA

José Leandro de Souza Lima

A atmosfera o qual reinava aquele espaço, é de cor cinza, ventos brandos e pequenos pingos de chuva ao anoitecer, ao fixar o olhar no horizonte, da pequena janela da fazenda, a poeira levantada e o som dos carros faziam acelerar os batimentos daquela frágil senhora.

Cada grito ou alarido, é interpretado como perigo, cenas sequenciais são colocadas em ação, suor gelado, respinga sobre a face, tão pálida e cheia de rugas, traços finos e detalhados, muita vida em tão pouca pele.

Roupas simples, cores vivas e estampas tão similares a vivência do homem do campo, onde natureza e divindade são tão inseparáveis.

O anoitecer carrega muito mistério, o medo do desconhecido era rotineiro, já não se podia dormir tranquilamente, a maldade já foi apresentada aos transeuntes daquele pequeno vilarejo.

As moças e senhoras, não se atreviam a andar sozinhas, deveria estar na companhia de um homem, seja ele: marido, irmão, filho, a liberdade que antes existira, foi sendo apagada a pincéis pesados e disformes.

PELE COR DE CAJU

José Leandro de Souza Lima

O som que vinha lá de fora, a fazia acreditar que a tempestade iria passar, as poças de lamas não seriam mais obstáculos para seu crescimento, os gritos internos e externos já não a deixavam amordaçada.

A janela entreaberta, trazia consigo uma brisa leve, e os respingos de chuva, e levemente teve um arrepio, que a fez sentir-se viva e dona de seu próprio corpo.

Cidadão algum teria o poder de prendê-la, e a identidade a qual perdera, foi reencontrada, a foto fora modificada devido aos ares úmidos, daquela pequena moradia.

As paredes, de cores acinzentadas e com reboco incompleto, nem se assemelhavam aos olhares julgadores lançados àquela jovem, que com sua saia rodada e com sua pele desnuda e brilho nos olhos , usando um batom vermelho e com pele cor de caju, já levava muitos homens a pararem no tempo, e se “digladiarem” nas esquinas da vida.

Mas, o tempo foi cruel, não apenas com ela, mas em sua totalidade, as ruas estavam vazias, casas desocupadas e apenas memórias restaram.

UMA PENTEADEIRA E UM ESPELHO TRINCADO

José Leandro de Souza Lima

O primeiro nome que veio à mente, ao retornar aquela casa de três cômodos, fora daquela frágil senhora, de olhar cabisbaixo, riso incompleto e coluna meio torta.

Suas roupas eram simples, limpas e com um perfume marcante, o fizera recordar: “o segredo para temperar a comida com gosto”.

Em nossas conversas, vez ou outra tinha atropelos em sua fala, nesse intervalo, um cigarro era aceso, o fazia trancar a respiração por alguns instantes, no entanto, ao mastigar a bolacha MARIA e tomar um café meio amargo – ainda com resquícios de pó - esse detalhe se tornava nulo.

Ao adentrar a sala, se deparava com uma fotografia da mesma, juntamente com o seu esposo, com o bigode negro e para cima, lembrou dos causos contados ao entardecer, que eram sincronizados com os cortes de legumes e verduras, naquela cozinha de batentes altos, e no fim: uma deliciosa sopa, era servida aos presentes.

Seu quarto, ainda possuía sua energia, não pudera conter as lágrimas, e um questionamento a mais foi feito: quantos acontecimentos foram cenário, naquelas quatro paredes?!!

Alguns podemos imaginar:

Bons, outros ruins, foram eternizados na memória do casal!

Sua penteadeira, de tons pastéis, e um pequeno espelho, trincado pela ação do tempo, ainda fazia refletir aquela aura de anjo, mulher de mil e um saberes, e escrever sobre ela, o fazia sentir um pouco mais leve.

P.S: “Levo para sempre, e a todo sempre, teu olhar, sua paz e esperança.”

POR QUEM VOCÊ CHOROU?

José Leandro de Souza Lima

Fico imaginando como é um pai e ou uma mãe sepultar um filho(a), principalmente quando a cada dia uma pá de terra é jogada, sem ao menos perceber: o quanto o túmulo está ficando fundo.

A coroa de flores é regada a cada briga, discussão, ou até mesmo violência física praticada, as escoriações, avermelhadas se tornam quase indolores, mas uma chance a certo individuo fora depositada, na esperança de uma certa “CURA”.

Porém dias, meses e décadas se passavam, o novo dia se tornara quase reprise do dia anterior, onde o relógio já nem adiantava e nem atrasava, os acontecimentos se tornaram sincronizados.

O escurecer, era visto como uma tortura, a solidão e a angústia tornaram-se companheira daquela senhora, as madrugadas mais silenciosas e frias, ela pudera lembrar das noites que passara a embalar em seus braços, com cantigas de ninar, aquele pequeno ser, indefeso e berrante.

Nos primeiros dias de vida não soubera, logo de cara, decifrar o que cada choro significava, só com o passar dos dias, e na atualidade cada olhar, movimento, ou choro, é decifrado no ato.

A notícia da partida do filho amado, a fez perceber, que vida e morte, andam de mãos dadas, em um contrato mal assinado, onde familiares, são obrigados, a voltarem a serem crianças por um dia: chorar sem vergonha, soluçar em um ombro de um conhecido e no fim, um abraço apertado.

Em um lugar iluminado por vibrantes raios de luz produzidos por atitudes de compaixão; arejado pela brisa emanada dos pensamentos perseverantes; energizado pela nobre força dos sonhos, habita a dona Esperança, ciente da responsabilidade de ser parte inerente do ser humano, assim procura lidar da melhor forma com o seu maior dom, a imortalidade. Diante de devastadoras lágrimas de sofrimento, disponibiliza o lenço da empatia para secá-las; em situações de tristeza gerada pelo abandono, oferece acolhimento no intuito de estimular o planejamento de novas conquistas; muitas vezes o pânico emerge em meio a vulnerabilidade e ela estende os braços da proteção para ajudar o reerguimento.

E a senhora Esperança dedica seus dias aos cuidados às necessidades que surgem nos caminhos da vida material e emocional. Possui uma família grande, os bebês Esperança que apesar de pequenos são importantes para iniciar o trabalho de formação dos objetivos; os adolescentes Esperança que evidenciam a importância do processo de desenvolvimento, das etapas e ciclos; os adultos Esperança que são a prova da concretização das renovações e do alcance das metas; os idosos Esperança são os que possuem a sabedoria aprimorada pelo tempo e pela experiência e eternizada pelos ensinamentos que transmitem de geração a geração.

Como acontece, quase que rotineiramente, chegou uma visitante, com uma aparência sombria, mas que despertava comiseração, a dona Ansiedade. Provocou um grande desequilíbrio, pois à medida que movimentava-se para conhecer o local, ia deixando rastros de desespero ao disseminar sua energia vacilante, alguns contorcem-se sem conseguir respirar e com fortes tremores pelo corpo; outros apavorados escondem-se sem a capacidade para realizar suas atividades e compromissos; havia ainda os que irritavam-se por não compreender a proporção correta dos fatos. Dessa forma a aflição se propagou como uma doença difícil de lidar.

À essa altura a dona Esperança havia tomado conhecimento acerca do ocorrido e convidou a visitante para tomar um chá ao pôr do sol e conversar, com o intuito de oferecer sua ajuda e encaminhar o retorno da harmonia, porém assim que a dona Ansiedade recebeu o convite entrou em uma intensa crise, pois ainda estava amanhecendo o dia e inúmeros pensamentos tumultuavam sua cabeça em busca de possíveis motivos do convite e não se conteve, com os batimentos cardíacos descompassados dirigiu-se rapidamente e esbaforida ao tal encontro.

A dona Esperança ao avistar a convidada chegando com muitas horas de antecedência, pensou em pedir para que ela voltasse no horário marcado, mas ciente de suas dificuldades interrompeu seus afazeres para resolver o problema que, tal qual uma bola de neve, se avolumam à medida que o tempo passava. Ao tentar cumprimentá-la foi bruscamente interrompida, então respirou fundo para restabelecer a paz interior, nesse ínterim, foi bombardeada por palavras grosseiras, desconcertadas e desconexas, ao que percebeu que a tarefa não seria fácil.

No entanto, a dona Ansiedade foi se acalmando sem perceber que estava entrando na sintonia das energias benfazejas da dona Esperança. Aproveitando a oportunidade, a dona Esperança pediu permissão para abraçá-la e aconchegou-a em um abraço maternal, assim a dona Ansiedade caiu em um copioso pranto e percebendo a sinceridade do momento desabafou suas dores. Em contrapartida, sentiu-se em um acolhedor ninho, entregou-se às palavras edificantes e consoladoras que penetravam sua alma ofertando as possibilidades da cura que ela pensava que nunca encontraria.

Assim, por algumas horas as duas mantiveram-se fraternalmente experienciando aquele instante de reciprocidade e redenção. Como mágica executada pelo artista as ações em prol do soerguimento; da saúde; da solidariedade; da amizade e da paz envolveram todo o ambiente e os que haviam captado as emanções da dona Ansiedade, foram se recuperando gradativamente. Por fim, ambas de mãos dadas caminharam rumo à estrada do progresso e da reconstrução da coragem e da fé. E a dona Esperança segue ainda mais viva.

Donga

Patrian Matheus Gomes

José era apenas uma criança de seis anos quando um trágico desfecho de uma briga de bar no morro onde vivia marcou a sua vida. A morte repentina e violenta de seu pai, Donga, deixou-o confuso e atordoado, incapaz de compreender totalmente o que havia acontecido. No dia do enterro, enquanto os adultos lamentavam e se debatiam em meio à tragédia, José carregava consigo uma imagem que destoava daquela realidade triste: ele e seu primo brincando despreocupadamente durante a cerimônia. A cena parecia absurda, e destoava da realidade triste que o cercava. Antes da morte de seu pai, a vida de José já era marcada por brigas constantes entre seus pais. Movidos pela falta de amor e pela união apenas por comodidade, essas discussões tornaram-se uma triste rotina no chalé de madeira em que a família desarranjava a sua vida. A fisionomia e a voz da sua mãe cansada vindo do trabalho e bradando a cada discussão a frase “que vida desgraçada”, ecoava em sua cabeça como um prenúncio de maldição. Sua mãe, Rita, despejava sua frustração nas brigas com seu pai, muitas vezes culminando em agressões físicas que deixavam José traumatizado e confuso. As dificuldades financeiras também eram uma constante em suas vidas, e a falta de comida em casa muitas vezes os levava a recorrer à ajuda de familiares e vizinhos para sobreviver, somente o dinheiro que sua mãe trazia para casa não era o suficiente. E o pai, pedreiro, gastava o pouco que ganhava no trabalho na obra com tudo, menos com as necessidades da família. Donga era respeitado no morro, mesmo em um estado de sucumbência devido ao vício de álcool. Ele era um homem de fé, cuja ligação com a religião e a espiritualidade era notável. Muitos se perguntavam se era essa conexão que o mantinha vivo por tanto tempo, um equilíbrio frágil entre a fé e o álcool que poderia se desfazer a qualquer momento. Nos dias em que seu pai desaparecia, José e sua mãe eram deixados à própria sorte, com o Donga retornando sujo e desgastado, sem dinheiro e sem documentos. O cheiro de álcool impregnava suas roupas, e o cigarro pendia descuidadamente do bolso de sua camisa entreaberta. Entre idas e vindas nessa condição degradante, Rita fazia questão de lembrar das advertências dos caboclos no terreiro sobre os perigos, mas a fala para o homem de fé parecia cair em ouvidos surdos. Em uma sexta-feira à tarde, José e seu primo brincavam despreocupadamente na rua, envolvidos em risadas e brincadeiras típicas de crianças. Ele estava sozinho em casa, seu pai estava no bar e sua mãe estava no trabalho. O barulho repentino da ambulância cortou o ar, interrompendo a diversão e chamando a atenção dos dois meninos. Curiosos, eles correram até o bar onde a agitação era evidente. Lá, no chão, estava Donga, o pai de José, caído em meio à confusão e à comoção. O choque da imagem se misturou nos olhos de José enquanto ele tentava compreender a cena diante dele. A imagem de seu pai imóvel, deixou uma marca em sua mente infantil, uma ferida que jamais cicatrizaria completamente. A notícia da morte chegou a sua mãe quando ela retornava exausta do trabalho, subindo o morro e deparando-se com a comoção no bar, a presença da ambulância e da polícia. Rita viu de longe Donga caído e José intacto olhando para o corpo no bar. A mãe não sabia se acudia o filho ou deitava ao lado do corpo do marido. - Mas o que aconteceu? - se pergunta Rita em silêncio. Entre todas as respostas aglomeradas nas falas de quem estava presente, o entendimento se resumia a uma briga, uma garrafa e a morte. A partir desse momento, a vida de José mudou para sempre. A dor da perda e a confusão diante da violência que invadiu sua família o marcaram profundamente. Ele se viu confrontado com a fragilidade da vida e a brutalidade do mundo adulto muito mais cedo do que deveria. No dia do enterro, enquanto os adultos choravam e lamentavam a perda, José e seu primo brincavam inocentemente entre as lápides, sem compreender completamente a magnitude da tragédia que havia se abatido

sobre suas vidas. Sua mãe, debruçada pelo túmulo, tentava encontrar consolo em meio à dor avassaladora, enquanto a frase “que vida desgraçada” vinha como lembrança descrevendo aquele momento. Enquanto os adultos ao seu redor lidavam com as consequências da tragédia, José foi forçado a crescer carregando o peso da perda e da responsabilidade em seus ombros frágeis. O luto o acompanhou em cada passo, uma sombra constante que o lembrava da crueldade da vida no morro.

Metamorfose líquida

Rosangela Mariano

São Leopoldo RS

A chuva cobrara presença. Lavara as calçadas, os postes, as paredes, o guarda-noturno lá na esquina. No silêncio da manhã que desabrochava, nem mesmo o bem-te-vi nos alegrava com sua cantilena.

O gato Frufu virara super-herói e desafiara as poças d'água, em miados perversos e rancorosos. O céu cinzento se tornara moldura perfeita para o dia nascente coroado de caos líquido.

O Manacá florido também tivera sua cota de sofrimento: despencara em lágrimas saudosas. Restara o desfolhar.

O jardim antes aquarela se ressentira com o aguaceiro. Chorara folhas arrancadas e mortas.

Se a natureza penara e vertia gotas opacas, o mesmo se poderia dizer dos meus pés, metidos em chinelas aguadas.

O cenário se dissolvera em prantos de chuva. Sobrara a desolação.

O frio e a tromba d'água compuseram sua sonata. Amargor líquido. Amargura cinza. As nuvens não eram risonhas, eram de algodão puído e velho.

Deus, se o beija-flor desse o ar de sua graça e aquecesse minha alma com seu voejar... E a primavera me brindasse com uma taça de *champagne!*

O céu já não seria mais sujo e desbotado, tingir-se-ia de rosa.

Instagram: marihanaescritora

Autor de escadas

Dois sábios faziam um balanço das coisas mais importantes que conquistaram:

O primeiro disse não ter conseguido grandes coisas pelas quais se orgulhasse.

O outro respondeu: quando preciso pegar coisas que estão acima de mim, no alto do guarda-roupas. Faço uma pilha de livros, subo e alcanço.

Seles Gonçalves

Quando o mar não está para peixe

Thais Castilho

Chegou as férias e rumaram para a praia.

Ansiosas, para o primeiro mergulho, chegaram as crianças à praia.

O sol escaldante convidava para um mergulho.

Ocorre que o mar não estava para peixe e muito menos para crianças.

O tio atento advertiu:

- Não entrem no mar! Brinquem só na areia!

Mas a sobrinha, mais velha, com fama de “gata mestra”, não quis lhe dar ouvidos. Convidou o primo pequeno para um mergulho.

O pequeno cedeu logo a tentação e se jogaram ao mar.

Começaram de mãos dadas pela beirinha, mas o mar foi puxando, puxando e os levando para o fundo.

Até que ela percebeu que ali não dava mais pé e o pequeno já estava em seu colo.

Para não afundar de vez, teve a brilhante ideia de fazer uma gangorra. Afundava o pequeno para o fundo, respirava e o jogava para cima para que ele pudesse respirar também.

Eis que naquele jogo de sobe e desce, viu um garoto em uma prancha.

Alcançou o menino, com o primo agarrado ao corpo, já quase sem forças.

Para sua surpresa, o menino da prancha estava aos prantos. Também não conseguia retornar à praia por causa da agitação do mar.

Pronto! Agora eram três à deriva.

E ficaram os três, dividindo a prancha, aos berros, e fazendo sinal para os que estavam na praia até que finalmente o salva vidas os viu.

Voltaram para a praia e encontraram o tio transtornado e pronto para repreendê-los.

Foi uma lição e tanto! Se não fosse o garoto com sua prancha, a menina não teria sobrevivido para contar a história.

Não se atreve mais a enfrentar os mares. Aprendeu que quando o mar não está para peixes, também não está para crianças.



Crônicas

Noche de brillantina y neón

Es una noche de brillantina y neón, pensaba al caminar por ese barrio que ahora llaman Palermo Hollywood.

Vidrieras iluminadas, colores estridentes en las luces, en las vidrieras, rojo, azul, violeta, verde, naranja, amarillo, el pensamiento puesto en la obra que iba a ver. Caminaba rápido, miraba las personas sentadas en las mesas afuera, disfrutando la noche cálida, seguramente una de las últimas de ese otoño tardío en Buenos Aires.

Entonces vi su figura, sentado en una mesa, al lado de la ventana de un bar.

La expresión seria, como siempre, el pensamiento puesto quién sabe dónde, un libro al lado, una botella de agua, no le gustaba el alcohol, al menos a cierta hora.

Es él, pensaba, pero no puede ser... Porque hace tanto tiempo...

Sin embargo estaba ahí, sentado, pensando, como siempre, me detuve unos segundos, no parecía ver.

¿Y si todo fuera un sueño?

No cedí a la tentación de entrar en ese lugar, caminaba cada vez más rápido, atravesaba las calles, llegar al teatro, entrar en la magia de la representación, olvidar por unos instantes lo que había visto.

¿Y después?

En el teatro mientras esperaba para entrar había un hombre de apariencia extraña, vestido de negro, de traje, usaba unos zapatos puntudos como su cara, también extraña. Usaba el pelo atado hacia arriba rematado en un rodete. Parecía más bien un funebrero. El hombre miraba constantemente el reloj y el celular, parecía esperar a alguien.

Pero ese alguien no llegaba.

¿Esperaría a una mujer? No lo sabía.

Se mostraba impaciente, como si algo, estuviera a punto de explotar, ¿una relación? ¿una invitación que no fue? ¿un compromiso que no se cumplió?

Me atrevería a seguir pensando que era él quien estaba en el bar. ¿Y si hubiera sido?

¿Cómo volver a casa sin saberlo?

Después de la función, una verdadera disputa de personajes en el escenario, por momentos, pero por otro lado todo era comedia y drama, farsa, salí del teatro, elegí un camino distinto para volver a casa, la calle desembocaba en una avenida casi sin personas que la transitaran, sólo autos. Y luces de neón.

Caminar por esa avenida, a esa hora, era temerario.

Volver por el mismo camino, y encontrarlo o no, elegir, siempre debería elegir un camino.

Y lo hice, caminaba rápido, en eso lo vi cruzar la calle, la misma expresión seria, como si tuviera que volver obligatoriamente a algún lugar, como todos lo hacemos. ¿Siempre estamos

volviendo hacia alguna parte?

No hubo tiempo de cruzar, de intercambiar una palabra, iba por una calle lateral rumbo a la avenida solitaria poblada tal vez de fantasmas, de recuerdos, de sueños que se esfuman apenas despunta la mañana.

©Araceli Otamendi

Araceli Otamendi (Quilmes, Provincia de Buenos Aires) vive en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires desde los 9 años. Graduada en la carrera de Análisis de Sistemas (Universidad Tecnológica Nacional – Fac. Regional Buenos Aires). Cursó estudios de literatura principalmente en el taller de Mirta Arlt. Es escritora y periodista, dirige desde hace veintidós años las revistas digitales de cultura Archivos del Sur y Barco de papel.

Publicó las novelas policiales Pájaros debajo de la piel y cerveza – Premio Fundación El Libro a escritores noveles 1994 y Extraños en la noche de Iemanjá. En 2000 su antología de escritores hispanoamericanos Imágenes de New York fue presentada en el Centro Rey Juan Carlos I de NYU, New York.

Es traductora, tradujo a varias escritoras y escritores brasileños. Publica habitualmente en revistas y suplementos literarios de Argentina y de otros países.

Aos vinte anos eu carregava sonhos e desejos irrealizados e algumas paixões eram o leme que me guiavam no tormentoso mar das descobertas. Apaixonado por cinema, eu recém descobrira os filmes de Glauber Rocha e, numa época ainda incipiente de acesso à internet e downloads de vídeos (falo do início do novo século, em 2001), não era fácil encontrar e assistir filmes do genial diretor baiano. Foi quando soube da existência do Tempo Glauber, um espaço mantido por sua família num antigo casarão em Botafogo, bairro da zona sul carioca. Decidido a conhecê-lo, saí do meu estágio no Centro da cidade, onde trabalhava numa biblioteca, e parti, repleto de expectativas, rumo à estação do metrô sem sequer imaginar que nem o maior dos meus desejos se compararia ao que o futuro me reservava.

Endereço anotado no meu caderninho, cheguei à superfície emergindo do metrô, parei para fazer um lanche, me informei sobre como chegar ao Tempo e caminhei mais um pouco. Lá chegando, fui recebido por um jovem que me orientou em relação à organização do espaço e disse que eu poderia ficar à vontade para olhar, folhear e perguntar. Andei pelos cômodos do antigo casarão totalmente dominado por uma sensação de prazer e encantamento, diversos itens do cineasta compunham a decoração do local: anotações, livros, películas, fotos, cartazes de filmes, objetos cenográficos, tudo ali fazia parte da história de Glauber, dos seus filmes e obras literárias, faziam parte da nossa história cultural, da nossa identidade mesmo enquanto nação.

Ainda em estado de êxtase e buscando aproveitar o máximo da visita indaguei ao atendente sobre como poderia assistir a algum vídeo, já que eles também disponibilizavam o acervo glauberiano para ser assistido em uma pequena sala. Devido ao horário, passava já das 15hs, eu poderia ver apenas alguns curtas, disse o rapaz. Eu respondi então que gostaria de assistir Pátio, primeira incursão na direção feita por Glauber, um curta de onze minutos em que dois personagens interagem num pátio quadriculado e já traz algumas marcas que futuramente se destacariam nos longas do diretor, como a influência do formalismo russo de Dziga Vertov e Sergei Eisenstein.

Enquanto caminhávamos para a sala de exibição perguntei se não havia a possibilidade de assistir também ao documentário sobre Di Cavalcanti (aqui abro um parêntesis um pouco longo para contextualizar o leitor: em 1976 o renomado pintor modernista faleceu. Ao receber a notícia Glauber foi para o velório no Museu de Arte Moderna do Rio e fez algumas das imagens que comporiam seu filme. De acordo com familiares de Rocha foi no início dos anos de 1970, num encontro em Paris, que Glauber e Di, que eram amigos, combinaram de cada um fazer uma obra: o diretor faria um filme para o pintor e este pintaria o amigo num quadro. O problema é que com Di-Glauber pronto - esse é o título da película - a família do Cavalcanti não gostou do resultado e, sentindo-se violada em seu luto, entrou na justiça e conseguiu proibir a exibição da obra em território nacional. Polêmicas à parte, o curta-metragem glauberiano encantou críticos pelo mundo, arrebatando inclusive o prestigiado e disputado prêmio especial do júri no festival de Cannes, na França, em 1977.)

Voltando ao Tempo Glauber: para minha grata surpresa o jovem respondeu que perguntaria à Dona Lúcia, a mãe de Glauber, se eu poderia assistir ao filme. Ligou a tv e meu deixou na sala escura com a exibição de Pátio. Ao término da exibição eu, ainda extasiado com o que vira, fui surpreendido com a chegada de Dona Lúcia. Com seus passos curtos e firmes, ela se aproximou trazendo na mão a fita com o polêmico documentário. Nos cumprimentamos e ela disse que eu poderia sim assistir, desde que não comentasse com ninguém. Sorrimos,

eu estava emocionado e nervoso, pois não imaginava que ao sair do trabalho em direção a Botafogo para conhecer o espaço cultural destinado ao meu novo cineasta preferido, eu fosse não só assistir ao seu filme proibido como ainda teria ao meu lado a presença forte, doce, marcante e singela de Dona Lúcia Rocha, a mãe do Glauber.

Ao longo dos dezoito minutos de duração de Di-Glauber minha atenção oscilava entre a tela da tv e suas imagens transbordantes do estilo épico-barroco tão marcante na filmografia do diretor e a companhia emocionada de sua mãe. Assistíamos ao filme, ela comentava alguns detalhes, falava sobre o filho com ternura e saudade, num misto de melancolia e amor tão intensos que me emocionavam ainda mais. Senti que ia chorar e segurei o choro. Na tela Glauber gritava enquanto enquadrava em primeiríssimo plano o seu falecido amigo. Quando o filme acabou Dona Lúcia perguntou minha opinião, ouviu atenta o que eu dizia e se despediu dizendo que eu deveria voltar mais vezes e com mais tempo, assim poderia assistir aos longas do seu filho.

Após nos despedirmos eu fui embora com a certeza de ter vivido um dia especial, num local significativo para a memória do cinema brasileiro e com uma pessoa encantadora. Um tempo depois retornei ao Tempo e, novamente ao lado da Dona Lúcia, assisti a trechos do especial que a tv Globo fez (exibido no programa Globo Repórter) quando o cineasta faleceu. Dessa vez não era apenas eu quem chorava. No escuro da sala era possível sentir o choro contido daquela que por tantos anos e com tanto afincamento lutou pela preservação da obra e da memória do seu filho. Dona Lúcia sabia da grandeza da produção artística de Glauber, que não só fez alguns dos maiores filmes nacionais de todos os tempos, como Deus e o Diabo na Terra do Sol (que já figurou ao longo do tempo em algumas listas dos cem melhores filmes da história), Terra em Transe e O dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro (este já foi citado por Martin Scorsese, o grande diretor estadunidense vivo, como uma das obras que fortemente o impactaram), como também foi um ferrenho e aguerrido defensor das artes e da identidade cultural brasileira. Glauber acreditava e defendia um cinema nacional forte, pois sabia que através da valorização da própria cultura é possível a construção de um país mais justo.

Hoje, mais de duas décadas depois daquele dia, ainda trago viva na lembrança a alegria de ter vivenciado um momento tão importante na minha formação intelectual ao lado da Dona Lúcia. O Tempo Glauber não existe mais, o que é uma pena, mas todo o seu acervo foi levado para a Cinemateca Brasileira e lá está disponível, mantendo viva a memória e a obra glauberiana.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, casado com a Katerine, pai do Henrico e professor da rede pública. Acredito no poder transformador da literatura à medida em que ela muda individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos e tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas.

Qui

Conheci Qui num domingo à tarde em que fui ao cinema com a Ana e o Pedro, que trabalhavam com ele. Os três eram dubladores de um desenho infantil sobre um grupo de habitantes da Galáxia do Triângulo exibido toda manhã na tv aberta. Qui era o herói, Ana a sua amada e Pedro o vilão. Nunca vira o desenho mas já sabia o que iria acontecer nos próximos dez episódios, pois Ana e Pedro adoravam me contar tudo o que suas personagens andavam fazendo. Sobre o Qui sabia pouco e não simpatizava com ele: um herói que não tinha nenhum poder mas que ao se ver em perigo cantava uma musiquinha que o fazia trabalhar com o tempo da maneira que bem entendesse, o que levava a pensar numa certa adaptação para o universo infantil das histórias do H. G. Wells.

Quando chegamos ao cinema ele estava lá, fomos apresentados e eu o achei simpático, porém com um olhar estranho, meio perdido e vazio. O nome dele não era Qui e sim Júlio. Qui era o personagem e ele adotara o nome como seu também e agora só queria ser chamado assim. Vimos o filme e depois fomos tomar uma cerveja, notava em Qui uma espécie de nervosismo enjaulado, que parecia querer fugir de dentro dele pelos olhos. No bar falamos muito sobre o filme, que dividia nossas opiniões: eu e Ana gostamos, Pedro e Qui odiaram.

Conversamos bastante sobre cinema, literatura, ficção especulativa e filosofia, até que chegamos ao desenho. Foi quando Qui sorriu, seus olhos brilharam e ele começou a expor suas teorias sobre seu futuro, de como deseja se casar com Fa (Ana), usar sua famosa nave Wheeler 1 para fugir e destruir de vez Cano (Pedro), pois já estava cansado de fazer sempre as mesmas coisas e acabar voltando sempre ao mesmo ponto, num eterno e contínuo movimento dentro de um fluxo temporal regular marcado pela linearidade. Falou algo relacionado à mecânica quântica heterodoxa, o que me deixou totalmente perdida, e concluiu dizendo que seu plano era fugir de Fabu 33 (o mundo onde viviam na Galáxia do Triângulo) e vir para a Terra. Porém sua intenção era voltar para os anos de 1980, pois acreditava que a segunda metade do século XXI lhe fazia mal, não conseguia se adaptar aos avanços da ciência e tecnologia e por isso deseja um retorno a certo período histórico onde ainda era possível sonhar utopicamente com um futuro melhor. Ouvindo-o falar não se sabia se era o Qui do desenho ou o Qui Júlio quem falava.

Fiquei um pouco assustada, já que nunca ouvira Ana ou Pedro falar assim sobre suas personagens, era uma espécie de fixação a de Júlio por Qui. No dia seguinte fiz um reunião em RA com Ana e perguntei se Qui era sempre daquele jeito estranho quando falava sobre a personagem. Ela disse não ver nada demais e que o achava um excelente dublador e um ator ainda melhor, é por isso que ele fica assim, sem você saber ao certo se quem está falando é o Qui do desenho ou o Qui Júlio.

Um mês depois fui assistir a uma dublagem que eles fariam para um capítulo especial que seria exibido no dia das crianças. Qui estava muito bonito naquele dia, com uma camisa verde, que ficava bem com seus olhos, e uma bermuda que o deixava com um ar mais jovial, alegre e tranquilo. Fiquei fascinada em como eles interagem, de modo que quase não precisavam ensaiar, passavam o texto uma vez, às vezes duas, e pronto, pode gravar. O mais estupendo era Qui e seria impossível imaginar outra voz para aquele lindo bichinho azul com cara de urso de pelúcia e olhar de gato. Fui parabenizá-los e dizer que havia gostado bastante. Disseram-me que voltasse outras vezes e Qui chamou-me para tomar um sorvete, olhei Ana de soslaio e com um risinho

lindo ela me disse vai sim.

Fui. Júlio estava bem diferente daquele dia no cinema. Mais alegre, falava da felicidade que sentira desde a primeira vez que fizera a voz de Qui. Fiquei sabendo que ela já colaborava com o criador das histórias, tanto nas falas, suas principalmente, quanto nos desenhos. Contou sobre sua paixão por filmes e livros de ficção científica, listou autores e personagens que o influenciavam e finalizou com um sorriso dizendo que as viagens que fazia no tempo mostravam como Einstein e Gödel estavam enganados, tendo em vista que ele comprovava que era sim possível viajar também para o passado. Fez-se um silêncio entre nós dois, quebrado pelo canto da famosa música que o fazia mexer com o tempo a seu bel prazer:

“Meu tempo vai

Meu tempo vem

Eu não sou páreo pra ninguém.

Meu tempo vem

Meu tempo vai

Pra frente e pra trás.”

Achei-a engraçada e mesmo bobinha mas me surpreendi foi com Qui dizendo que devíamos correr, pois Cano estava nos seguindo, ele tinha certeza, e, segurando-me pelo braço, disse que eu parecia diferente e que ele não sabia se eu era mesmo a Fa. Assustada, sorri, achando que ele apenas brincava comigo, pedi então que me falasse qual era o plano de fuga e, quando o vi tirar do bolso um caderninho com números e letras formando uma complexa mistura, tive certeza de que ele não brincava e que se achava mesmo o Qui do desenho. Pensei em ir logo embora mas e como deixá-lo ali naquele estado, parecendo totalmente perdido? Não, isso seria egoísmo da minha parte. Tentando disfarçar certa calma disse então para irmos embora juntos, já que precisava acordar mesmo cedo no dia seguinte. Ele respondeu que o tempo não era problema, bastava apenas cantar e pronto, como você quer, pra frente ou pra trás? Sorri sem graça. E agora, o que fazer? Como lidar com ele naquele momento?

Disse que precisava ir ao banheiro primeiro e que depois poderíamos sair. Estava ficando nervosa, acalmei-me com a água fria nos pulsos e no rosto; quando voltei não o vi mais. Um pouco confusa e assustada perguntei à menina do caixa se tinha visto o rapaz de verde que estava sentado comigo na mesa do canto há alguns instantes. Fiquei surpresa quando ela disse não ter visto ali ninguém como eu descrevera. Decidi ir embora e no dia seguinte fiz nova chamada em RA, agora com Ana e Pedro juntos, e contei aos dois o que acontecera. Eles sorriram e falaram que eu estava muito preocupada com pouco e que Qui era assim mesmo. Cheguei ao estúdio quando já estavam acabando a gravação. Qui veio direto até mim e disse que precisou mudar o tempo de repente porque Cano estava por perto já que tinha se teletransportado para a Terra após ter fugido da prisão quântica de Planck, na Pequena Nuvem de Magalhães e por isso, quando eu voltei do banheiro, ele não estava mais lá, porque na verdade nós nem chegamos até a sorveteria depois do tempo mudado.

Nada entendi de sua explicação e disse estar triste com ele por ter me deixado sozinha. Recusei dois convites seguidos dele para ir ao cinema e, um dia, quando caminhava à tarde pegando uma fresquinha dessas gostosas da primavera, eu o vi do outro lado da rua, atravessei e o surpreendi com um susto. Andando e conversando

ficamos juntos até anoitecer. Qui disse estar triste, ele achava que não iria mais me ver, pois seu desejo era fugir de vez com Fa para Andrômeda. Ele não queria mais voltar o tempo para me ver porque estava com medo de que Cano o pegasse dessa vez. Seguimos andando até a minha casa, Qui não quis entrar, deu-me um beijo na testa e pediu que me cuidasse.

Dormi mal toda a noite pensando nas histórias contadas por Qui em nossos encontros. Pela manhã liguei a tv no horário do desenho e quase tive um ataque ao saber da tentativa frustrada de Qui e Fa de fugir da Terra, pois uma explosão na Wheeler 1 os fez cair numa região próxima à Grande Nuvem de Magalhães e não era possível saber se eles haviam sobrevivido. Decidi sair e ir até o estúdio, onde tive outro choque ao chegar e ver Cano arrumando suas coisas e dizendo que iria viajar. Ele não quis me dizer para onde iria mas vi que levava sua pistola intra-temporal, a única capaz de atingir Qui onde quer que ele estivesse.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, casado com a Katerine, pai do Henrico e professor da rede pública. Acredito no poder transformador da literatura à medida em que ela muda individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos e tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas.

RESISTÊNCIA INVEJÁVEL

Evandro Valentim de Melo

Ao atingir meio século de vida, subi de nível nos cuidados à saúde. Na conversa inicial com a médica, comentei sobre isso. Ela elogiou a iniciativa e me perguntou se eu já havia feito um exame chamado colonoscopia. Respondi que não. Ela o incluiu entre os que eu faria no ano.

Deixei o consultório com quase uma resma de papel, tantos foram os exames solicitados. Pensava cá com meus botões (expressão apropriada a quem tem 50 anos ou mais), a velhice precisa ser bem cuidada, paciência.

Depois de contatar a clínica, a atendente me enviou por *e-mail* as orientações.

Desprezei os títulos dedicados a diabéticos, hipertensos, cardíacos, quem toma medicamentos regularmente e mãos amamentando. Não me enquadro. A preparação para o exame, era o tema de meu interesse.

Deveria ser iniciada na véspera. Dieta com líquidos à vontade, porém, privava-me da bebida mais consumida no mundo: café. Além dele, proibia-se ingestão de líquidos vermelhos. Quanto a esses sem problema.

Outra recomendação não muito agradável: almoço e jantar batidos no liquidificador, pastosos. Poderia ser sopa sem feijão ou sem legumes em pedaços.

Sobre os medicamentos, o primeiro é um poderosíssimo laxante. Comprimido minúsculo. Eu deveria tomar dois às 20h e outros dois às 22h.

Não consta das orientações, mas deveria figurar em letras garrafais, algo assim: **PREPARE-SE PARA UMA MADRUGADA BEM DIFÍCIL!**

Omitirei maiores detalhes, mas se caminha muito próximo à perda de sentidos, dada intensidade da cólica, da sudorese, do mal-estar que se sente quando os minúsculos comprimidos dizem a que vieram. Detalhe: a atendente da clínica recomendou que alguém da família estivesse em vigília durante a madrugada. Não raro, há quem desmaie.

Passemos à segunda página do documento com a preparação. As orientações são para o dia do exame. Na data, se permite água de coco, chá, suco, gelatina, porém, nada de tonalidade escura ou vermelha. Informação taxativa: “jejum absoluto duas horas antes do exame, inclusive de água”. Imagine a situação, a pessoa em preparo para o exame, já desidratada. As duas horas antes desse bendito exame fazem parte de um capítulo bem cruel.

No fatídico dia do exame, a partir das 8h da manhã, deve-se tomar o comprimido para enjoio. Meia hora depois, ingestão de bebida preparada com outro laxante, desta vez, líquido, um remédio doce ao extremo. A sugestão é que seja misturado a suco de limão.

Esse “drinque” deve ser ingerido de 15 em 15 minutos. Observação final das orientações: “É obrigatório estar com acompanhante na chegada à clínica”. Eu diria obrigatório e indispensável. Mesmo àquelas pessoas que optaram por ser sozinhas no mundo devem excepcionalizar nesse dia.

Lá fomos nós, depois do encerramento do ritual preparatório. Imagine o pavor experimentado no percurso casa/clínica, com o organismo a carregar resquícios de laxante. Pavor à flor da pele.

Sentia-me fraco, pelos sintomas da desidratação. Enquanto eu aguardava ser chamado, eis que uma jovem senhora adentra a sala de espera tendo às mãos um pequeno pacote de biscoito salgado e uma caixinha de suco. Caminhava sorridente ao encontro do marido, com quem comentou estar bastante

sedenta. E só. Há pouco fizera o mesmo exame para o qual eu me preparara. Ela tomou dois copos cheios d'água e saiu de mãos dadas com seu companheiro.

Era chegada a minha vez.

O exame em si, nem sei como foi, apaguei sob sedação. Ao despertar, estava completamente grogue. Sempre fui fraco para anestésias. A enfermeira teve de chamar minha esposa, na sala de espera, para me auxiliar a trocar de roupa. O mesmo “auxílio” foi necessário para caminhar até o carro. Caso ela me soltasse, a força da gravidade me daria uma rasteira.

De novo, pensei com meus botões, um tanto acabrunhado: “como as mulheres conseguem ser tão fortes, tão resistentes?”. Deu-me vontade de voltar no tempo e perguntar à paciente anterior a mim, se ela se saíra tão tranquilamente durante o horroroso preparo ao exame. Mas, isso não seria possível. Cá pra nós, sou capaz de apostar que ela tirou de letra.

FORMIGAS

Gizelli Santos

Vixe, vai chover! Percebi logo quando olhei o céu e vi tudo nublado. Ia Começar a fechar as janelas e percebi que lá fora, perto da calçada, tinha uma criança agachada olhando para o chão.

Morrendo de curiosidade, nem ligando mais pra chuva, fui ver o que estava acontecendo. Chegando mais perto, silenciosamente para não assustar o garoto, percebi que ele estava conversando com as formigas:

- Já avisei para saírem daqui. Vai passar alguém e vai pisar em vocês. Adultos não gostam de formigas.

As formigas não deram importância e continuaram procurando pedaços de folhas, flores e brotos para o formigueiro delas. E o menino de tão preocupado desandou a chorar!

Fiquei tão comovida com a sensibilidade daquela criança. Mas, para minha surpresa, mais comovidas ficaram as formigas, pois pararam o que estavam fazendo, deram meia volta e, em um trânsito sincronizado, voltaram para o formigueiro.

Parece até que tamanho ruído, assim notório e sutil, interrompeu todo o ordenamento daqueles pequenos insetos. Satisfeito, o menino correu para casa, pois começava a cair gotas de chuva.

Eu? Eu fiquei paralisada, sem acreditar no que tinha acabado de presenciar. Só percebi que estava toda molhada, levando chuva na cabeça, quando minha mãe gritou pela janela reclamando que estava tudo molhado na sala.

Eita! Esqueci de fechar as janelas!

Sobre a autora: Gizelli Carla de Lima Silva Santos, 40 anos, casada, mãe, natural de Natal/RN, moradora de João Pessoa/PB, graduanda em Letras pela UFPB, membro do grupo de pesquisa do Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem – LACON / UFPB. Muito observadora, ama ouvir histórias e aprende muito com elas. Acredita que as amarras das dúvidas, medos e incertezas podem ser rompidas através da educação.

Lo andado por andar...” (Octubre 2009)

Contrastes...Qué sería la vida sin contrastes ¿un río manso? ¡No! Las aguas llevan su cauce y sus remolinos...sus cascadas y descansos...así igual, nosotros como la Natura (formamos parte de ella) cruzamos el camino catando las derrotas, ilustrándonos de lo desaprendido y abasteciéndonos para seguir la senda que nos factura hasta el interiorismo propio de nuestros egos personales y subterráneos, donde nada alcanza, siquiera, a palpar los pensamientos heridos y desvalidos...Y sin embargo tienes capacidad intelectual y afectiva para intuir que vivimos instantes en el tiempo y por ello tu fuerza de lucha y de entender los sinceros y pequeños aciertos...algo que te caracteriza son tus gustos sencillos y cómo valúas los detalles espontáneos...tienes mucho para instruirte y demasiado para dar...como niño que fuiste sigues dándole a la pelota, con una inquietud y ganas envidiables...Lo peor ya pasó, ahora a sembrar la calma del devenir...que muy cerca reside.

“Desde que llegamos a esta tierra, no dejamos de acumular olfatos y regueros de pólvora emocional, que en cualquier desprevenido instante estalla en el interior más profundo...y se produce el milagro del recuerdo...”

© Kim Bertran Canut

Barcelona

Kim Bertran Canut, nació en 1960 en Pont De Suert (Lleida)

Actualmente reside en Barcelona. Durante 7 años dirigió junto a sus “la asociación cultural CATÁRSIS” Con sede en Barcelona.

Publicaron 13 números de la revista Catársis.

Se aficionó a la literatura y a la fotografía siendo adolescente.

En 1993 publicó la novela: “Imaginación Atrapada” y en 2002 su segunda novela:”El Reflejo de los sueños en lunas rotas (perdido en la eterna oportunidad) Durante años he colaborado con Webs y revistas literarias: Catársis, Factum, EspacioUlises, Archivos del Sur, Barbante, Versos y Archipiélagos, Almiar, Nagari...

A solidão das grandes cidades

Luciana Bombo

Às vezes me pego pensando na solidão que circula nas grandes cidades. Observo os transeuntes e crio automaticamente um enredo. Será que são felizes? Será que estão indo para um lugar onde realmente são queridos? Ou, chegando em casa, alguém, além do cachorro, fica feliz?

Olho para os rostos e tento interpretar as expressões. Muitos estão com o olhar vazio, talvez, só por estarem concentrados em suas demandas diárias, ou em suas próprias agruras. Alguns se esforçam e esboçam um sorriso tímido, meio automático, conveniente, pois, quando representamos o papel da normalidade, diminuem as chances de sermos interpelados, mas, provavelmente, fosse isso que exatamente seria o ideal. Tantos outros não fazem questão alguma em esconder a insatisfação em que estão afundados. Fuja desses, eles só podem piorar seu estado de espírito. Quem dera tivesse a grandeza de, num gesto espontâneo, tirá-los dessa bolha!

Vivemos num mundo em que um simples bom dia pode provocar a ira alheia, num esforço apocalíptico, retribuem numa balbúrdia.

Será que muitos como eu se obrigam a circular pela cidade com o anseio de que aconteça um encontro mágico? Cruzar com uma velha amizade, ou, com muita sorte, encontrar alguém com a mesma vontade de jogar conversa fora, ou, melhor ainda, um encontro de velhas almas afins, ávidas por um frenesi que as tirem do marasmo de viverem tão sós, num mar de gente.

Há quem nunca desista de viver rodeado de gente que não seja a dos afobados cidadãos, sempre correndo atrás de algo que lhes possa perpetuar; ou seria para poder só mesmo suportar? Uma postagem no mundo virtual onde todos são felizes, não têm problemas, e os percalços são minimizados com frases de efeito positivo, ambiente no qual posso ser quem eu gostaria de ser, sem lágrimas, sem estresse, sem pressa, mascarada pelo melhor ângulo, e, os mais exigentes, com filtros ilusórios, quando sofrem tantas distorções que não duvido de que a própria genitora não precise dar um *zoom* para ter certeza de se tratar de sua cria.

Como diria a música “Todo mundo sempre espera alguma coisa de um sábado à noite”, eu penso mesmo que, atualmente, estamos esperando alguma coisa até mesmo de uma segunda-feira à noite, tamanha a carência na qual estamos mergulhados. Todos cheios de uma vida vazia.

Vai haver quem não concorde, e está tudo bem, não quero causar mais dramas, a vida já nos oferece isso em bom número, mas costumo observar casais. Pode ser um recalque diante da minha prolongada solidão, mas não me passa despercebida a postura corporal da maioria desses casais, quando um caminha a dois metros de distância do outro, tornando a possibilidade de irem conversando inviável. Até me arrisco a dizer que, se o de trás for sequestrado, provavelmente, o da frente só se dará conta quando chegar em casa. Que tristeza! Realmente sinto que isso me incomoda, e, sendo assim, desse tipo, eu não quero um amor, pois sonho com um que me faça tropeçar nas palavras, tamanha a vontade de conversar.

O mundo segue oferecendo alternativas para driblarmos a solidão, como academias, postos de gasolina, supermercados... isto, vinte e quatro horas por dia, o que favorece mais ainda a falta de convivência familiar de quem trabalha assim, na tentativa de satisfazer a necessidade de outros tantos que buscam se ocupar para

fugir da solidão.

Sei lá, me parece que estamos andando em círculos, quando quem tem um amor sente inveja de quem é livre, o solitário anseia encontrar um amor, e a insatisfação é algo comum à maioria das pessoas.

Só sei que a vida anda estranha, temos possibilidades infinitas e nos apequenamos em nossos quartos, de preferência, em frente a uma tela, e, na hora de dormir, abraçamos o travesseiro, pois só ele sabe realmente quem somos. Enquanto dormimos, não representamos papel nenhum, ficamos materializados de forma real, mas, através dos sonhos, podemos extravasar nossas derrotas, nossos anseios e nossos medos.

Na manhã seguinte, voltamos a representar nossa personagem da melhor forma possível.

Tudo isso, numa cidade grande, numa vida louca, tendo uma vida pouca, com um tanto de realidade e muito de ilusão. Aliás, ilusão, não: solidão.

Biografia

Luciana Bombo nasceu e reside em Mogi Guaçu-SP. A leitura sempre foi uma paixão, por vezes interrompida. Graduada em Ciências Contábeis, pela PUC-Campinas, cursa o primeiro ano de Psicologia. É comerciante, mãe e atleta amadora. Participa de concursos literários, preferindo escrever contos e poemas.

Aguas de mayo

Márcia Batista Ramos

«hoy solo tengo ansias/ de arrancarme de cuajo el corazón/ y ponerlo debajo de un zapato.»
Miguel Hernández

Con demasiada y perversa frecuencia ocurren cosas malas en cualquier parte del planeta, como huracanes, deslizamientos, sequías, inundaciones y otras catástrofes naturales.

No sé si es cosa del destino, del cambio climático, si son las armas climatológicas o si es una simple manifestación de la Naturaleza – Dios, de Baruch Spinoza. Ya que el filósofo sustentaba la tesis de que el universo, la naturaleza y la deidad son la misma cosa. Realmente, no sé y no quiero imaginar, qué hay detrás de las tragedias que son impuestas por la naturaleza cuando hay un terremoto o un tsunami.

Mi cosmovisión mengua ante ciertas cotidianidades, no puedo explicar mis sentires ante ciertas realidades y contradicciones que experimenta nuestro planeta.

Antes era antes, pero antes en los tiempos de antiguamente, mientras se degustaba un mate amargo, nadie pensaba que un día nuestra patria riograndense zambulliría en aguas gredosas.

La violencia de las aguas fue como la de una bomba que, en instantes, comió las flores, los pisos lustrados con cera y los manteles bordados con encajes a crochet. Todo se inundó, se rompió el orden y la normalidad acostumbrada y muchos fueron hacer morada en las pampas de Dios.

Durante diez días, nuestra tierra era el país de las lluvias y nuestra gente, no se imaginaba que perdería todo lo que atesoró por años, las cartas, las fotos, las joyas de la abuela, el traje de bautismo que por décadas fue usado por los bebés de la familia.

La violencia llegó con rostro de lluvia matando al ganado, a los perros, a los gatos y animales de corral. Fue un diluvio que destruyó a los fieles y a los impíos, a los benignos y a los inicuos, asimismo a todas las plantaciones, puentes y carreteras, además, los cerros se chorrearon como crema.

Ya nadie pudo dar todo lo que tenía a cambio de nada, porque todo fue llevado por las aguas, los cuerpos desnudos o vestidos, las voces, los gritos, los sueños, las esperanzas y los miedos...

Al mismo tiempo todas las palabras se ahogaron, incluso aquellas que representaban los cien nombres de Dios. Sin embargo, desde el fondo, donde sólo hay despojos y lama, yo sigo buscándolas incansablemente, sin entender quién es el verdugo que hizo tantas víctimas en el Rio Grande do Sul con las aguas de mayo.



Ensaaios

SOBRE MENINOS, PEIXES E REDES.

É POSSÍVEL UM MÉTODO PARA A FILOSOFIA?

Patrícia Medeiros de Araújo

Mestranda do PROF-FILO/UERN

O menino que carregava água na peneira¹

Manoel de Barros

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

1 “O menino que carregava água na peneira» foi publicado em 1999 no livro Exercícios de ser criança (espaço/tempo) - o primeiro do poeta a ser publicado para crianças.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Observando o conhecimento encarado como científico, o que vem a nossa cabeça é como este surge de um lugar específico, da aprovação de um grupo de pessoas alicerçadas pela produção da academia, por aqueles que a partir de suas pesquisas ditam as regras do ser ou não científico. Isso nos remete a questionamentos referentes a Filosofia, de como criar um método capaz de dar conta de sua principal essência, o pensamento.

A leitura do poema “O menino que carregava água na peneira” de Manoel de Barros, nos convida a refletir sobre como a Filosofia é aquela água que nunca ficará presa nos buracos da peneira que o menino carrega e devido a suas peraltices, muda o outro, faz os indivíduos enxergarem mais o vazio que os cheios. Amparados pelo menino e seus despropósitos, outra indagação ressurgiu sobre um método para a Filosofia: como criar um método científico capaz de dar conta do pensamento, ou melhor, do pensamento filosófico? Como montar “os alicerces de uma casa sobre orvalhos?”

Assim como Manoel de Barros nos encanta e nos sensibiliza em seu poema sobre o menino que se descobre poeta, ALVES (2007) em seu conto sobre “O que é científico?” ao falar sobre redes e peixes, nos possibilita compreendermos sobre o caráter da ciência: transformar o simples e o fazer cotidiano por um conhecimento regulamentado com condições de ditar as regras do que deve ser ou não considerado real e verdadeiro.

Mas, qual o significado para o método? Segundo, o Dicionário de Filosofia, a palavra método apresenta dois significados.

[...] 1” qualquer pesquisa ou orientação de pesquisa; 2” uma técnica particular de pesquisa. No primeiro significado, não se distingue de “investigação” ou “doutrina”. O segundo significado é mais restrito e indica um procedimento de investigação organizado, repetível e autocorrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos.(ABBAGNANO, 2007, p. 668).

Ao observarmos, a palavra método com suas similitudes e dissemelhanças, percebemos como os significados estão intimamente relacionados a pesquisa e suas formas de investigação, com um percurso específico, obter um produto comprovado.

A partir dos significados de método e conforme ALVES (2007), o método é o encontro entre um saber fazer e a legitimação desse saber. Nesse encontro persiste uma certa dominação, por parte de alguns sujeitos que tomam para eles o poder da comprovação e assim, seja em uma comunidade de pescadores, citada por ele, ou até mesmo na comunidade acadêmica, serão os detetores de um saber embasado por pesquisas e tomaram as rédeas do saber científico.

Então, como “encher os vazios”, partindo da premissa da busca por um método para a investigação em Filosofia? Vazios esses, nos quais outros estudiosos preocupados com a filosofia sempre buscaram preencher

com suas reflexões e tentativas de criarem métodos para responderem as suas inquietações. Entre esses espaços a serem preenchidos e redes tecidas por pescadores, membros dessas confrarias do saber científico, podemos citar, entre tantos outros, Edmund Husserl, o fundador da escola fenomenológica. Seria mais um menino para encher os vazios com seus (des)propósitos?

Como pescar, sem conhecer as redes certas capazes de prender o peixe?

Edmund Husserl nos responde, quando propôs investigar sobre uma ciência que apresentasse certezas, pois a sua perspectiva era a de que não podemos discutir sobre um determinado tema, sem tem firmeza sobre a sua natureza.

[...] Quando ele começou a filosofar de forma autônoma, não se deixou guiar por quaisquer escritos anteriores, mas sim pelos problemas mesmos. Em primeiro lugar, sentiu-se instigado por esclarecer filosoficamente os conceitos fundamentais da ciência, com qual se tinha ocupado até então, a matemática [...] A partir daí, o caminho o conduziu, segundo o nexo objetivo dos problemas, com grande naturalidade até às questões fundamentais da lógica[...]. (STEIN, 2018, p. 216).

Assim, Husserl desejou colocar todas as ciências numa base segura e precisa, como também oferecer à Filosofia bases incontestáveis, libertando-a das dúvidas e incertezas, apresentando dois princípios básicos “a ideia da verdade absoluta e do conhecimento objetivo” (STEIN, 2018). O seu pensamento consiste em uma atitude científica perante a própria experiência.

O método elaborado por Husserl intitulado de fenomenologia é uma investigação filosófica sobre os fenômenos das experiências, observando-o com um olhar científico, deixando de lado as suposições. Sob a perspectiva de Husserl, com esse olhar cuidadoso, pode-se criar uma base segura de conhecimento, capaz de ajudar a lidar com problemas e vazios filosóficos que acompanham a Filosofia desde seu início.

[...] O que chamamos ‘mundo’ ou ‘realidade’, diz Husserl, não é um conjunto de coisas e pessoas, animais, vegetais e minerais existentes em si mesmo e que nossas ideias representam ao transformá-los em objetos de conhecimento. O mundo ou a realidade é um conjunto de significações, ou de sentidos produzidos pela razão. [...] (CHAUÍ, 2013, p. 96).

Contudo, para esse pensador não devemos entender por fenômenos as coisas físicas, que estão exteriores aos sujeitos, mas ao contrário disso, vamos compreender esses fenômenos como ideias que se apresentam à mente como representações mentais. Dialogando com Manoel Bandeira, a partir de Husserl podemos entender os fenômenos como “o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar”. O vento é a nossa representação mental e ao mostrarmos ao outro, este também terá a sua representação.

Portanto, a busca por um método para a Filosofia, mesmo este sendo pensado e proposto por Edmund Husserl e abordado na escola fenomenológica, cuja importância ainda não é mensurável, por enquanto não consegue responder às inquietações filosóficas, ocasionando discussões favoráveis e contrárias na confraria do

conhecimento científico, conseqüentemente entre os filósofos.

Ao nosso ver a busca por um método para a investigação filosófica, permanecerá por um longo tempo como um “livro sobre águas e meninos”, nessas águas os peixes serão pescados, principalmente pelas redes tecidas por alguns pescadores que assumem o poder do conhecimento científico, mas, estes sempre serão alcançados por meninos que carregam peixes nos bolsos, pois não se cansam de se inquietarem com os vazios, carregando águas em peneiras e com suas peraltagens criam palavras, ideias, indagações, reflexões.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Rubem. **O que é Científico?** São Paulo: Loyola 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia**, São Paulo: Ática, 2013.

STEIN, Edith. O que é fenomenologia? Tradução de Ursula Anne Matthias. Argumentos: **Revista de Filosofia**, ano 10, n. 20, p. 215-219, jul.-dez. 2018. Título original: Was ist phänomenologie? (1924) In: ESGA (Edith Stein Gesamtausgabe), v. 9, texto 5, p. 85-90.



Poemas

SOLDADO AMADO

Porque destino de amor,
Nesse instante fremitante,
Despejas assim tanta dor,
Nesse meu peito ofegante?

Num longo e copioso choro,
Por entre as mãos sacolejantes,
Brado seu nome, sem decoro,
No desvario dos agonizantes.

A carta, partida em cima da mesa,
De lágrimas, agora toda banhada,
Trouxe-me, da sua eterna partida, certeza.
Antes, tu eras a esperança inconformada.

Tão bela e jovem carreira inacabada,
De alguém que pelos campos lutou,
Quando finalmente a guerra acabou,
Tirou-lhe tudo, deixou-me o nada.

Aline Bischoff

Aline Bischoff é uma artista independente, paulistana de ascendência croata, que atua em múltiplas linguagens artísticas, tais como: literatura, música, audiovisual, teatro, artes plásticas e artes visuais. Na literatura a sua preferência é pela poesia. Possui obras publicadas no Brasil e exterior, através de blogs, revistas, jornais, coletâneas, antologias, veiculadas por emissoras de rádio/TV e transformadas em letras de música. Participa ativamente de concursos, festivais, saraus e eventos poéticos, tendo recebido diversas premiações, menções e destaques literários. Foi embaixadora da Rima Jotabé no Brasil no ano de 2021. É colaboradora oficial do blog de produção textual Escrita Cafeína. É acadêmica da Academia Virtual de Arte Literária - AVAL, ocupando a cadeira de nº quarenta e sete, patronesse Henriqueta Lisboa. Pesquisadora, associada efetiva da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia (ASBRAP).

Instagram: @aline.bischoff - Facebook: AlineBischoffArtes – YouTube: Aline Bischoff

Fiesta de Arraial (Espanol)

En la noche estrellada de Junio,
hogueras brillan en el aire,
globos de colores ascienden
y comienzan a volar.

El forró suena animado,
parejas se ponen a girar,
niños corren felices,
en la fiesta del arraial.

Hay maíz, hay quentão,
palomitas y pé de moleque
la cuadrilla es tradición

en la fiesta junina todo el mundo se divierte.

Festival de Arraial (Portugues)

Na noite estrelada de Junho,
fogueiras brilham no ar,
balões coloridos ascendem
e começam a voar.

O forró toca animado,
casais se põem a rodar,
crianças correm felizes,
na festa do arraial.

tem milho, tem quentão,
pipoca e pé de moleque
a quadrilha é tradição
na festa junina todo mundo se diverte

Biografia da Autora: Amanda Reinaldo, Nasci no dia 05 de dezembro de 2002, em Manaus - Amazonas, tenho uma filha de dois anos, atualmente estamos morando em Porto Velho, capital de Rondônia, estudo espanhol básico no IDEP - Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional, gosto de conhecer coisas novas, lugares, pessoas, adoro sair ao ar livre com os amigos, caminhar, e me conectar com a natureza.

NOVENTA

Décadas inesperadas viradas!
Esperamos longevidade, então
acontece... naquela “surpresa”

Noventa! Vida longa, feliz nobreza
Perdas únicas vão-se pelo caminho,
velhice, sonho pago com destreza.
Atitude substitui aflição de vida...
Festeja, faltam amores, sobra leveza.

ESPERANÇA, PACIÊNCIA E FUTURO

Esperar: verbo. Esperança
substantivo feminino, só.
Característica do paciente.

Sendo feminino, necessita mais tempo
Esperança precisa de mais liberdade...
Aguarda fatos de maneira consciente
Futuro distante também compõe parte
Esperança fortalece, nos faz resiliente.

INFÂNCIA

Lembranças de infância
Quando todos conviviam
Com empolgação, leveza.

Corríamos pelas ruas com esperteza
Bicicletas eram extensão do corpo...
Brincar no campinho com destreza
Bolas saltavam por entre barrancos.
Saudade escolta meus dias. Tristeza.

Andréa Sganzerla

Encontro perfeito de almas

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Cada encontro que se tocavam
Reconheciam a sensibilidade do ser
Eram felizes na completude
Entre o caule e a pétala da rosa.

Somente poderiam sobreviver
As intempéries do tempo
De mãos dadas e conectadas
Era o nutriente indispensável para se viver.

Cada um dependia de sua ligação
Para a vida conduzir
Se uma das partes se machucavam
A outra sentia em agonia.

Era o viver na completude
Da união e da magia
Os corpos vivos não podiam
Viver em separação!

O esperar da promessa

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Havia dias que esperar era o caminho
Continuou a vereda com paciência
Mas, não percebia se existia evidência de novidade
Parava, pensava e continuava a esperar.

Era demasiadamente cansativa
Aquele sensação que o tempo não transcorria
Olhava para o lado e, somente, percebia o ermo do vazio
Desejosa de uma reação válida,

Voltou seu olhar para o horizonte
De longe percebeu cores que cintilavam
Ao horizonte ao meio-dia
Era a esperança que surgia.

Festa Junina na Casa dos Tios

Lembro de quando era menina,

Tinha festa junina,

E eu era tão pequenina.

Lá no Há Mais Tempo,

Todos se reuniam

Para festejar a noite de São João.

Era uma primarada,

A casa tava cheia

De gente de todo lugar.

A fogueira era enorme,

Pois tinha que durar até o sol nascer;

Todos queriam ver.

Chegava gente de carro,

A pé, de moto,

De bicicleta.

O jantar para mais de mil pessoas,

Ninguém ficava à toa;

Todos comiam de tudo o que queriam.

O casarão azul e branco

Chamava atenção;

Todos desejavam morar naquela mansão.

Eram tantos quartos que a gente se perdia,

Não sabia se estava na entrada

Ou se estava em uma sala vazia.

Tinha um quarto arejado

Que se transformava em uma discoteca;

Ficavam sempre os mais novos, as meninas e até as bonecas.

Do outro lado era uma conversa medonha,

Os adultos falavam de tudo e de todos,

E nenhuma criança tinha o atrevimento de chegar perto.

E diante da fogueira,

Lembro das pessoas fazendo simpatias,

Outras até namorando.

Tudo era muito mágico,

Tudo muito grandioso,

Pois era uma promessa que se estendia por anos e anos.

E tudo acontecia diante daquele terreiro imenso,

As famosas simpatias,

Cada uma querendo ser avó, comadre e tia.

E logo chegava a hora

De voltar para casa,

Todos cansados.

Muitos passando mal de bucho cheio,
Outros com um montão de madrinhas,
Já outros com alguns beijos.

E tudo isso e mais um pouco se repetia todos os anos;
Era um prazer participar daquele São João,
Porque só tinha daquele jeito naquela região.

O tempo foi passando, a promessa acabou;
O que nos restou foi todo o amor e as lembranças vividas,
Que jamais serão esquecidas.

Só temos que agradecer
Por tudo o que vivemos
Com os nossos pais, tios, primos e amigos.

Os nossos filhos jamais viverão,
Mas escutam com empolgação
Toda a história que contamos com os olhos marejados de amor, ternura e adoração,

A uma grande parte das pessoas
Que já se foram,
Mas que permanecem em nossos corações.

Auricélia Melo Feijão.

Residente em Crato-CE.

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.

Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga_auricelia_melo / auriceliamelofeijao

Tiro ao pombo

Bernardo Santos

Voem bandos de aves
que a vida passa depressa
numa grande confusão;
ora um pássaro urbano
livre pelo céu a voar,
ora um pássaro de asas quebradas
de corpo estirado ao chão.
Irremediável, muito irremediável.
As penas depenadas
o sangue escorrido, coagulado
a carne putrefeita
que pena!
Aqui jaz uma ave
columbiforme por natureza
que de um golpe violento
por mãos criminosas
caiu do alto,
baleada
sem vida.
Contem-me que há milhares de aves
sendo caçadas.
Perguntem-me por que estou triste.
Digam-me que é impossível salvar-lhes a vida
e me acordem,
pois ainda estou dormindo.
Voem meus pombos, voem...
voem fora da mir
a
para morrer em paz no além;
assim como cava a minha poesia
os sete palmos debaixo da terra
e ela, espírito dos livros ficará na vida
e eu, seu poeta de carne e osso
se encontrará no sepulcro.

Voem, voem comigo na vida,
pois ambos voamos para a morte!

Bernardo Santos, 60, natural de Cristais – MG tem participação em diversas publicações literárias impressas e eletrônicas. É Autor da peça teatral O Amor Liberta (SCS-SP, 1980), dos romances Depois das Onze (Ateniense, SP, 1988), O aluno do Passado (Ebook Amazon, 2022) e do livro de poesias Poeira de Estrelas e Sonhos (Scortecci, SP, 2011). Vem contribuindo com frequência na Barbante.

www.bernardosantos.com.br

dentro de mim...

há um mar de incertezas
refletidas na beleza
que meus olhos agora
procuram devorar
olhos de luar
que me invadem o peito
infinitos, abertos
espaço perfeito
pros meus males derramar
pensamentos em ondas
inquietantes e cadentes
juntando ao oceano vasto
tantos passos
que me possam endereçar
na areia cálida
pálida, concheada e bela
me deito, atenta aos sussurros
ecos que me oferecem aconchego
vindos do verdejante mar
misturo tudo em mim
e deixo sair assim
pouco a pouco, salto a salto
todo asfalto que, aqui dentro
permeava meu caminho

estação, outono...

a mais exuberante

cores de arco -Iris

pintam o Céu

um azul de vários tons

destaca-se

na terra, predomina o verde

infinitos verdes

a gente se esperança...

não se cansa de admirar

tempo de gratidão

cheirinho de fruta madura

a limpar o suor do olfato

som do vento a badalar

ouvidos saturados de verão

a noite traz a paz

no frescor da atmosfera

saem dos armários

cobertores e edredons

resguardam o friozinho

da madrugada

aconchego amoroso e libertador

na intimidade do tempo

sonho sensual

enfeites da vida

lavra a palavra a virar

e revirar versos

amanhecidos na alvorada festiva

poesia declamada
nos beijos que virão
ah, o outono!....

Beth Iacomini

Coincidências...

a moça
que em ti
roça
é a mesma
que meu coração
destroça

a balsa
que te leva
sonho de valsa
é a mesma
que meu amor
realça

a blusa
que te dá
calor
é a mesma
que meu desejo
aflorou

a poesia
que me declamas
é a mesma
que também
por outra
chamas

Beth Iacomini

Nova vida

Camila Mota

Seja leve.

Mas não se perca com a direção do vento

Pois só você sabe onde quer chegar.

Não tenha medo.

É no passado que estão as construções mais sólidas

Pois é o único lugar em que as histórias realmente vividas, estão guardadas.

Não transforme.

Seu presente em uma Fortaleza

Os muros nos impedem de voar.

E o futuro?

Se soubéssemos suas certezas

Ele não seria tão maravilhoso de descobrir!

Instagram: @cmilamota

Aprendiz

O filho profeta, desenhando nosso amanhã no silêncio reflexivo da noite

Meu professor, que ensina, letra a letra, um novo alfabeto sentimental

Que me faz somar anseios, dividir os medos

E multiplicar os desejos

Filho que me faz aluno

Aprendiz de pai, com cuidado, tateando feito um cego

Em busca do caminho,

Construindo, passo a passo, novas trilhas

Assim seguimos, três vidas, enlaçados pelos laços

De sangue

De sorrisos

De lágrimas

A cada novo movimento que faz dentro da sua galáxia-mãe

Todo nosso mundo aqui fora se move

Se transforma

E assim você vai diluindo

Dissolvendo feito o açúcar no café

Cada resquício dos medos ainda não apagados

Que trazemos guardados em nossas inseguranças

Aprendiz de pai

Aguardo

(Contente, ao lado da sua mãe)

Por mais uma lição de vida

De viver

De ser

Seu pai.

Meu nome é Carlos Henrique, tenho 42 anos, casado com a Katerine, pai do Henrico e professor da rede pública. Acredito no poder transformador da literatura à medida em que ela muda individualmente cada indivíduo e o seu mundo particular, já que o texto pode nos “abrir” os olhos e tirar a venda da ignorância que nos aliena. Vascaíno, gosto de correr e cuidar das minhas plantas.

Olhar de frente

Claudio R. Trindade

Olho no olho

Algo maravilhoso

Ambiguidade compartilhada

Segredo mantido

Frente a frente com o desconhecido

Susto e horror

Medo... paixão que brota

Desigualdade que rompe fronteiras

Diferentes tons de pele

Comungam o amor

Face a face

Amigo... inimigo...

Formam o casal perfeito

Compartilham surpresa

Cada lado da moeda

Caiu na mão... avareza

Cada lado do rosto

Uma face

Uma conversa... face a face

Colocar no lugar... elogiar...

Abrir os braços

Fazer um carinho no olhar

Na face chorosa, assustada...

Canto do olho ... Alegria

Sorrateiro na piscada

Belo sorriso, alivia o semblante

Face a face na união, confiança...

Prazer no olhar de frente

Chora Minuano

Claudio R. Trindade

Vento congelante do sul

Arrepia o pelo

Animais se escondem

Os idosos se aconchegam

O fogo a lenha

O chiar da chaleira

Na tapera da estrada

A criançada a mil

Pega esconde, corre e pula

Cai na sanga

Seca a roupa no corpo

Diversão e artes

Férias são esfuziantes

Enriquecem a saúde

Quebram barreiras,

Novas amizades

Catar pinhão

A sopa chama

Aroma noturno

Corpo pede arrego

Cansaço sem trégua

Férias de crianças

Amanhã tem mais

Próxima estação

Claudio R. Trindade

Amor de verão

Alegre céu claro

Folias multiplicadas

Noites calorosas

Teu corpo insano

Agasalha-me da brisa

Refrescar a noite

Vestido de estrelas

Sonhos dormem

Fortalece o amar

Dia nasce

Salgar os corpos

Oceano ensolarado

Na imensidão das horas

Água fresca

De pura nascente

Nova onda de amor

Sólido ser

Mudar de posição

Neurônios ativos

Coração vibra... voa

Explode emoção

Só verão de amor

Intenso amor

A magia está presente
Neste contato amoroso
Com abraços calorosos
Selamos o nosso amor

Até mesmo no silêncio
O carinho fala mais alto
O céu fica muito sereno
Sem ter um sobressalto

O coração batendo forte
Amor habita, tem morada
Há mágica com melodia
Notas da canção entoada

Magia colorindo o amor
Magia faz colorida a flor
Que desencantou o verso
Que fala de intenso amor

Daniel Bezerra

Meu devaneio

Aproveito o silêncio noturno
pra enfim poder me inspirar,
de outra maneira carinhosa

mostrar o meu jeito de amar.

Pois não existe nada melhor
do que a paz e tranquilidade
pra pensar o amor que sinto
quero vivê-lo pra eternidade.

Se eu passo à noite em claro
ou mesmo dormindo ensejo
e eu a vejo em meu devaneio
provar um beijo é meu desejo.

Daniel Bezerra

Magia junina/Magía de san Juan Português/espanhol

Magia junina/português

São João chegou no sítio, que alegria . Fogueira acesa, quanta, magia!. balões coloridos a voar no ar.festa junina cheirinho de pipoca no ar. Vovó na cozinha, doces a fazer, pé de moleque,que e bom de comer!.No sítio,a fogueira a brilhar,todos justo a dança e a quadilha anima.No sítio lembranças cheia de amor. junho no sítio só traz esplendor.

Magía San Juan/espanhol

San Juan llego al sitio que alegria!. hoguera encendida cuanta, magia junina.globos colores volando en el aire.fiestade San Juan,lora caramelo en ambiente.La abuela em la cocina, dulces para hacer pies de moleque, que rico comer em el campo,lá foguera brilha.Todo justo a bailar y la danza folclórica iniciar.El campo recuerdos llenos de amor . Junho en el campo solo trae esplendor.

Biografia Português/espanhol

Biografia/português

Daniele Firmiano da Silva, nasci em 23 de fevereiro de 2002, sou natural de Rio Branco. Atualmente, moro em Porto Velho, Rondônia. Desde pequena, fui apaixonada por desenho e escrever cartinhas de amor. Já concluí meus estudos com muita dificuldade no momento estou cursando espanhol básico.

Biografia/Espanhol

Daniele Firmiano da Silva, nació el 23 de febrero de 2002 en Rio Branco. Actualmente resido en Porto Velho, Rondônia. Desde pequeña, he sido apasionada por el dibujo y escribir cartas sobre el. A pesar de las dificultades, logré completar mis estudios Ahora estoy estudiando español básico.

Ainda presa
A convenções
Todo dia ela riscava
Um impossível.

**

E o brilho
Que ela tinha nos olhos
Tinha nome.
Pena,
Que não era o meu.

**

Por ti
Me despi de todas as folhas
Que me cobriam.
Revelei minha alma.
Perdoado pelo amor
Me vesti de flor
Só para perfumar
Os teus lençóis sagrados.

**

Nas luzes de Manhattan

Embriagam-se meus olhos.
Ao som de uma música azul,
Bebo as estrelas
Numa taça borbulhante.
A ausência de um amor
Com letras maiúsculas,
Arde o meu peito.
E pelas ruas noite a dentro,
Sedento,
Tão cioso me reinvento.

**

Solidão
É quando
Só as batidas das horas
Respondem ao silêncio.

Daniel Mauricio nascido em Jaguariaíva-PR, residente em Curitiba-PR. É Membro associado do Centro de Letras do Paraná – CLP; membro da Academia de Cultura de Curitiba – ACCUR; Membro da Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia – AVIPAF; membro da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil; membro da União Brasileira de Escritores – UBE; membro benemérito da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil – seccional do paraná; Academia Biblioteca Mundial de Letras y Poesía; Academia de Letras do Brasil - seccional do Rio Grande do Sul, Academia de Letras do Brasil - seccional do Paraná; Academia Luso-Brasileira – Seccional do Rio Grande do Sul e Academia Poética Brasileira; Autor de 12 livros de poesia.

Deisiane Santana de Oliveira

Nunca vou esquecer lo

Ele é lindo e perfeito

Nunca vou esquecer lo

Gosto dele intensamente

Nunca vou deixar lo

Rezo o dia para ver lo

Todo dia quero estar ao lado dele.

Ele é alto , bonito, barbudo e belos cabelos

Sem falar de sua beleza interior

Pode ser ignorante as vezes

Mas isso não é um defeito

Mas sim um valor

Quero estar com ele o tempo todo.

Eu rezo e rezo para ninguém tirar lo de mim

E por fim termos um casamento duradouro

Ele nunca falou do meu corpo negativamente ou de meus dramas

É o único homem que me senti amada!

SEPTILHA DE SÃO JOÃO

Autor: Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

É o primo de Jesus
De Isabel ele nasceu
Foi profeta e pregador
O deserto percorreu
Comeu gafanhotos lá
Diz a crença popular
Que a fogueira o precedeu

São João virou sinônimo
D'uma festa popular
Tradição de meio ano
Que ao Nordeste faz parar
Junho tem Festas Juninas
Que em julho são julinas
E a agosto vão chegar

De melão é a capela
Do querido São João
Sua festa é da hora
Tem comida e quentão
Mas o santo é com fervor
Da floresta defensor
Não venha soltar balão!

Dedicando este cordel
A um santo especial
Cujo dia é de nascença
O que o torna sem igual

No vinte e quatro de junho
Eu atesto e testemunho
É data de festival

Em tal dia, diz a lenda
A magia aqui floresce
Nasce a flor de samambaia
Que não é o que parece
A flor do feto-real
Brota lá em Portugal
Encantaria acontece

Se no Brasil é Saci
Nosso protetor da flor
No além-mar é a Bruxa
Que a defende com fervor
Proteção unificada
De uma gente encantada
São os guardiões da cor

A magia do Batista
Reforça a fé popular
Traz esperança de que
Tudo já vai melhorar
Entre pulos à fogueira
Peça e não dê bobeira
Pois João há de escutar

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza

AS FESTAS JUNINAS

As festas juninas chegaram,
Vamos todos comemorar!
Os três santos católicos
Vamos homenagear!

O primeiro é Santo Antônio,
O Santo casamenteiro,
Dizem que ele ajuda
As moças do mundo inteiro.

Depois vem São João,
Continua a tradição.
Com muitas danças e quadrilhas,
E comidas de milho a rojão.

São Pedro é o último Santo
Homenageado no arraiá,
Mas se ocê pensa que findô?
Tem forró até o sol raiá.
Brincar com fogo é perigoso,
Prestem muita atenção!
De repente pode ser danoso,
E o meio ambiente agradece de coração.

Os animais ficam assustados,
Zelar por eles não custa não.
Eles são seres indefesos e pedem:
Proteção! Proteção!

A natureza toda em nossa volta
Pede a sua compreensão.
Então vamos dançar quadrilhas
Sem soltar bombinhas nem balão.

Fátima Nascimento Leite

O INVERNO

Quão saudosas são nossas lembranças...
Arrebatando intrinsecamente
De dentro de nós, as nossas entranhas.
E de uma forma tal,
Que nos sentimos desalentas e sozinhas,
Mesmo em meio a uma multidão.
O inverno apenas vem somar
Como uma estação de desalinho sentimental,
Onde os sentimentos de tristeza
Amolecem os nossos corações,
Independente dos momentos felizes ou não,,
Os momentos tristes, sempre gritarão mais alto,
Na estação do inverno.
Por qual razão?
Não sabemos o motivo do inverno,
E da chuva que cai,
Trazerem o frio na alma,
Mesmo com companhia ao nosso lado,
Sabemos apenas que ele nos remonta
A caminhos longíguos,...
A nossa distante infância ...
Oh! Inverno, inverno!
Caverna de suspiros
Dos saudosos abrigados
Por temporais entristecidos.

Fátima Nascimento Leite

Aos Cuidados de Ana Cristina Cesar (Poema inédito)

Prezada autora,

Amo-te.

Visceralmente.

Antigo voyeur

Tornei-me stalker

Caio no teu jogo

Esconde-esconde

Mostra-esconde

Escancara

Dás e tomas

Loura donzela

Escapa entre os meus

Dedos

Menina séria?

Que me apaixona

Prostrado aos teus pés

Em pleno século vinte e um

Preciso tanto do teu olhar estetizante

(Francine Cruz)

**

Poema Póstumo

Saudades de um amor que tive

E um que não tive

Vida que podia ter sido

E que não foi

Troca de cartas, conselho amigo

Intimidade inventada

Chá das cinco com você

Dois torrões de açúcar e blue.

(Francine Cruz)

**

Criar (Poema inédito)

Galinhas da Angola

Filhos sem pai

Histórias de amor

E um poema sem glória

(Francine Cruz)

Pagu sou eu

Pagu, Pagu

Teus olhos de cigana

Me lembram Capitu

Olhos tão rimados

Olhos tão cantados

Olhos encantados

Ninguém passa imune

A esse teu olhar Pagu

Ninguém passa imune

Mas mesmo esse olhar

Poderoso e único

É apenas uma parte tua

És muito, muito mais que isso

Ação e reação

Corpo, alma e coração

Vento, fogo e carvão

Te leio Pagu

E é como se lesse a mim mesma

Sou vulcão como tu

Poeta indomável

Militante incansável

Mulher que precisa de ar

Respire então em mim

Em minhas mãos

E minha letra

Sou como tu.

(Francine Cruz)

Francine Cruz nasceu em Curitiba-PR, é professora e escritora, licenciada em Educação Física e Letras Português-Inglês, mestre e doutoranda em Educação (UFPR). É autora, entre outros, dos livros Amor, Maybe (2011), A Casa dos Dois Amores (2014), Poemas para brincar nas quatro estações (2023) e Vovô foi embora, mas deixou muita história!(2023). Em 2012 recebeu o prêmio Agente Jovem de Cultura do Ministério da Cultura. Integrante de diversos coletivos literários e membra efetiva do Centro de Letras do Paraná. Criadora e apresentadora do Canal Senhora Literatura no Youtube. Tem textos publicados em revistas do Brasil, Portugal, Argentina e Espanha.

Português

Mês Junino

Período tão aguardado pela população calorosa rondoniense
Traz consigo a alegria e reascende a chama nos corações
Ardente como o sol de meio-dia
Apresentando talentos e variedades de pratos saborosos, acompanhados de carisma e alegria
Como não sentir tamanha euforia diante de momentos tão emocionantes
Para tanta alegria, um mês não é suficiente
Deixando recordações que levaremos para sempre em nossos corações
Nossos amores pequeninos
Que mal sabem as palavras
Mas com um simples balançar
Entram na dança, revelando cascatas de emoção em nosso olhar
Momentos em família que reforçam o elo fraternal
Tendo como símbolo “a maçã do amor”
Que a chama do amor se mantenha acesa em nossos corações.

Espanhol

Mês Junino

Epoca tan amada por la calurosa población rondoniense.
Transmitiendo la alegría, resucitando la llama en corazón
fervoroso a sol del mediodía
Manifiesta talento y diversidad de platos deleitables, acompañado de carisma y diversión.
Imposible no sentir tal animación,
hacia tal alegría, un mes es poco,
permitiendo conmemoración que tomaremos siempre en corazones,
nuestros pequeños amores
mal saben las palabras,
con un simple balanceo,
entran en el baile, dejando al descubierto cascadas de emoción en nuestra mirada.
Tiempo en parentela fortalece el vínculo fraterno,
teniendo como figura «la manzana de la ternura»
Que la hoguera de la ternura se mantenga encendida en nuestros corazones.

Bibliografia de la autora: Gabriela Tavares de Sena, nascida em 17 de agosto 1991, natural de Santarém-PA, mora em

Porto Velho-RO desde 2010. Estudou desde o jardim até o ensino médio em sua cidade natal. Aos 18 anos, mudou-se para a cidade atual (PVH), casou-se, teve 1 filha , fez curso de bacharelado em Serviço Social pela UNIP (2018-2021). Ficou viúva aos 31 anos, trabalha como autônoma e atualmente está cursando Espanhol básico pelo Instituto- IDEP.

ESPAÑHOL

La energía del festival de junio

En junio, la luna brilla,
y el cielo se viste de fiesta,
el corazón se encandila,
y la alegría se manifiesta.

Fogatas que iluminan la noche,
bailes que alegran el suelo,
el sonido del acordeón,
eleva al alma al cielo.

Vestidos de colores brillantes,
y sonrisas por doquier,
la fiesta junina nos llama,
a celebrar y a querer.

Hay maíz y pastel de yuca,
arroz dulce y quentão,
las delicias nos invitan,
a compartir la tradición.

Con la música y los fuegos,
la noche se hace magia pura,
y en cada rincón se siente,
la esencia de la cultura.

Junio se viste de gala,
en esta fiesta encantada,
donde el amor y la dicha,
se bailan en la cuadrilla marcada.

PORTUGUÊS

A energia da festa junina

Em junho a lua brilha,
e o céu se veste de festa,
o coração está deslumbrado,
e a alegria se manifesta.

Fogueiras que iluminam a noite,
danças que iluminam o chão,
o som do acordeão,
eleva a alma ao céu.

Vestidos de cores vivas,
e sorri em todos os lugares,
a festa junina nos chama,
celebrar e amar.

Tem bolo de milho e mandioca,
arroz doce e quentão,
as delícias nos convidam,
para compartilhar a tradição.

Com música e fogos,
a noite se torna pura magia,
e em cada canto você sente,
a essência da cultura.

Junho se veste,
nesta festa encantada,
onde o amor e a felicidade,
Eles são dançados na praça marcada.

Gabriel Melgar Roca, nascido em 1998 em Porto Velho, Rondônia, é Técnico em Edificações e Técnico em Eletrotécnica pela UNICORP-PB, cadastrado no Conselho Federal dos Técnicos (CFT). Atualmente, é estudante de Engenharia Civil na Faculdade São Lucas de Porto Velho (UNISL).

Possui diversos cursos complementares, incluindo Revit, Autocad, TQS, Excel, NR06, NR10 e NR33. Cursando espanhol básico pelo IDEP (Instituto de Desenvolvimento Educacional e Profissional).

Como um arlequim

porta e batente, mar e praia, luz e sombra
fios de algodão de um tapete
o bem e o mal entrelaçados
nossas vidas no arrebol
ficamos prisioneiros no anzol
das vaidades
somos um girassol
procuramos o Sol
mas nossas raízes estão fixas ao solo
experimentamos sensações de pesadez e de leveza
semelhantes ao arlequim de Picasso
somos alegria e tristeza

*

Destino

rédeas invisíveis
mantêm os cavalos da inspiração
submetidos aos antigos arquétipos

a voragem do momento
mutila a linguagem

bloqueios ancestrais ocultos
fazem tremer a jugular
amordaçam os lábios
mas o poeta afasta o medo
e o seu destino
é revelado nas cartas do taró

*

BELEZA OCULTA

para sobreviver à crítica
e ao fogo dos dragões
o poema
esconde
a sua essência
e não revela
que nadou
no oceano
do nada
procurando
ecoar a sonoridade do silêncio

DANÇAR NAS SOMBRAS

dançarei
quando as sombras mais profundas
tentem afogar a minha alma
porque a dança
desata torrentes de emoções
e sorrisos
sem necessidade de articular palavras

*

O ARPÃO DO TEMPO

O tempo não voa
o tempo não navega em uma canoa
o tempo escoia
com a garoa da tarde
às vezes, abençoa
com algumas horas de felicidade
e outras vezes arpoa a vida
com o arpão do além
e empurra a alma para a imensidão
para o âmago infinito do espaço-tempo
onde Deus rodeado de Anjos
contempla o universo

Isabel Furini

Resumo de currículo:

Isabel Furini é escritora, poeta e palestrante. Autora de 35 livros, entre eles, “Os Corvos de Van Gogh” e “Dançando entre as Estrelas” (poemas). Participou de Antologias poéticas em Portugal, Argentina e Chile; é criadora do Projeto Poetizar o Mundo; acadêmica da AVIPAF (Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia); coeditora da Revista Carlos Zemek de Arte e Cultura; recebeu Comenda Ordem de Figueiró, Arte e Cultura do Brasil; Realizou um recital poético na 36a. Semana Literária do SESC & XV Feira do livro da UFPR, em 2017, e um Recital Poético bilingue (espanhol/inglês) na Biblioteca Pública de Burlingame, Califórnia, USA, em 2018. Seus poemas foram premiados em Brasil, Espanha e Portugal.

Lembranças de um Amor/Recuerdos de un amore

Lembrança de um amor / Português

Lembro-me de quando nos conhecemos. A alegria foi mútua e incomparável a todos os momentos passados.

A alegria e o amor reinou em mim, nunca me senti tão amável a ponto de restaurar o amor. Libertar-me de tanta dor, pois tudo na vida é ilusão, menos sentir amor.

Na diversidade da vida, jamais desista de você. Pois sabemos que só há uma vida, uma vida para viver e para amar, e dentro dessa vida, pode-se comemorar as Festas Juninas por onde você passar.

Recuerdos de un amor Espanhol

Recuerdo cuando nos conocimos por primera vez. La alegría fue mutua e incomparable a todos los momentos pasados.

En mí reinaba la alegría y el amor, nunca me sentí tan bondadoso como para devolverme el amor. Liberarme de tanto dolor, porque todo en la vida es una ilusión menos sentir amor.

En la diversidad de la vida, nunca te rindas. Porque sabemos que solo hay una vida, una vida para vivir y amar, y dentro de esa vida puedes celebrar las Fiestas Juninas donde quiera que vayas.

Biografia de la autora: Ivone Nascimento Ferreira Lima, nacida el 6 de junio de 1976, nacida en Rio Branco - Acre, vivo en Porto Velho - Rondônia desde hace 47 años, tengo 5 hijos, nacidos aquí en el estado, licenciada en Pedagogía por la UNIP, posgraduada en Gestión, Orientación y Supervisión Escolar por la Institución FARO, Técnico Guía Turístico y Técnico de Eventos por la Institución IDEP. Actualmente trabajando como freelance, Guía Turístico, Animador de fiestas infantiles y clase de refuerzo, realizando el curso de español en IDEP

Alfarrabistas do último mundo de alegrias que em volta vinga.
A cada livro cordões umbilicais. Saem de mim olhos fumegantes.
Empunho uma espada a quem tocar-lhes a capa e decepo-lhes os dedos.
Esculco ciúmes doentios. Dou-lhes o amor, essa mesma natureza parideira
que lança ao mundo filhos com a sina de viver e morrer entre páginas.

.....

Desses campos de identificação para preenchimento
que perduram frágeis de vertigens e torpor. Não sei o meu nome.
Toco-lhe como pássaro embriagado que ampara sonhos caídos
de galhos com rachaduras visíveis, inalcançáveis.
No jogo dos fantasmas eu tinha a camuflagem na paisagem
valendo-me da força do silêncio
para sobreviver.

.....

A competência polida de bafejar o desprezo afiado como lâmina.
Tudo o que sangra em exaltação. Fetiches dispersos, olhares,
sustos, vaginas, falos, ausência de desejo, potências de ereções.
A frase conclusa para que tomasse forma o nome
e assaltasse o corpo
porque nenhuma vez lhe bastou
o choro engolido.

Jean Sartief

Procurei
e não achei
mas, quando encontrei
Parecia que não era pra mim.

Por vezes
andei
durante a noite
que me causava frio
enquanto durante o dia
o sol assumia o controle
e logo me aquecia
deste modo,
incansavelmente,
independente do tempo que se formava
ou do clima que se fazia
procurava a parte que faltava
pra curar a parte que me partia.

Com frequência
anunciava meu canto
em cada canto
na conquista de cada parte incompleta
e por fim
não importava onde eu estava
pois, meu objetivo era tão somente
encontrar a parte que me faltava.

O insucesso
não me parava
e cada dia

1 Discente da Universidade de Passo Fundo - UPF

emprendia numa nova busca,
no relevo eu subia
por vezes descia
rolava
e neste mundo sem bordas
me enrolava em outras partes
que não poderiam ser minha
mas,
por um instante
era a parte que me tinha
que me consumia,
que me consumava
enquanto a parte que deveria ser minha
era justamente a parte que me faltava.

Até que um dia
achei que tinha achado
a parte que me cabia
então,
coube a mim
decidir ser completo.
Juntei-me!
Era pra ser um conto de fadas,
achei que ali
seria meu final feliz
mas,
com o tempo descobri
que éramos duas partes distintas,
não obstante,
quando nossos corpos se encontravam
formávamos apenas um
apesar de sermos
duas partes completas.

Quando achei
que tinha achado...

mais uma vez,
me perdi naquelas curvas
toda ruiva
seduzente
de beijo doce
e abraço quente
que encontrei
nos desencontros da vida.

Apesar de não ser minha outra metade
ela me completa
e deste modo,
contento-me
em tê-la por perto
nem que seja por um instante
pois,
talvez
até o próximo milênio
não exista
outra Milena
tão leve,
livre
e capaz de me prender
em seus braços.

Enquanto você dormia (in memoriam)

JOSE LEANDRO DE SOUZA LIMA

Por um instante esquecia de tudo: obrigações, tarefas e preocupações diárias

Que tanto lhe tirava o sono

Lentamente, eu pegava o travesseiro e ia ao teu encontro, deita-me ao teu lado

Conversávamos poucas palavras, e tu ouvias com atenção, creio que algumas frases nem se quer ouvistes.

Pelo menos, a parte do “Eu te amo” com certeza sim, pois ristes com tamanha delicadeza

Uma breve brisa, fez o “favor” de levar pra longe a janela entreaberta, e com um estalido tolo, acordastes.

Porém aqueles momentos se eternizaram, e eu te observava enquanto você dormia.

Instagram: @leanddrojose

Sobre o autor: Solteiro, 34 anos, natural de Remígio-PB, domiciliado em SUMÉ-PB, cuidador educacional, graduando em História. Coletâneas do PROJETO APPARERE: Revisitando o passado (PRESENTE, PROFESSORA) e Todas as formas do AMOR (Irmandade) , REVISTA BARBANTE, Vol. XII, núm. 62: O começo do ABC .

FLOREAR

É na paciência de uma escuta

É no envolvimento com as sementes

Por vezes, desacreditadas...

Que a gratidão germina

E nos ensina o valor do «*esperançar*»!

É na ciência que busca o solar

É na experiência de quem se faz e nos faz permitir

Que entendemos que não há magia...

Apenas a coragem de enfrentar os desafios

Quando as «*enxurradas*» tentam nos desanimar!

Quando a gratidão resplandece

Ela se espalha e se torna brisa... frescor...

E, como cantiga que se põe a cirandar

Envaidece-se com o puro amor

Descortinando os sentimentos

Que preenchem os corações ao “*florear*»!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Um herói que brada sua espada

Disfarçada de acordes imaginários, para confundir àqueles que o testemunham.

Ele odeia tanto a solidão, mas quase sempre quer estar só, porque o mundo tem o costume de odiar a sua felicidade e, por isso, se cobre de tristeza.

Pois durmo entre os seus lençóis

E conheço artefatos que costumam te tirar de uma vida tão cruel.

Compartilho dessa sua angústia de ser tão grande, em meio a um lugar que te prende.

De ter um sonho de lutar pela sua arte, produzida através do som de seus ossos, sangue e lágrimas.

Até temos conhecidos, pelos quais entendem nossas motivações e dores.

Amores e reputação para zelar pelos nossos, que nos assistem a crescer.

Um mau presságio, que cobre nossas almas e transcendem o destino.

Uma raiva, que consome linhas e destroem futuros brilhantes, quando estamos a um passo de soar como poetas ingênuos e mal-compreendidos, presos num caminho de contemporaneidade.

Oh, bravo e grande herói!

Peço que nesta sua jornada, eu seja lembrado quando estiver entre solos.

Porque sou daqueles que sempre estive torcendo para sua ascensão e conquista,

Que a todo momento busca de artifícios para comentar sobre sua abençoada alcunha em meio aos conhecidos que te estimam entre histórias que encobrem as eras.

Que guarda uma promessa de amor entre os dedos, e uma canção nunca escrita, que será bradada no exato momento da sua volta.

E por mais que tente construir uma narrativa antiheróica entre seus versos,

Eu sei bem o que você é por dentro e nada disso vai mudar.

Você nasceu para ser brilhante!

Porque como uma vela na revolução, você muda os rumos da história e sua chama ainda vive em meu coração.

Você sabe que daria minha vida pela sua, bravo herói.

E isso me aflige, porque sempre termino em maus lençóis.

Acho que gosto de você porque suas narrativas casam com o tipo de prosa que costumo compor.

Sua heroicidade que transborda entre as linhas de historiadores que vão eternizar seus toques e acordes até o fim dos tempos.

Antiherói que exala confusão e coragem.

Espero te encontrar entre as trovas, em próximas vidas.

Colocar anéis entre seus dedos e viver em reinos, agora, cobertos por poeira e veridão.

Levantando monumentos em nome de um amor,

Para que a posteridade o tenha como simbologia de uma paixão épica e duradoura.

Amarrar seu jargão entre meus lábios

Porque a imensidão pareceu me fez conhecer a luz do dia.

Sol crescente

Sol crescente.

Cresce no oriente.

Sol crescente.

Quero mais sementes.

Cresce sol.

Meu grande sol.

Quanto mais calor

mais amor.

Assim é este

sol é um amor.

Cresce no oriente.

Transborda no ocidente.

No pôr do sol,

eu sou um girassol.

Sol crescente quero

sol poente.

Sol do meio-dia

No ponto mais

alto do céu.

O sol do meio-dia
está lá.

Rachando de calor.
Mil versos de amor.
Nesse sol eu quero
poesias fazer.

Amar sem pensar.
Beijar sem parar.
Sol do meio dia
ainda é de dia.

Sol do meio dia
está em dia.
Sol, nesse sol
eu sou um girassol.

Biografia:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) patronesse Ruth Guimaraes cadeira 39. Participa de diversos concursos literários. Instagram: @liecifranborgesmartins.

Rodando em busca de sentido

Sendo empurrado e puxado por demônios de um lado

E, pelos anjos, do outro

Buscando a pureza num mundo de *afã* e *haram*

Profanando todos os santos

Obscurecendo a aura de todos os *buddhas*

Subvertendo a própria subversão

Rebelando-se contra a própria rebeldia

Sendo a verdadeira ovelha negra entre as falsas ovelhas negras

E a verdadeira ovelha branca entre as falsas ovelhas brancas

Tentando encontrar a paz enquanto chove faíscas

E o teto do mundo se desfaz

Este mundo que é uma bagunça que nunca vai se organizar

Porque o caos é a lei primordial

E, o equilíbrio, a lei vital

Em meio a autogênese e autofagia

Da humana autocriação e autodestruição

Apoteose de si e autodemonização

Girando em círculos, seguindo e fugindo de ciclos

Na contemplação de si que reflete algo mais

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonseca é Pedagoga pela UVA (Universidade do Vale do Acaraú). Especialista em Mídias na Educação e Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Mediadora de Leituras pela UFRN. Trabalha na Rede Municipal de Natal como Professora e gosta de poetizar o cotidiano. Buscando a inspiração em Deus, na natureza e no ser humano.

VESTIDO DE MÃE

Vestido de mãe tem um poder,
que só os filhos podem explicar,
de transformar saudade em consolo
quando ela não está.

Vestido de mãe é personalizado.
Tem uma essência suave
que não é encontrada pois,
só os filhos conhecem essa essência sagrada.

Vestido de mãe é aconchego
para quem vive ao seu lado.
É segurança e proteção em um abraço apertado.
É o perfume materno que é ofertado.

Vestido de mãe é o melhor tecido
não importa se é algodão ou chita.
Ele veste bem e a mãe fica bonita.
E nele está impresso a nossa maior relíquia.

Vestido de mãe tem simplicidade, amor e verdade.
Não importa o modelo pois,
só Ele tem o cheiro que só os filhos conhecem.

Vestido de mãe traz recado dos valores ensinados.
Doação, coragem e bondade, respeito, zelo e cuidado,
símbolo de amor responsável.

Vestido de mãe é saudade quando ela não está.

Herança para quem sabe valorizar.

Nas memórias guardadas a melhor fotografia
do que ele representa. Uma peça única que só você pode abraçar.

Vestido de mãe é presença que enfeita e traz beleza
A esta mulher tão sábia que valoriza a família
ensinando que a vida tem: sonhos para serem vivido

Vestido de mãe é assim,
cada um que toca, vai tirando força e exemplo
que só mãe sabe ensinar.
Respeitar uns aos outros, esta é a lição que nos dá.

Maria de Fatima Canindé Silva da Fonsêca

NO COTIDIANO DA VIDA

É no vai e vem do cotidiano
que descortinam um sopro Divino
e as vezes nem percebemos,
a beleza que nos traz.

É no vai e vem da vida
que encontramos um silêncio
que as vezes nem damos conta
que foi Deus nos abraçando.

È no vai e vem da vida
que há desencontros,
que nos balança e surpreende
o equilíbrio da vida.

É no vai e vem da vida
que também nos encontramos.
Que nos diz: Deus te abençoe e sejas feliz.

E este vai e vem
sempre nos diz: coragem! siga em frente e seja muito feliz.
Erga-se das pedras e torne-se pedregulho.
Multiplique os valores que você tem.

É no vai e vem que às vezes paramos e refletimos,
sobre o ser vida,
E o valor que ela tem.
Portanto, gratidão à vida!
Gratidão a vida! Gratidão à vida!

Maria de Fátima Canindê Silva da Fonsêca

EM BUSCAS DE RESPOSTAS

E aí? Está pensando o quê?
Vai fazer o que?
Vai em busca do quê?

E aí? Já pensou no que fazer?
Estas perguntas vão passeando
na nossa mente, em busca de respostas.

É assim que seguimos na vida.
Sempre se perguntando, questionando e interrogando
sobre o caminho a seguir para fazer boas escolhas.

E aí? já sabe o que vai fazer?

Maria de fátima Canindé Silva da Fonsêca

A CHUVA É BÊNÇÃO

Chove fininho.

Molha devagarinho o telhado.

Chove forte.

Goteiras surgem no telhado.

molha o chão da sala,

coloca-se um recipiente,

toc, toc, toc...

A chuva transmite alegria para os animais,
para o verde da terra.

A chuva convida a tomar um café, um chá,
um chocolate ou uma sopa quente.

A chuva é o perfume da terra.

Água para os seres vivos.

As chuvas são bênçãos de Deus.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

CONVITE AO TRABALHO

O dia descortina no horizonte:

O sol nasceu radiante, mas um dia desponta
e as pessoas se levantam para cuidar da lida.

O trabalho começa.

O dia vai adiante,
as mãos calejadas agradecem a Deus
pelo trabalho bem-feito.

Chega o final do dia.

A noite desponta, o corpo cansado, convida ao descanso.

Para recomeçar no raiar de um novo dia.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

DIALOGANDO COM AS MÃES

Mesas preparadas,
cadeiras arrumadas.

Um espaço acolhedor para um diálogo compartilhado,
breve, mas cheio de verdades
que só quem é mãe sabe ouvir e entender.

Quando falam de filhos
mexe com a essência de mãe.
Mãe é algo incomum,
porque tudo atrai para si.

É uma energia que irradia e
ilumina a vida de toda família.
Às vezes nos encontramos
num embaraço que só vendo.

Mas a força vem do útero
que gerou e que deu a vida.
A mãe renúncia para que os seus filhos cresçam,
estudem, trabalhem e trilhem um bom caminho.

As verdades das mães estão aí...
e aí? Quais são suas verdades de mãe?
Alegria é um perfume contagiante,
que perfuma os espaços onde está,
embeleza o sorriso de cada rosto.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

A FESTA JUNINA NA ESCOLA

A festa junina na escola tem muita descontração.

A cultura, a tradição,
os costumes do sertão.

A colheita é farta.

A culinária e saborosa

Pescaria e rainha do milho.

As crianças animadas.

Cada um com sua alegria.

Dançam, cantam e brincam.

Nesta festa tão esperada.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

Paz

É da paz que se faz o sorriso da vida,
É do poema que corre ao ritmo da paz e
desnuda na felicidade das nossas almas,
que ressoam ao som
da liberdade,
ao se reconciliar ao amor das coisas:
amar a liberdade,
amar a cultura,
amar o verso e
amar a melodia da gargalhada,
que se desvanece a cada manhã
no gotejar das esperanças e no sonho do porvir.

Sou destas terras quentes,
sou desta tradição de abraços,
nasci nas ancas desta [moça que rebola à marabenta
Do sumbo ao Índico,
do Índico ao recanto da nossa alegria.

Não me julgues por sorrir criança,
não digas ao contrário,
se de liberdade eu voar
e no sonho da paz eu pousar.

Canto e encanto ao ritmo da timbila
Que ressoa ao norte
feito líquido de etnias

e deságua na bondade dos nossos corações.

Nasce nesta pérola do Índico
sentido este conforto,
de escrever versos cativantes,
este amor pelo próximo
este amor por nós.

Te abraçar,
é cultivar uma roseira,
e brotar sem dúvidas de ser livre,
de brilhar ao nascer do sol,
e cantar ao se pôr do mesmo,
Não é da força que resulta a paz,
É do amor próprio,
que nasce o reconciliamento com o nosso eu,
É sermos juntos num só objetivo,
É sentir ao fundo da alma,
e fortemente poder dizer:

«A PAZ É A NOSSA CULTURA».

Nélio Da Costa José

Um amigo para mim

20 de julho: Dia do Amigo e Internacional da Amizade

Olivaldo Júnior

Entre tantos inimigos
Tanta gente sem cuidado
Só queria ter amigos
Para a vida bem ao lado
Não passar despercebida
Como um fato sem recado.

Só queria ter amigos
Um amigo para mim
Que fizesse diferença
Flor que nasce no jardim
Porque vive dessa crença
De chegar ao céu sem fim!...

Mas não é tarefa fácil
Ter alguém tão bom assim
Que nos faça mais felizes
Do que um anjo serafim
Que nos beija as cicatrizes
Com seus lábios de cetim!...

Um menino todo azul
Qual Cecília nos contou
Um Toquinho com Vinicius

Como a música cantou

Um amigo para mim

Que me completasse o voo.

Olivaldo Júnior nasceu em Aguaí, São Paulo, mas mora em Mogi Guaçu desde criança. Seus pais, sempre que podiam, o incentivavam lhe comprando os discos e os livros que pedia. Apaixonado por arte, é formado em Radialismo: Setor Locução pelo Senac São Paulo e plenamente licenciado em Letras, com Habilitação em Português/Inglês, pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada (FIMI).

Seus textos têm obtido diversas classificações, nos mais variados gêneros, em inúmeros concursos literários, regularmente.

Seu contato: @olivaldo.junior.

O coração

Patrícia de Campos Occhiucci

Irigado, de fluxo venoso
Forma um mar arterial
Acelera, se nervoso
Acalma, no alto-astral!

Transporta o oxigênio
Para o corpo, nutrientes
Esse órgão é um gênio
Que sempre bate, frequente.

Entre sístoles, leva
Na diástole, recebe
A vida conserva
Símbolo de amor, concebe.

Adentra cavidades
Abre e fecha portas
Do sangue, imunidade
Saúde, o que mais importa.

Educando com valores para a vida

Em 1947 nasceu Josefa de Lourdes
Carinhosamente chamada de Udinha
família de 3 filhos

Alexandra era uma criança muito feliz
de boneca,
E subir em árvore.

Quando Alexandra tinha 10 anos,
uma pré-escola

Vendo um futuro promissor da filha
Alexandra iniciou a sua carreira docente.

Construiu uma linda
E anos mais tarde chegaram os 7 netos.

Adorava brincar
Fazer bolo de barro, correr

Udinha montou
na sua garagem de casa

E aos 15 anos,

Paula Martins Ramos - Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).
Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Tutora no
Centro de Educação Superior a distância – Cesad/UFS. Email: paulamartinsramos@hotmail.com

Uma mulher guerreira

Josefa de Lourdes Santos Pacheco, Sergipana nascida na zona rural do Município de Lagarto.
Mulher incansável que sempre enfrentou vários obstáculos.

Construiu uma linda família com seu esposo José Pacheco, três
filhos e sete netos fruto dessa união. Sempre sensível e solidária
Iniciou sua vida comunitária.

Durante sua trajetória recebeu várias homenagens pela
seriedade de seu trabalho e comprometimento com a causa humana. Trabalho sério e de grande demanda.

Fundadora do Educandário Arco Íris observou a necessidade de acolher crianças com ensinos vulneráveis.

SEMPRE HAVERÁ

Rafael SG Santos

Numa cidade

Num bar

Ou avenida

Sempre alguém irá amar

Pois o Amor sempre haverá

Enquanto houver a vida.

NA ESTAÇÃO DA VIDA

Sorrisos e lágrimas marcam destinos

Vida e morte unem-se nos ocasos

Trem desliza nos mesmos trilhos

CENTRO ESSENCIAL

Renasço das simbólicas cinzas

Princípio da eternidade

Fértil morada divina

SOPROS DE FELICIDADE

Ventos trazem histórias

Nuvens beijam-me a alma

Flutuo sobre versos

Rita Queiroz

tudo eclipse de mim
meus corações estacionaram
numa escada de romances
amores que nunca se acabaram
risos que não demoraram
mortos os corvos e as espigas de milho
para que guardar ossos?
levemos aos deuses oferendas
saíamos das cavernas
a rua é uma menina sonhadora
espera por mim... por luas
eu morro com a metafísica
o ser e o nada é tanta coisa

rosângela trajano

SÃO JOÃO DO NORDESTE

Nosso São João
no nordeste é o melhor,
a mais pura tradição,
merece todo seu valor!

Um festival de cultura,
na colheita a comilança,
onde tudo é fartura
nesta verdadeira festança!

Na quadrilha o forró,
na fogueira a sua fé,
grande alegria só
neste belo arrasta-pé!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes
São Gabriel/RS

Noite de São João

Junho chegou,
Com sua noite estrelada,
Trazendo muita emoção e muita festança,
Para fazer a menina bonita dançar quadrilha com alegria
E até se apaixonar
Pelo sanfoneiro.

Na noite de São João,
Que maravilha de se ver
Na fogueira de junho,
Soltar chavinha e amor no ar
E se esquecer dos problemas.

Só é possível na noite de São João,
Com muita coisa divertida
Para se saborear com paixão.

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).

Gratidão, Deus!!!!



Resumos

APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA ALUNOS COM TEA NO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alexandre dos Santos¹

Paula Martins Ramos²

RESUMO: Este trabalho aborda a aplicação de tecnologias assistivas na educação inclusiva, especificamente para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com foco de alunos do 4º ano do ensino fundamental menor. O problema de pesquisa investigou como a tecnologia assistiva pode ser integrada ao ambiente escolar para facilitar o processo de ensino-aprendizagem de alunos com TEA. Os objetivos incluem identificar as principais tecnologias assistivas utilizadas, avaliar sua eficácia no contexto educacional e propor estratégias para sua implementação. A metodologia adotada foi uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e estudos de caso envolvendo a observação direta em sala de aula. Os resultados mostraram que as tecnologias assistivas, como sistemas de comunicação alternativa, não apenas melhoram a interação e comunicação dos alunos com TEA, mas também promovem maior engajamento e participação nas atividades escolares. A discussão destacou a importância da formação contínua dos professores para o uso eficaz dessas tecnologias. Este estudo ressaltou conteúdos de ensino como inclusão digital, desenvolvimento cognitivo e comunicação alternativa, e contribuiu significativamente para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, ao demonstrar o protagonismo estudantil e a inovação no uso de tecnologias assistivas. A interdisciplinaridade e o caráter investigativo do trabalho reforçam a relevância das tecnologias assistivas na promoção de uma educação inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; Educação Inclusiva; Tecnologia Assistiva; Transtorno do Espectro Autista.

1 Pós-Graduando em Psicopedagogia e Educação pela FAVENI Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.

2 Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Tutora no Centro de Educação Superior a distância – CESAD/UFS. E-mail: paulamartinsramos@hotmail.com.

A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Alexandre dos Santos¹

Paula Martins Ramos²

RESUMO: O trabalho discute a utilização de Tecnologias Assistivas (TA) para promover a inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar. O problema de pesquisa foca na falta de preparo dos professores para implementar adequadamente as TA, crucial para uma educação inclusiva eficaz. O objetivo é desenvolver estratégias para a formação docente, enfatizando a importância da individualização do ensino e a valorização da diversidade. O estudo envolveu escolas de ensino fundamental e médio, integrando séries diversas em um contexto inclusivo. Metodologicamente, a pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, com entrevistas e observações em sala de aula, além da análise de casos específicos de inclusão. Resultados indicam que, embora as TA ofereçam grandes benefícios, sua eficácia depende diretamente da formação contínua dos professores e da sua capacidade de adaptar essas tecnologias às necessidades individuais dos alunos. A discussão aborda como a personalização das ferramentas assistivas pode impactar positivamente o processo de aprendizagem e a inclusão social dos alunos com deficiência. O conteúdo de ensino abordado inclui técnicas de comunicação alternativa e recursos didáticos adaptativos. A contribuição do trabalho reside na promoção do protagonismo estudantil, ao permitir que alunos com deficiência participem ativamente do seu processo de aprendizagem, e no estímulo à inovação pedagógica, integrando TA no currículo escolar. Essa abordagem interdisciplinar não só melhora o desempenho acadêmico dos alunos com deficiência, mas também enriquece a prática docente, tornando o ensino mais inclusivo e eficaz.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva; Formação Docente; Prática Pedagógica; Tecnologia Assistiva.

1 Pós-Graduando em Psicopedagogia e Educação pela FAVENI Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.

2 Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá. Tutora no Centro de Educação Superior a distância – CESAD/UFS. E-mail: paulamartinsramos@hotmail.com.

A INCORPORAÇÃO DE LIVROS DIGITAIS E FÍSICOS NA PRÁTICA DE LEITURA

Paula Martins Ramos¹

Alexandre dos Santos²

Resumo: Este estudo explora a prática da leitura em sala de aula, utilizando tanto livros físicos quanto digitais, como um desafio na promoção da aprendizagem. Dessa forma, exploraram aos benefícios específicos de cada formato de livro para a prática da leitura em sala de aula. Por exemplo, os livros físicos podem oferecer uma experiência tátil e sensorial que alguns alunos preferem, enquanto os livros digitais podem proporcionar interatividade e recursos multimídia que engajaram os estudantes de forma diferente; como também, discutiram a importância de adaptar o currículo de língua portuguesa para incorporar tanto materiais de leitura físicos quanto digitais. Isso pode envolver a seleção criteriosa de textos relevantes e a criação de atividades que exploraram as características únicas de cada formato; abordaram as estratégias eficazes para incentivar o hábito da leitura entre os alunos, independentemente do formato do livro. Isso incluiu a realização de clubes de leitura, a criação de ambientes acolhedores de leitura na sala de aula e a promoção de discussões sobre os temas abordados nos livros. Além disso, identificaram os desafios comuns enfrentados pelos educadores ao integrar livros digitais e físicos na prática da leitura em sala de aula, como acesso limitado a dispositivos digitais ou resistência à adoção de tecnologia por parte dos alunos. Sendo assim, é possível aprofundar a compreensão sobre como a prática da leitura em sala de aula pode ser enriquecida pela utilização tanto de livros físicos quanto digitais no ensino de língua portuguesa. O objetivo foi compreender o processo de desenvolvimento da leitura nos anos finais do ensino fundamental. A metodologia empregada incluiu uma revisão bibliográfica, abrangendo obras de autores proeminentes como Paulo Freire, Isabel Solé e Luiz Carlos Cagliari, entre outros, que englobaram fontes variadas como livros, artigos científicos, dissertações e monografias. Os resultados revelaram lacunas no entendimento da aquisição da leitura e destacaram a importância da utilização tanto da biblioteca física quanto da virtual para promover o hábito de leitura.

Palavras-chave: Educação, Ensino fundamental, Tecnologia.

¹Docente. Educandário Arco Íris. Tutora no Centro de Educação Superior a distância/Cesad-UFS. E-mail: paula-martins-ramos@hotmail.com

E-mail: paula-

²Graduado em Letras Português – Francês. Pós Graduando em Psicologia e Educação pela Faveni. Tutor no Centro de Educação Superior a distância Cesad/ UFS. Email: ale.hyan@hotmail.com

GAMIFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Paula Martins Ramos  0009-0003-1195-7000

RESUMO: Este estudo investiga os estudantes da Educação Básica da Escola Municipal Eudáio de Lima sobre a implementação da gamificação no contexto educacional. O objetivo é analisar como a gamificação pode ser aplicada para melhorar o processo de ensino-aprendizagem na Educação Básica. A metodologia aplicada envolve conhecimentos de diferentes disciplinas, com revisão bibliográfica, análise de dados e entrevistas. Os resultados destacaram que a gamificação promoveu um aumento significativo no engajamento dos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e estimulantes. Além disso, evidenciou-se que a gamificação contribuiu para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como trabalho em equipe, resolução de problemas e criatividade. Este trabalho demonstrou o protagonismo dos estudantes na busca por soluções inovadoras para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Básica. Portanto, ao integrar elementos de jogos ao ambiente educacional, mostrou-se uma ferramenta promissora para tornar a aprendizagem mais atrativa e eficaz, contribuindo para a formação integral dos alunos e para a melhoria da qualidade da Educação Básica.

Palavras-chave: Engajamento; Gamificação; Motivação.



BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA

Lígia das Neves

Professora da educação básica e do ensino superior, com graduação em Matemática e pós-graduação em Filosofia/Lógica e em Educação. Os vários anos na docência e na gestão pública foram mesclados pela contemplação de dádivas da natureza, especialmente, as plantas e as suas flores. Fotografá-las tem sido a forma de perceber a simplicidade e a exuberância das coisas do mundo.

Expediente

Revista Barbante
Vol. XII - Nº 64 - 30 de junho de 2024
ISSN 2238-1414

12 anos da revista Barbante

Editores

Rosângela Trajano da Silva

Samuel de Souza Mattos

Monalisa Carrilho de Macêdo

Revisão

Dos autores

Conselho editorial

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Beth Iacomini

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



VEM PRA BARBANTE
TAMBÉM!

